OSHO

Questões Essenciais

A jornada de ser humano

É possível encontrar felicidade real na vida cotidiana?



Academia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GRUPO PROVISÃO ESTUDA MECÂNICA Quântica
PNL E AUTO CONHECIMENTO .
WHATZAPP : 65 9 9632 0674

A jornada de ser humano

É possível encontrar felicidade real na vida cotidiana?

OSHO

Questões Essenciais

A jornada de ser humano

É possível encontrar felicidade real na vida cotidiana?

Tradução
Magda Lopes

GRUPO PROVISÃO ESTUDA MECÂNICA Quântica
PNL E AUTO CONHECIMENTO .
WHATZAPP ? 65 9 9632 0674

Academia

Copyright © 2012 OSHO International Foundation, Suíça. www.osho.com/copyrights
Todos os direitos reservados.
TÍTULO ORIGINAL: *The journey of being human*

O material deste livro foi selecionado de várias palestras de Osho proferidas ao vivo para uma plateia. Todas as suas palestras foram publicadas na íntegra na forma de livros, e também estão disponíveis em gravações de áudio originais. As gravações e o arquivo de textos completos podem ser encontrados na biblioteca on-line OSHO no endereço www.osho.com.

OSHO é uma marca registrada da OSHO International Foundation, www.osho.com/trademarks.

Revisão: Abodha e Paula B. P. Mendes
Diagramação: Maurélio Barbosa
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Lisa Marie Pompilio
Imagem de capa: © Photosani/Shutterstock
Produção digital: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O91j

Osho, 1931-1990.
A jornada de ser humano : é possível encontrar felicidade real na vida cotidiana? / Osho ; tradução Magda Lopes. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2014.
256 p.

Tradução de: The journey of being human
ISBN 978-85-422-0317-2

1. Vida espiritual. I. Título.

13-06345

CDD: 299.93
CDU: 299.93

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
AV. Francisco Matarazzo, 1500
Ed. New York – 3º andar – conjunto 32B
05001-100 – São Paulo – SP – Brasil
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Prólogo

Introdução

1. A jornada de ser humano

2. Do berço ao túmulo

3. Em busca da alma

4. Sofrendo em um sonho

5. Extraordinariamente comum

Epílogo: A mina de seus tesouros está dentro de você

Sobre o autor

Resort de Meditação da Osho Internacional

Para mais informações

Prólogo

Lembre-se de que a vida consiste de coisas pequenas; não há coisas grandes. Coisas pequenas acumuladas tornam-se coisas grandes. Um ato isolado pode não parecer muito importante, seja mau ou bom. Um sorriso isoladamente pode não parecer muito importante, mas um sorriso isolado é parte de um longo processo. Uma flor isoladamente não é um buquê, é claro, mas não haverá um buquê se não houver flores isoladas para serem reunidas.

Não menospreze seus fracassos, não menospreze suas boas ações. Todo e qualquer ato é importante: se ele for ruim, você sofrerá; se for bom, você terá prazer na vida. E desfrutar a vida é a única maneira de saber que Deus existe. Só na felicidade está a prova de que Deus existe. Não há prova lógica da existência dele, mas quando você está transbordante de alegria, quando dança com alegria, nessa dança surge uma gratidão espontaneamente. Nasce um agradecimento, uma verdadeira oração. E nessa oração você renasce. E nessa oração não apenas você renasce, Deus nasce também.

A vida consiste de coisas pequenas, e você tem de transformar cada pequena coisa por meio de sua consciência, de sua observação, de seu estar alerta, em um belo ato. Então as coisas comuns podem se tornar extraordinárias.

Perguntaram a um monge Zen: "O que você costumava fazer antes de se tornar iluminado?"

Ele respondeu: "Eu costumava cortar madeira e carregar água do poço".

E então lhe perguntaram: "O que você faz agora que se tornou iluminado?"

E ele respondeu: "Eu corto madeira e carrego água do poço".

O questionador ficou confuso e disse: "Então, parece não haver diferença".

O mestre disse: "A diferença está em mim. A diferença não está em meus atos, a diferença está em mim – mas porque eu mudei, todos os meus atos mudaram. Sua importância mudou: a prosa se tornou poesia, as pedras se tornaram sermões e a matéria desapareceu completamente. Agora há apenas Deus e nada mais. Para mim, a vida agora é uma libertação, é o nirvana".

Introdução

O homem nasce com uma potencialidade desconhecida, misteriosa. Sua face original não está disponível quando ele vem ao mundo. Ele tem de encontrá-la. Ela vai ser uma descoberta, e aí está sua beleza. E essa é a diferença entre um ser e uma coisa.

Uma coisa não tem potencial, ela é o que é. Uma mesa é uma mesa, uma cadeira é uma cadeira. A cadeira não vai se tornar qualquer outra coisa, ela não tem potencialidade; só tem atualidade. Não é uma semente de algo.

O homem não é uma coisa. Isso traz todos os problemas e toda a alegria, todos os desafios, todas as perturbações. A criança chega ao mundo vazia, sem nada escrito nela, nenhuma indicação sequer do que ela vai ser – todas as dimensões estão abertas. Esta é a primeira coisa básica a ser entendida: que uma criança não é uma coisa, uma criança é um ser. Ela ainda não é, ela vai ser. Ela é um processo, e não há possibilidade de prever aonde ela vai terminar; qual será o resultado final de suas experiências de vida, de suas angústias, ansiedades e êxtases; o que ela vai atingir no fim, finalmente.

A soma total e final de toda a sua vida não está disponível no começo. Ela não traz um mapa consigo. Todos os astrólogos o estiveram enganando, os quiromantes o estiveram enganando, e conseguiram fazer isso porque havia uma chance de enganá-lo. Os pais ficam preocupados com o que o filho vai ser. E sua preocupação é por causa do amor; por isso eles podem ser explorados por todos os tipos de enganadores.

Esses enganadores podem prever: "Ele vai ser isto ou aquilo". Eles não causam muito dano; simplesmente exploram um pouco. Suas previsões nunca se confirmam. O maior problema vem do sacerdote, dos políticos, dos pedagogos. O político não está interessado em qual é o potencial real da criança. Ele está interessado em que a criança se torne uma parte de sua viagem de poder. Ele tem um investimento em toda criança, porque toda criança é um potencial amigo ou inimigo. É bom começar a caçar votos o mais cedo possível. Então, antes de a criança começar por si mesma, ela é desviada para um caminho que vai satisfazer o desejo do político, mas vai matar a semente que está dentro dela própria. O sacerdote está interessado – ele tem um investimento. O papa será um papa mais importante se houver mais católicos no mundo. Se os católicos desaparecerem, qual será o valor de um papa? Quem se importaria com ele? Cada criança que nasce tem algum poder que pode ser explorado pelos políticos, pelos sacerdotes…

Logo a criança vai se tornar plenamente um cidadão do mundo – ela deve ser agarrada. Deve se tornar católica se nasceu de pais católicos ou se, felizmente, for órfã, então Madre Teresa poderá cuidar dela e convertê-la ao catolicismo. Eles são imensamente felizes: quanto mais o mundo tem órfãos, mais Madres Teresas do mundo podem ganhar prêmios Nobel – e

mais órfãos significam mais católicos. Quanto mais pobres existirem no mundo, mais pessoas poderão ser facilmente convertidas ao cristianismo.

Jesus disse que o homem não consegue viver só de pão. Isso é verdade para um ser humano autêntico, mas não para as massas. No que se refere às massas, eu lhe digo que o homem vive de pão e só de pão. E se há apenas massas, onde está o ser humano autêntico? Esses políticos, esses sacerdotes, esses pedagogos não deixam ninguém consigo mesmo para que se torne autêntico, para que possa ter sua face original, para que consiga se encontrar.

Em toda parte há pessoas com interesses investidos sobre toda criança. E a criança é simplesmente uma *tabula rasa*, nada está escrito nela; é uma grande tentação para todos escrever algo nela. Os pais, é claro, gostariam de escrever sua religião, sua casta, sua filosofia, sua política, porque a criança deve representá-los. A criança deve carregar a herança deles. Se eles são hindus há séculos, a criança deve ser hindu, carregando a herança do hinduísmo para as futuras gerações. Eles não estão interessados no potencial da própria criança – ninguém está interessado nisso. Estão interessados em seu próprio investimento e, é claro, todo mundo está investindo. Os pais estão investindo muito na criança, dando à luz, criando-a, educando-a; e tudo é condicional – se isso é dito ou não, não vem ao caso. Eles um dia, de algum modo, dirão: "Fizemos muito por você, agora é chegado o momento de você fazer o que queremos que faça". Eles podem não ter consciência do que estão fazendo, porque foram criados assim por seus pais. Geração após geração segue-se o mesmo processo. O professor está interessado em que o aluno o siga. O pregador religioso está interessado em que o discípulo seja um modelo de seus ensinamentos.

O que eu quero que você lembre é que todos estão interessados na criança por algo em que a criança não está de modo algum interessada. Mas a criança não tem saída, ela não pode lutar contra todas essas pessoas. Elas são poderosas. Ela é dependente delas; se querem fazer algo dela, ela tem de se tornar aquilo. Tudo isso fica absolutamente claro para a criança: se ela for contra os pais, está se comportando mal, está traindo-os. Essas ideias também são pregadas pelos pais, pelos sacerdotes, pelos professores. A criança se sente culpada. Qualquer afirmação proveniente de seu próprio eu se transforma em culpa, e cada pretensão dos pais, dos sacerdotes religiosos, dos educadores, dos políticos é muito bem recompensada. A criança começa a aprender política desde o início: a ser hipócrita, submissa. Seja autêntico e você será punido. Ora, a criança tem uma aritmética simples, e não podemos condená-la por isso.

Em uma sociedade melhor, todos irão compreender a integridade de cada pessoa, respeitar até mesmo o ser de uma criança pequena, e não se impor a ela. Mas essa sociedade parece estar longe, muito longe, porque todas as pessoas têm seus interesses estabelecidos e não podem parar suas viagens de ego; elas têm de usar e explorar as pessoas.

Alguém se torna presidente; você nunca pensa que ele se tornou presidente à sua custa, que algo em você foi morto para que aquele homem pudesse se tornar presidente do país. Se deixassem que cada um fosse único, original, seria impossível para as pessoas que são presidentes e primeiros-ministros – que estão governando o mundo e que vêm destruindo-o por milhares de anos, e continuam o destruindo – continuarem fazendo isso.

Com indivíduos haverá tipos de sociedades completamente diferentes: haverá comunas, não sociedades. Não haverá nações, porque elas não serão necessárias.

Qual é a necessidade das nações? A terra toda é uma só. Apenas nos mapas você fica traçando linhas, e sobre essas linhas você continua lutando, matando e assassinando. Esse é um jogo tão estúpido que, a menos que toda a humanidade seja louca, é impossível pensar em como isso pode continuar. Qual é a necessidade das nações? Qual é a necessidade de passaportes, vistos e fronteiras? Toda esta terra nos pertence: onde quer que alguém queira estar, tem o direito de estar. O sol não é propriedade de ninguém, a terra não é propriedade de ninguém, a lua não é propriedade de ninguém; o vento, as nuvens, a chuva – nada é propriedade de ninguém. Como as pessoas traçam essas linhas?

Não há necessidade de nações, exceto porque os políticos necessitam delas, porque sem elas não haveria política; exceto porque os generais necessitam das nações, porque sem elas não haveria guerras; exceto porque as fábricas que produzem armas ficariam sem produção. O que aconteceria com as indústrias bélicas e com toda a energia envolvida nelas? Se não houver nações não haverá necessidade de criar armas. Para quem?

A solução mais simples para salvar a humanidade é remover do mapa todas as linhas. Simplesmente remova todas as linhas dos mapas e você não terá a terceira guerra mundial, e não serão necessários tantos exércitos no mundo todo. Milhões de pessoas não estão fazendo nada além de virar à esquerda, virar à direita… Se alguém olhar de cima, ficará surpreso. Por que as pessoas continuam virando à direita, depois à esquerda, depois dando meia-volta, depois marchando, depois voltando e dispersando? Todos os dias milhões de pessoas estão fazendo isso em toda a terra. Quem olhar de cima certamente pensará que algo está errado – algumas porcas, alguns parafusos, precisam ser colocados no lugar certo.

Essas nações só podem existir se sua personalidade for falsa. Essas igrejas e religiões só podem existir se vocês não tiverem sua face original, porque, se uma pessoa tem sua própria face original, que atividade ela tem de fazer que necessite recorrer ao papa? Para quê? Não há razão para ela ter de procurar algum mestre religioso, algum templo ou alguma sinagoga. E por que deveria se tornar um muçulmano, um cristão, um hindu? Por quê?

Com sua face original você se sentirá tão satisfeito, tão imensamente gratificado e à vontade, que não haverá nenhuma busca a fazer; você já terá encontrado o que precisa.

Mas essas pessoas não vão permitir que você encontre o que precisa. Elas vão distraí-lo, pela simples razão de que elas têm algumas viagens de poder, têm algumas ideias próprias, e você tem de ser sacrificado em prol dessas ideias. Os políticos vão sacrificá-lo pelas políticas deles. As religiões vão sacrificá-lo por seu tipo de política. Ninguém está interessado na criança, e a razão disso é clara. A criança tem de ser moldada em certo padrão que se ajuste a uma sociedade, a uma nação, a uma determinada ideologia. Todos são sacrificados em prol de alguma estúpida ideologia, teologia, política ou religião. É por essa razão que as pessoas são distraídas.

Mas a criança permite isso pela simples razão de não saber quem ela vai se tornar. Naturalmente, ela depende de seus pais, dos mais velhos – daqueles que sabem mais. E ela não tem consciência de que eles não sabem mais; eles estão no mesmo barco, tão ignorantes

quanto a criança; a única diferença é que a criança é também inocente. Eles são ignorantes, mas espertos, e justamente por causa de sua esperteza eles vão escondendo a ignorância em um conhecimento emprestado. E ninguém pergunta: o que você sabe, isso é *seu* conhecimento? Se não é seu conhecimento, livre-se dele; ele não tem valor. O que está fazendo é sua aspiração? Você realmente sente um sino tocando em seu coração? Se isso não está acontecendo, então não desperdice mais nem um único momento.

As pessoas continuam fazendo coisas que outras as obrigaram a fazer – e vão continuar a obrigá-las. É muito improvável que os pais parem de obrigar seus filhos a serem apenas imagens da própria imagem deles, que os professores parem de lhes impor o que quer que eles "saibam", como se realmente soubessem. Eles continuam fingindo que sabem.

Este é o ponto que eu quero que você observe. Você aceitou tudo até agora. O que eles têm dito, você tem aceitado. Você tem de começar a questionar, a duvidar. Não tema as autoridades – não há autoridade. Krishna ou Cristo, Maomé ou Mahavira – ninguém é autoridade. E, se eles são uma autoridade, então são uma autoridade para si próprios, não para você.

Você será uma autoridade para si mesmo apenas se algum dia vier a conhecer a verdade de sua própria face original. Então, você não será uma autoridade para ninguém mais. Ninguém pode ser uma autoridade para outra pessoa. Toda essa ideia de autoridade tem de desaparecer do mundo.

Sim, as pessoas podem compartilhar experiências, mas isso não é autoridade. Não quero lhe impor nada – nem uma única palavra, nem um único conceito. Todo o meu esforço é no sentido de, de algum modo, torná-lo alerta e precavido com relação a todas as autoridades. E no momento em que você vir que há alguma autoridade pairando à sua volta, livre-se dela. Dê um fim a tudo o que ela tenha lhe dado e lhe imposto, e sua face original começará a aparecer.

Você nunca sabe, nunca pode nem sequer imaginar qual será sua face original, qual será seu verdadeiro ser. Só vai saber quando souber, quando estiver frente a frente consigo mesmo, quando não houver nenhum tipo de impedimento e você estiver totalmente sozinho.

Nessa solitude floresceram todos os seres que floresceram.

Não muitos têm florescido. Só um de vez em quando… É uma tragédia estranha que milhões de pessoas nasçam e apenas de vez em quando uma delas desabroche. Por isso eu digo que não há jardineiro, não há nenhum Deus olhando por aí, observando, cuidando, pois por que há milhões de árvores e só uma árvore vem a florescer? A primavera vem e vai e só uma árvore floresce; milhões de árvores simplesmente permanecem estéreis, improdutivas. Que tipo de jardineiro está cuidando do jardim? Isso é prova suficiente de que não há jardineiro, não há Deus; mas isso não significa que você tenha de se tornar pessimista. Na verdade, isso lhe dá uma nova dimensão – você tem de ser seu próprio jardineiro. É bom que não haja Deus, para que você possa ser seu próprio jardineiro. Mas então a responsabilidade será toda sua, você não poderá culpar ninguém.

Estou colocando Deus de lado para que você não possa responsabilizar o pobre velho. Ele já tem sido responsabilizado por tudo: ele criou o mundo, ele criou isto, ele criou aquilo… Eu tiro toda essa responsabilidade de cima dele – ele não existe. Você o criou apenas para jogar sobre ele sua própria responsabilidade. Reassuma sua responsabilidade.

Aceite sua solidão. Aceite sua ignorância. Aceite sua responsabilidade, e então observe o milagre acontecer. Um dia, de repente, você se verá sob uma luz totalmente nova, pois nunca antes olhou para si mesmo. Nesse dia você realmente terá nascido. Antes disso, o que ocorreu foi apenas um processo de pré-nascimento.

1

A jornada de ser humano

O homem é o único ser consciente na terra; essa é sua glória e é também sua agonia. Depende de você se será agonia ou glória. A consciência é uma espada de dois gumes. Você recebeu algo tão valioso que não sabe o que fazer com ele; é quase como uma espada nas mãos de uma criança. A espada pode ser usada corretamente, pode proteger, mas a espada também pode ferir. Tudo o que pode se tornar uma bênção pode também se tornar uma maldição; depende de como você o usa.

Eu tenho ouvido você dizer que a vida em si é tão gratificante, tão transbordante, tão jubilosa – então o que torna uma pessoa infeliz?

A vida é transbordante, a vida é jubilosa, mas o homem perdeu o contato com a vida. Ele se tornou demasiadamente autoconsciente. Essa excessiva autoconsciência atua como uma barreira, e a pessoa permanece viva, mas não realmente viva. Essa autoconsciência é a doença.

Os pássaros são felizes, as árvores são felizes, as nuvens e os rios são felizes, mas eles não são autoconscientes. Eles são simplesmente felizes. Eles não sabem que são felizes.

Buda é feliz, Krishna é feliz, Cristo é feliz, mas eles são pura consciência. Eles são felizes, mas não sabem que o são.

Há uma semelhança entre natureza inconsciente e seres supraconscientes. A natureza inconsciente não tem nenhum eu, e os seres supraconscientes também não têm nenhum eu. O homem está exatamente no meio dos dois. Ele não é mais um animal, não é mais uma árvore, não é mais uma pedra, e não é ainda um buda. Pairando no meio está a infelicidade.

Outro dia um novo buscador me escreveu uma carta, dizendo: "Osho, não quero me tornar um *sannyasin**. Não quero me tornar um super-humano como Buda ou Cristo. Quero me tornar apenas humano. Ajude-me a me tornar apenas humano".

Ora, isso é ambicioso demais, e é impossível. Ser simplesmente humano é impossível. Tente entender. Porque isso significa que você está dizendo: "Deixe-me apenas permanecer no processo, no meio". O homem não é um estado, o homem é apenas um processo. Por exemplo, se uma criança diz: "Não quero me tornar um jovem, não quero ficar velho. Deixe-me simplesmente permanecer uma criança" – isso é possível?

A criança já está se tornando um jovem, ela está no caminho. A infância não é um estado; você não pode permanecer nela, não pode se prender a ela; ela é um processo. A infância já está indo embora, a juventude já está vindo. E do mesmo modo a juventude está indo; por mais

que você tente permanecer jovem, seus esforços estão condenados ao fracasso porque a juventude já está se transformando em velhice.

Você pede para ser simplesmente humano – está pedindo o impossível. Você é ambicioso demais. Você pode se tornar um buda, isso é mais simples. Você pode se tornar um deus, isso é mais simples. Mas dizer que gostaria de permanecer simplesmente humano é impossível porque a humanidade é apenas uma passagem, uma viagem, uma jornada, uma peregrinação. É um processo, não um estado. Você não pode permanecer humano. Se fizer um grande esforço para permanecer humano, irá se tornar inumano. Vai começar a cair. Se você não for em frente, vai começar a escorregar para trás… mas terá de ir para algum lugar. Você não pode permanecer estático.

Ser humano significa simplesmente estar no caminho de ser um deus, e mais nada. Deus é o objetivo. Ser humano é a jornada, o caminho. O caminho não pode nunca ser permanente, não pode se tornar eterno. Do contrário ele seria muito cansativo. O objetivo nunca será alcançado, e você ficará apenas na jornada, na jornada, na jornada.

Ter esperança é ser humano. Mas ter esperança significa esperar ir além. Ter esperança significa desejar ir além. Ter esperança significa esperar superar, transcender. Este é realmente o estado de um ser humano – ele está sempre superando, indo, indo… Algum outro lugar é o objetivo.

A pessoa que me perguntou isso deve ser uma bela pessoa, na verdade pronto para o *sannyas* – mas ela não entende o que está dizendo.

O homem sofre porque o homem tem de sofrer. Não é culpa dele, não significa que está incorrendo em algum erro. Ser humano é sofrer, porque ser humano é estar no meio – nem aqui nem lá, mas pairando no limbo. A angústia surge por causa da tensão.

Nosso lar foi perdido – o lar onde os pássaros ainda estão cantando, os animais ainda estão se movendo, as árvores ainda estão florescendo – o Jardim do Éden. Esse lar foi perdido. Adão foi expulso; Adão se tornou humano. Quando Adão estava no Jardim do Éden ele era um animal; ele não era um Adão, não era um homem. Deus o expulsou do jardim. Essa própria expulsão gerou a humanidade.

O homem é expulso de um lar para que possa buscar outro lar – maior, mais elevado, mais profundo, mais importante. Um lar é perdido, há uma nostalgia; o homem quer se tornar animal. É muito difícil esquecer aquele Jardim do Éden; ele era tão lindo. E há momentos em que nos tornamos como animais – na raiva profunda, na violência, na guerra. Esse é o prazer de estar com raiva.

Por que as pessoas se sentem tão felizes em estar com raiva? Por que sentem um ímpeto de energia em destruir algo? Por que em tempos de guerra as pessoas parecem mais radiantes, mais saudáveis, mais impetuosas, mais inteligentes? Como se a vida não fosse mais um tédio. O que acontece? O homem cai de volta. Ainda que por alguns dias, alguns meses, o homem se torna de novo um animal. Então ele não conhece nenhuma lei, não conhece nenhuma humanidade, não conhece nenhum deus. Daí ele simplesmente deixa cair sua autoconsciência, torna-se inconsciente, e assassina, mata, estupra – faz tudo o que é permitido na guerra. Por isso o homem necessita continuamente da guerra. A cada dez anos uma grande guerra é

necessária, e pequenas guerras têm de ser continuadas o tempo todo. Do contrário seria difícil para o homem viver.

O homem torna-se um alcoólatra, torna-se um viciado em drogas. Através das drogas, o homem tenta recuperar o lar perdido, o paraíso perdido. Quando você está sob a influência de LSD, você está de volta ao Jardim do Éden – pela porta dos fundos. O LSD é a porta dos fundos do Jardim do Éden. Mais uma vez a vida parece psicodélica, colorida; mais uma vez as árvores parecem luminosas como devem ter parecido a Adão e Eva, como elas devem ser agora para os pássaros, tigres e macacos. O verde tem em si uma luminosidade. Tudo parece tão belo! Você não é mais humano, você voltou para trás. Você obrigou seu ser a voltar para trás; por isso as bebidas alcoólicas e as drogas exercem uma enorme atração. Desde o início da história humana, o homem vem buscando as drogas.

Nos Vedas eles chamam de *soma*, agora chamam de LSD, mas não é uma coisa diferente. Por vezes foi *ganja*, *bhang*, agora é maconha e outras coisas, mas é o mesmo velho jogo.

Quimicamente é possível voltar para trás, mas você não pode realmente fazê-lo. Não há retorno; o tempo não permite isso. As pessoas têm de andar para a frente.

Não se pode voltar para trás no tempo. A marcha a ré não existe. Quando Henry Ford fez seu primeiro carro, este não tinha marcha a ré. Só mais tarde eles perceberam que às vezes era muito difícil voltar para casa. Era preciso dar longas voltas, viajar quilômetros desnecessários. Então a marcha a ré foi acrescentada como uma ideia posterior. Mas no tempo não há marcha a ré; não se pode voltar para trás.

O homem tem sonhado com isso, fantasiado sobre isso. Há histórias de ficção científica em que o homem pode voltar no tempo. H. G. Wells teve a ideia de uma máquina do tempo em que a pessoa se sentava nela, colocava-a em marcha a ré e começava a andar para trás. Você é jovem, se torna uma criança, depois se torna um bebê, depois está no útero. E começa a se mover para trás. Mas não existe máquina do tempo. Ela só existe na mente dos poetas, nas fantasias.

Voltar para trás não é possível. Só há uma possibilidade – ir em frente.

O homem tem de permanecer na angústia. Há apenas duas possibilidades – ou voltar para trás ou ir além da humanidade. A humanidade é uma ponte. Não se pode fazer uma casa nela. Ela tem de ser transposta. Não se pode morar nela.

Quando o imperador mongol maometano Akbar construiu uma cidade especial, Fatehpur Sikri, pediu a seus sábios que encontrassem algo, uma frase a ser colocada no alto da ponte que unia a cidade ao resto do mundo. Eles procuraram, pesquisaram e encontraram uma frase de Jesus. Ela não existe na Bíblia; deve ter vindo de alguma outra fonte, dos sufistas. Havia muitos sufistas na corte de Akbar. A frase é a seguinte: "O mundo é como uma ponte – não construa sua casa sobre ela". A frase ainda está lá, sobre a ponte; é bonita. É assim que é.

A humanidade é uma ponte. Não tente ser simplesmente humano, do contrário você se tornará inumano. Tente se tornar super-humano; essa é a única maneira de ser humano. Tente se tornar um deus; essa é a única maneira de ser humano. Não há outra maneira. Tenha como objetivo algum lugar nas estrelas; só então você crescerá.

E o homem é um fenômeno crescente, um processo. Se você não tem nenhum objetivo, o

crescimento para. Então você fica paralisado, torna-se estagnado e estragado. É o que tem acontecido a milhões de pessoas no mundo. Olhe para a face delas – elas parecem zumbis, como se estivessem dormindo ou drogadas, petrificadas.

O que está acontecendo com o coração dessas pessoas? Elas não mostram nenhum frescor, nenhuma vivacidade, nenhuma explosão de vida, nenhuma chama… só entorpecimento. O que está acontecendo com elas? Elas perderam alguma coisa. Estão perdendo alguma coisa. Não estão fazendo aquilo para o qual foram feitas, não estão cumprindo aquele destino que tem de ser cumprido.

Um homem está aqui para se tornar super-homem. Deixe o super-homem ser o seu objetivo. Só então você será capaz de ser homem e estar à vontade.

Quanto mais você se transformar em um super-homem, mais perceberá que não está angustiado nem ansioso. Os brotos estão chegando, haverá um grande regozijo. Logo haverá flores. Você pode esperar, você pode ter esperança, você pode sonhar.

Quando você não está indo para lugar nenhum, quando está tentando apenas ser humano, então o rio parou de fluir. Então o rio não está indo para o oceano. Pois ir para o oceano significa ter um desejo de se tornar o oceano. Do contrário, por que ir rumo ao oceano? Ir para o oceano significa se fundir com o oceano, tornar-se o oceano.

O objetivo é o divino. Você só pode ser humano se fizer todos os esforços, todos os esforços possíveis, para se tornar divino. Nesses próprios esforços, sua humanidade vai começar a brilhar. Nesses próprios esforços, você vai se tornar vivo.

A vida é gratificante, mas você não está em contato com a vida. O antigo contato foi perdido, o novo ainda está por se fazer. Você está em uma passagem, e por isso está tão sem brilho, por isso a vida parece tão medíocre, triste, tediosa – até mesmo inútil.

Disse Jean-Paul Sartre: o homem é uma paixão inútil – uma paixão vã, impotente, causando desnecessariamente tanto drama na vida, e não há nada nela… a vida é sem sentido. Quanto mais você se torna confinado em seu eu, mais a vida se torna sem sentido. Então você fica infeliz. E a infelicidade tem algumas outras compensações.

Quando você está feliz você se torna comum, porque ser feliz é simplesmente ser natural. Ser infeliz é se tornar extraordinário. Não há nada especial em ser feliz – as árvores são felizes, os pássaros são felizes, os animais são felizes, as crianças são felizes. O que há de especial nisso? É apenas a coisa usual na existência. A existência é feita de uma coisa chamada felicidade. Olhe só! Você não consegue ver estas árvores? Tão felizes… Não consegue ver os pássaros cantando? De um jeito tão feliz… A felicidade não tem em si nada de especial. Felicidade é uma coisa muito comum.

Estar jubiloso é ser absolutamente comum. O eu, o ego, não permite isso. Por isso as pessoas falam muito sobre suas infelicidades. Elas se tornam especiais só pelo fato de falarem sobre suas infelicidades. As pessoas continuam falando sobre suas doenças, suas dores de cabeça, seus estômagos, seus issos e aquilos. Todas as pessoas são hipocondríacas de uma maneira ou de outra. E se alguém não acredita na sua infelicidade, você fica magoado. Se alguém se solidariza com você e acredita na sua infelicidade – até mesmo em sua exagerada versão dela –, você se sente muito feliz. Isso é uma coisa estúpida, mas tem de ser entendida.

A infelicidade torna você especial. A infelicidade torna você mais egoísta. Um homem infeliz pode ter um ego mais concentrado do que um homem feliz. Um homem feliz na verdade não pode ter o ego, porque uma pessoa só se torna feliz quando não existe ego. Quanto mais desprovido de ego, mais feliz; quanto mais feliz, mais desprovido de ego. Você se dissolve na felicidade. Você não pode existir junto com a felicidade; você só existe quando há infelicidade. Na felicidade há dissolução.

Você já viu um momento feliz? Já o observou? Na felicidade, você não existe. Quando você está apaixonado, você não existe. Se o amor estabeleceu morada em seu coração, ainda que por alguns momentos, você não existe. Quando você vê o belo nascer do sol, uma noite de lua cheia, um lago silencioso ou uma flor de lótus, de repente você não existe. Quando há beleza, você não existe. Quando há amor, você não existe.

Ao escutar alguém, se você sentir que ali há verdade, você simplesmente desaparece naquele momento. Você não existe, a verdade existe. Quando existe algo do além, você não existe; você tem de abrir espaço para aquilo existir. Você só existe quando há infelicidade. Você só existe quando há uma mentira. Você só existe quando alguma coisa está errada. Você só existe quando o sapato não serve para você.

Quando o sapato serve perfeitamente, você não existe. Quando o sapato serve perfeitamente, você esquece os pés, esquece o sapato. Quando não há dor de cabeça, não há cabeça. Se você quer sentir sua cabeça, precisa ter uma dor de cabeça; essa é a única maneira.

Existir é ser infeliz. Ser feliz é não existir. Por isso Buda diz que o eu não existe. Ele está criando um caminho para você se tornar absolutamente jubiloso. Ele está dizendo que o eu não existe para que você possa se desprender dele. É fácil se desprender de algo quando esse algo não existe. É fácil se desprender de algo quando você entende que ele não existe, é apenas imaginação.

Certo dia, Mulla Nasruddin estava contando a seus amigos na taverna como era sua família. “São nove meninos”, disse ele, “e todos bons, exceto Abdul. Ele aprendeu a ler.”

Quando uma pessoa aprende a ler, começam a aparecer as dificuldades; então o eu começa a surgir. Nas aldeias, as pessoas são mais felizes. Elas estão mais próximas dos animais do que nas cidades grandes – estas estão muito longe. Nas sociedades primitivas, os aborígenes são mais felizes. Eles estão mais próximos das árvores e da natureza do que em Londres, Tóquio, Mumbai, Nova York. Nessas cidades as árvores desapareceram; só há ruas asfaltadas – absolutamente falsas –, prédios de concreto, tudo feito pelo homem.

Na verdade, se de repente alguém do espaço sideral for para Mumbai, Nova York, Tóquio, Londres, ele não vai encontrar ali nenhuma assinatura de deus. Tudo é feito pelo homem. Ao olhar para Tóquio ou Mumbai, pode-se pensar que o homem fez o mundo. Esses prédios de concreto, essas ruas asfaltadas, essa tecnologia – tudo isso foi feito pelo homem. Quanto mais você se distancia da natureza, mais se distancia da felicidade… Cada vez mais você está aprendendo a ler.

Deus expulsou Adão porque ele comeu o fruto da árvore do conhecimento – ele começou a aprender a ler. Deus expulsou Adão – ele se tornou informado. Um homem tem maior probabilidade de ser mais infeliz se for mais informado. A infelicidade existe sempre na exata

proporção de sua carga de conhecimento.

Conhecimento não é saber. Saber é inocência; conhecimento é esperteza. É muito difícil uma pessoa instruída não ser esperta. É quase impossível, porque todo o treinamento é astucioso. O treinamento pertence à lógica, não ao amor. E o treinamento está voltado para a dúvida, não para a confiança. E o treinamento tem de ser desconfiado, não confiante. E o treinamento é que todos tentam enganá-lo; portanto, fique alerta. E antes que alguém tente enganá-lo, engane-o – porque essa é a única maneira de você ficar protegido.

Maquiavel disse que a melhor maneira de se defender é sendo agressivo. Veja, todos os governos do mundo chamam sua organização militar, o exército, de "defesa". São todos dispositivos para o ataque, mas eles os chamam de "defesa". Até Hitler chamava suas forças armadas de "defesa". Ninguém no correr dos tempos jamais disse: "Eu estou atacando". Eles dizem: "Estamos nos defendendo". Todos seguem Maquiavel. Todos respeitam Mahavira, Maomé, Moisés, e todos seguem Maquiavel. No que se refere a respeito, vá ao templo, leia a Bíblia. Mas, no que se refere à vida real, leia *O Príncipe*, leia Maquiavel, leia Chanakya.

Em Déli, a capital indiana onde vivem os políticos, eles a chamam de Chanakyapuri – a cidade de Maquiavel. Chanakya é a contraparte indiana de Maquiavel, e ainda mais perigosa do que ele. Quanto mais uma pessoa se torna instruída, mais maquiavélica e mais esperta ela é.

Quando o livro de Maquiavel, *O Príncipe*, foi publicado, ele achava que todos os reis da Europa iriam convidá-lo, que ele seria colocado em um alto cargo como conselheiro de algum rei. Mas ninguém o convidou. O livro foi lido, o livro foi seguido, mas ninguém convidou Maquiavel. Ele ficou surpreso. Ele indagou. Então ficou sabendo que, ao lerem o livro, eles ficaram com medo dele. Ele era tão esperto que lhe dar um alto cargo era perigoso. Se ele seguisse seu próprio livro, iria destruir, iria derrubar o rei. Mais cedo ou mais tarde se tornaria o rei. E ele viveu como um homem pobre, jamais conseguiu ocupar um cargo influente.

A educação torna você mais esperto. E, é claro, a educação o torna mais infeliz. Ser religioso é se livrar de toda essa bobagem. Ser religioso significa aprender a desaprender, a se deseducar novamente. Seja para o que for que o mundo o tenha condicionado, você tem de se descondicionar. Do contrário, estará manietado. O homem é infeliz porque está preso em sua própria rede. Ele tem de sair dela – e somente uma estrela distante lhe será útil.

Talvez não exista deus. Não estou preocupado com isso. Mas você precisa de um deus, de uma estrela distante rumo à qual se mover. Talvez quando chegar lá você não encontre Deus, mas terá então se tornado um deus. Atingindo essa estrela, você terá crescido.

O homem é infeliz porque aprendeu os truques para ser infeliz. O ego é a base disso. O homem é infeliz porque o êxtase e a felicidade estão muito obviamente disponíveis – esse é o problema.

A primeira vez que me encontrei com Mulla Nasruddin foi assim: eu o vi pescando em um lago. Eu nunca tinha ouvido falar dele. Fiquei observando-o. Horas se passaram e nem um único peixe apareceu. E lhe perguntei: "O que está fazendo aqui? Logo ali tem outro lago, você não sabe? E lá há muitos peixes".

Ele disse: “Eu sei. Há tantos peixes naquele lago que para eles é até difícil nadar. O lago está cheio de peixes”.

“Mas então por que você está sentado aqui? Não estou vendo nenhum peixe.”

Ele disse: “Por isso estou sentado aqui. Qual a razão de pescar no outro lago? Qualquer tolo pode fazer isso. Pescar aqui é algo especial!”

O ego continua pescando em lagos onde não há peixes. O fato de isso ser óbvio, de isso estar disponível, não é atrativo. Por isso perdemos Deus. Deus está disponível. Deus está em tudo o que o cerca. Ele é a própria atmosfera em que inspiramos e expiramos. Ele é nossa própria vida. Ele é o oceano em que vivemos, em que nascemos e no qual vamos nos dissolver. Mas ele está tão perto que nada nos distancia dele. Como podemos senti-lo?

Observe isto em sua própria vida. Seja o que for que você tenha, perde o interesse para você. Você tem uma bela casa. Ela é bela apenas para seus vizinhos, não para você. Você tem um belo carro. Ele é belo só para os outros que não têm carros; não é belo para você. Você tem uma bela mulher ou um belo homem – isso não se torna nenhum atrativo. Você o tem, isso é suficiente. As pessoas só são atraídas por aquilo que elas não têm. O não existencial atrai.

Eu ouvi:

“Escute, Ramon”, disse Mulla Nasruddin, quando eles se encontraram um dia na rua, “eu queria lhe perguntar uma coisa.”

“Vá em frente, Mulla”, disse seu amigo.

“Minha esposa está muito gorda. Na verdade, quando ela tira seu espartilho à noite, ela é uma enorme bolha. Sua esposa é assim?”, perguntou Nasruddin.

“Ah, não. Minha esposa tem um corpo lindo. Na verdade, ela é tão elegante que não usa nenhuma roupa íntima, e é uma verdadeira maravilha”, respondeu Ramon.

“Bem”, continuou Nasruddin, “minha esposa é tão feia que na hora de dormir cobre o rosto com cremes e enche os cabelos de rolinhos. Sua esposa não faz isso?”

“Ah, não. Minha esposa não precisa de cremes nem de maquiagem, e seu cabelo é magnífico”, respondeu o amigo.

“Bem, Ramon, só tenho mais uma pergunta. Então por que você anda atrás da minha esposa?”, perguntou Nasruddin.

Esse é o comportamento do ego – está sempre atrás da esposa de alguém, sempre atrás de algo que não tem. Uma vez que o tem, todo o interesse é perdido.

Por isso um egoísta permanece infeliz, porque para ser feliz a pessoa tem de ser feliz com aquilo que tem. Você não pode ser feliz com aquilo que não tem; só pode ser infeliz com isso. Você só pode ser feliz com aquilo que tem. Como pode ser feliz com aquilo que não tem? E o ego está sempre interessado apenas naquilo que você não tem.

Você tem 10 mil dólares – o ego não está mais interessado neles. Está interessado em 20 mil. Quando você tiver 20 mil, ele não estará mais interessado neles. Estará interessado apenas em 30 mil. E assim por diante…

O ego só lhe dá objetivos, mas, quando você atinge os objetivos, ele não lhe permite celebrar. Você se torna cada vez mais infeliz! À medida que a vida passa, continuamos

coletando infelicidade, continuamos acumulando infelicidade. E é muito difícil compreender isto – que você está causando sua própria infelicidade; que está relacionada ao ego. Então lança a responsabilidade sobre os outros.

Se você é infeliz, acha que a sociedade também é, que seus pais estavam errados. Se você ouvir os freudianos, eles dirão que isso é culpa de seus pais, dos condicionamentos de seus pais. Se ouvir os marxistas, eles dirão que isso acontece devido à estrutura social, à sociedade. Se ouvir os políticos, eles dirão que isso é assim porque este é o tipo errado de governo. Se ouvir os educadores, eles dirão que é assim porque é necessário outro tipo de educação.

Ninguém diz que você é responsável – a responsabilidade é lançada sobre os outros. Logo é impossível ser feliz, porque se os outros o estão tornando infeliz, então está fora de seu alcance ser feliz – a menos que o mundo todo seja modificado de acordo com você.

Ora, é difícil escolher seus pais. Isso já aconteceu. O que fazer?

Alguém perguntou ao escritor Mark Twain: "O que uma pessoa precisa fazer para ser realmente feliz?"

Ele respondeu: "A primeira coisa é a pessoa escolher direito seus pais".

Ora, isso é impossível; já aconteceu. Você não pode escolher seus pais agora. Agora você deve escolher uma sociedade certa. Mas você está sempre em uma sociedade. Você não a escolhe. Está sempre no meio dela. E se quiser criá-la segundo o desejo de seu coração, toda a sua vida será desperdiçada. E nunca será modificada, porque esse é um fenômeno muito grande, e você é tão minúsculo.

A única esperança de transformação é que você possa mudar a si mesmo. Essa é a única esperança, não há outra.

Mas o ego não quer assumir a responsabilidade. Ele continua lançando a responsabilidade sobre os outros. Ao lançar a responsabilidade sobre os outros, você está também lançando sua liberdade, lembre-se disso. Ser responsável é ser livre. Dar a responsabilidade a outra pessoa é ser um prisioneiro.

Esse é o ponto de vista religioso. A religião diz que você é responsável. Por isso Marx é tão contrário à religião. Seu raciocínio é claríssimo. Ele sabe disso perfeitamente bem – que no mundo pode existir ou a religião ou o comunismo. Ambos não podem coexistir. E ele está certo: ambos não podem coexistir. Eu concordo com ele.

Nossas escolhas são diferentes. Eu gostaria que a religião existisse, ele gostaria que o comunismo existisse, mas concordamos que ambos não podem coexistir. Porque o ponto de vista do comunismo é que os outros são responsáveis por sua infelicidade. E o ponto de vista religioso é que, exceto você, ninguém mais é responsável. O comunismo diz que uma revolução social é necessária para que o mundo seja feliz. A pessoa religiosa diz que uma revolução pessoal é necessária para que a pessoa seja feliz.

O mundo nunca vai ser feliz; ele nunca foi nem nunca vai ser. O mundo está condicionado a ser infeliz; só os indivíduos podem ser felizes. Isso é uma coisa pessoal.

É necessário consciência para ser feliz. É necessário intensidade para ser feliz. É

necessário percepção para ser feliz. O mundo nunca pode ser feliz porque ele não tem percepção. A sociedade não tem alma; só o homem a tem. Mas é muito difícil para o ego aceitar este fato.

Isto aconteceu:

Mulla Nasruddin tornou a vida muito difícil para seus partidários porque ele acreditava ser infalível. Finalmente, um de seus trabalhadores falou: "Nasruddin, você certamente não esteve certo o tempo todo".

"Houve uma ocasião em que eu estava errado", admitiu Mulla.

"Quando foi isso?", perguntou o trabalhador surpreso. Ele não conseguia acreditar que Nasruddin algum dia admitisse que tivesse estado errado, mesmo uma única vez. Não conseguia acreditar no que ouvia. E repetiu: "Quando foi isso!?"

"A única vez", lembrou Mulla Nasrudin, "foi quando eu achei que estava errado, mas na verdade eu não estava."

O ego é extremamente defensivo. O ego nunca está errado, e por isso você vive infeliz. O ego é sempre infalível, por isso você vive infeliz.

Comece a olhar pelas frestas. Torne seu ego falível – e ele vai cair e desaparecer. Não continue o apoiando, do contrário estará apoiando sua própria infelicidade. Mas continuamos apoiando-o. De boas maneiras, de más maneiras, continuamos lhe dando suporte.

Você diz que alguém é um bom homem, um homem ético, um homem muito respeitável. Ele tem seus próprios apoios e escoras para seu ego. Ele vai ao templo todos os dias, vai à igreja, lê a Bíblia ou o Gita, segue as regras da sociedade. Mas está apenas tentando encontrar escoras para seu ego – ele é um homem religioso, um homem respeitável, um homem ético.

Mas há outro homem que nunca segue as regras da sociedade – nunca vai à igreja. Sempre que encontra uma oportunidade de quebrar uma regra, ele a aproveita. Ele está desfrutando de outro tipo de ego – o ego do criminoso, o ego da pessoa imoral. Ele diz: "Eu não me importo". Mas ambos estão encontrando apoios para a mesma coisa infeliz. Ambos serão infelizes.

Enquanto Muldoon descia a rua, beliscou uma mulher desconhecida por trás, atirou um tijolo na vitrine de uma joalheria e xingou uma senhora idosa. "Isso deve ser feito!", disse a si mesmo. "Quando eu for me confessar, terei bastante coisa para contar."

Mesmo quando as pessoas se confessam, não querem confessar pequenos pecados – não vale a pena confessá-los. Esta é a experiência de muitos sacerdotes de várias religiões – que as pessoas exageram seus pecados. Quando vão se confessar, elas exageram. Elas podem ter matado uma formiga e acham que mataram um elefante. Elas exageram porque não satisfaz o ego fazer uma coisa tão pequena.

Os comportamentos do ego são muito sutis. Se você for a uma prisão e escutar a conversa das pessoas que estão ali confinadas, ficará surpreso. Elas todas vão se vangloriar porque realizaram muitos roubos e mataram muitas pessoas. Podem não ter feito absolutamente nada, mas esse é o comportamento do ego. Então você fica infeliz e preocupado. Por quê? Você cria uma barreira entre você e a vida. O ego não é nada exceto uma barreira.

Quando eu digo para abandonar o ego, quero dizer derrubar todas as linhas de demarcação.

Você não está separado da vida, você é parte dela… Como uma onda, você é parte do oceano. Você não está de modo algum separado. Nem como um santo você está separado, nem como um pecador você está separado. Você não está de modo algum separado. Você está em união com a vida. Você não é dependente nem independente da vida – somos interdependentes.

Quando você entende que somos todos interdependentes, vinculados um ao outro… a vida é um todo; nós somos apenas manifestações dela… Então você começa a se tornar jubiloso. E então não há ninguém que possa impedi-lo de se rejubilar.

O júbilo é muito óbvio. O júbilo é muito íntimo. O júbilo é tão natural e tão íntimo que a mente tende a esquecê-lo. Toda criança nasce em um estado de bem-aventurança, e toda pessoa – quase toda pessoa – morre em uma enorme infelicidade. Só raramente alguém – um buda, um Jesus – morre em um estado de júbilo. O que acontece? O que está errado?

Quando uma criança nasce ela não está separada. Quando a criança está no útero da mãe ela é parte da mãe, ela não existe separadamente. Daí ela nasce – então, também permanece parte da mãe. Ela continua sendo alimentada pela mãe. Depois continua girando em torno da mãe. E então, pouco a pouco, ela cresce.

Esse crescimento pode ser de dois tipos. Se ela crescer como crescem as pessoas comuns, então vai crescer na direção de um ego, vai se tornar dura, criar uma carcaça dura em torno de si, e isso vai torná-la infeliz. Essa não é a maneira certa de crescer. Algo se degenerou, algo deu errado.

Para mim, se a mãe é religiosa, se o pai é religioso, se a família é religiosa… E quando eu digo religioso não quero dizer que são cristãos, hindus, muçulmanos, jainistas ou budistas – isso não tem nada a ver com religião. Na verdade, todas essas coisas jamais permitem que a religião se desenvolva. Se a criança é obrigada a seguir um dogma, uma ideologia dogmática, então o ego juntará coisas, o ego vai se tornar cristão, e vai ser contra os hindus e contra os muçulmanos. Ou então o ego vai se tornar hindu e será contra os cristãos e contra os muçulmanos.

Mas se a casa for realmente religiosa – e por *religioso* quero dizer meditativo, amoroso –, ela vai ajudar a criança a existir, mas sem o ego. Vai ajudar a criança a sentir cada vez mais a afinidade, a unidade que existe. A criança tem de ser ajudada; ela é indefesa, ela não sabe onde está, não sabe para onde está indo. Se ela for amada e houver um ritmo meditativo na família e se a família vibra com o silêncio e a compreensão, a criança vai começar a crescer na direção de uma maneira de ser mais orgânica. Ela não vai se sentir separada, vai começar a aprender como se tornar parte.

Isso não aconteceu. Não estou lhe dizendo que você deva ficar com algum ressentimento a respeito disso. Mas você pode fazer isso agora: pode parar de ajudar seu ego e começar a se livrar da carga. Faça questão de não perder nenhuma oportunidade em que consiga se sentir unido a algo. Se estiver uma noite de lua cheia, sinta-se unido à noite de lua cheia. Permita-se fluir… jorrar com ela, dançar, cantar… e livre-se de seu ego.

Não há nada melhor do que a dança para você se livrar do ego; por isso eu insisto que todos os meditadores devem dançar. Porque se você realmente entrar em um redemoinho, se você se tornar uma piscina rodopiante de energia, se estiver realmente na dança, o dançarino

se perde. Na dança o dançarino sempre se perde. Se ele não se perder, então não está dançando. Pode estar fazendo uma apresentação, pode estar gestualizando, pode estar realizando exercícios corporais, mas não está dançando.

Dançar significa estar perdido, estar embriagado – e desfrutar da energia que é criada pela dança. Pouco a pouco você vai ver que seu corpo não é mais tão sólido quanto era antes. Pouco a pouco você vai ver que está se fundindo; os limites estão perdendo seus contornos, estão se tornando um tanto vagos. Você não consegue perceber exatamente onde você termina e onde o mundo começa. Um dançarino está em tal redemoinho, se torna tal vibração, que toda a vida é sentida fluindo num único ritmo.

Então, sempre que você conseguir encontrar um momento, um lugar, uma situação… Você está apaixonado por alguém; não perca esta oportunidade. Não fale bobagens, não invoque seu ego nem se vanglorie. Livre-se disso! O amor é enormemente divino, Deus bateu à sua porta. Deixe-se perder. Segure as mãos de sua mulher, ou de seu homem, ou de seu amigo. Deixem-se perder! Cantem juntos ou dancem juntos – mas deixem-se perder. Ou fiquem sentados juntos – mas deixem-se perder! E sinta que você não é mais um indivíduo. Sentado ao lado de uma árvore, deixe-se perder.

Foi isso que aconteceu com Buda. Naquele momento, a árvore bodhi e Buda se tornaram um só. Durante 500 anos após Buda não foram construídas estátuas de Buda. Só a figura da árvore bodhi era venerada. Isso foi extremamente belo. Essas pessoas devem ter entendido. Apenas a árvore bodhi era adorada. Nos templos budistas havia apenas um símbolo da árvore bodhi. Porque naquele momento Buda desapareceu completamente. Ele não estava ali, só a árvore bodhi estava ali. Ele estava completamente perdido.

Desaparecendo, você aparece. Não ser é o jeito do ser real.

E isso pode acontecer na vida cotidiana. Você não precisa ir para os Himalaias ou para um mosteiro. Há milhões de oportunidades na vida cotidiana, milhões de situações grandiosas em que isso pode acontecer. Você só tem de ser um pouco observador e um pouco corajoso para usá-las. Quando começar a usá-las, cada vez mais situações ocorrerão. Elas sempre estiveram chegando, mas você não tinha consciência delas e as perdeu.

Sentado na praia tomando um banho de sol, funda-se com o sol. Essa é uma experiência de energia. De repente, você vê que não é nada além de energia solar. Fundindo-se e se unindo ao sol, os hindus passaram a adorar o sol. Eles dizem: "O sol é Deus". Eles dizem: "A lua é Deus". Eles adoravam as árvores como coisas divinas. Eles adoravam os rios, as montanhas.

Isso é muito significativo. Onde quer que encontrassem Deus… sentados à beira de um rio, escutando a bela música do rio, vendo belos padrões de ondas, eles se fundiam, se dissolviam, o rio se tornava o deus. Isso acontecia lá. Sentados sobre uma montanha solitária, eles se dissolviam e desapareciam – aquela montanha se tornava seu deus.

Deus chega até você de milhões de maneiras, mas seu ego nunca lhe permite vê-lo. E ele chega de maneiras tão comuns que você o perde. Ele nunca chega como um monarca em uma grande procissão, com uma grande banda, ruído e confusão. Ele nunca chega assim. Só as pessoas tolas fazem isso. Deus chega muito silenciosamente – nunca chega gritando, mas sussurrando. Você terá de estar muito quieto para entender sua mensagem. Ela é um sussurro

de amor. E o homem tende a esquecer o que é natural.

Ouvi uma anedota muito bonita:

Um americano muito ingênuo foi a Paris e entrou em uma discussão com um francês sobre o número de maneiras de fazer amor.

"Há 69 maneiras de fazer amor, monsieur", disse o francês.

"Eu achei que só havia uma – o homem por cima da mulher", disse o americano.

O francês se desculpou. "Monsieur", disse ele, "eu sinto muito, eu calculei mal. Há 70 maneiras de fazer amor."

O mais simples, o mais natural, a mente tende a esquecer. A mente está sempre interessada em algo excepcional – porque esse é o interesse do ego. O ego não está interessado no comum – e Deus é muito comum. O ego não está interessado no simples – e Deus é muito simples. O ego não está interessado no que está perto – e Deus está muito perto. E assim você vai perdendo o êxtase e se torna infeliz.

Cabe a você mudar isso. A escolha é sua. Cada momento da vida lhe proporciona duas alternativas: ser infeliz ou ser feliz. Depende de sua escolha. O que quer que escolha ser, você vai se tornar.

Diz-se que um místico sufista, Bayazid, era um homem tremendamente feliz, quase extático. Ninguém jamais o viu infeliz, jamais ninguém o viu triste, ninguém jamais o viu fazendo qualquer coisa como resmungar, se queixar… O que quer que acontecesse, ele estava feliz. Nem sempre era algo bom, nem sempre era algo certo para os outros. Às vezes não havia alimento, mas ele estava feliz. Às vezes ele vivia dias sem comer, mas estava feliz. Às vezes não havia roupas, mas ele estava feliz. Às vezes ele tinha de dormir ao relento, mas estava feliz. Sua felicidade permanecia imperturbada. Era incondicional.

Ele foi questionado repetidas vezes, mas apenas ria e nunca dizia nada. Quando ele estava morrendo, alguém perguntou: "Bayazid, agora nos ensine seu segredo. Você logo estará partindo. Qual era seu segredo?"

Ele disse: "Não há nenhum segredo. Era uma coisa simples. Toda manhã quando eu abria os olhos, Deus me dava duas alternativas. Ele dizia: 'Bayazid, você quer ser feliz ou infeliz?' E eu dizia: 'Ora, Deus, eu quero ser feliz'. E eu escolhia ser feliz e permanecia feliz. É uma escolha simples, não há segredo nenhum".

Experimente fazer isso. Toda manhã quando se levantar, antes de fazer qualquer coisa, decida. Se você decidir ser infeliz, não há nada de errado nisso. A decisão é sua. Mas então se apegue a isso: permaneça infeliz, o que quer que aconteça. Mesmo que você ganhe na loteria, não fique preocupado – continue infeliz. Mesmo que seja eleito primeiro-ministro ou presidente, continue infeliz, apegado à sua escolha. E então verá – você pode continuar infeliz se assim escolher. O mesmo acontece com a felicidade. Se optar por ser feliz, você pode continuar feliz.

No dia em que você resolver que sua decisão é ser feliz ou infeliz, terá pegado sua vida nas mãos – você terá se tornado um mestre. Agora nunca diga que outra pessoa o está fazendo infeliz. Essa é uma declaração de escravidão.

Buda estava passando. Algumas pessoas estavam reunidas e o insultaram muito. Ele as ouviu muito atentamente, muito amorosamente. Quando terminaram, ele disse: "Se vocês disseram tudo o que queriam dizer, posso ir agora? Porque tenho de chegar à outra aldeia antes que o sol se ponha. Se ainda tiverem mais coisas a dizer, volto daqui a alguns dias; vocês então me dirão nessa ocasião". Mas ele estava absolutamente imperturbado, seu silêncio permanecia o mesmo, sua felicidade, a mesma, sua vibração, a mesma.

Aquelas pessoas ficaram intrigadas. Elas disseram: "Você não está zangado conosco? Nós o insultamos, lhe dissemos coisas feias".

Buda disse: "Vocês terão de continuar intrigados. Chegaram um pouco tarde. Deviam ter chegado dez anos antes – daí teriam conseguido me perturbar. Então eu não era meu próprio mestre. Agora, vocês têm sua liberdade de me insultar, e eu tenho a minha liberdade de receber ou não seu insulto. Não o recebo. Vocês me insultam, é verdade. Essa é a decisão de vocês. Sou livre para receber ou não seu insulto. E eu digo que não o recebo. O que vocês vão fazer com ele? Eu também fico intrigado – porque na última aldeia em que estive as pessoas me receberam com doces e eu disse que não precisava; assim, elas tiveram de levá-los de volta. Eu lhes pergunto: o que elas devem ter feito com os doces?"

Aquelas pessoas disseram: "Elas devem ter distribuído tudo na aldeia ou elas mesmas os comeram".

Buda disse: "Agora pensem em vocês. Vocês me receberam com esses insultos e eu disse: 'Já é suficiente. Não preciso mais disso. Não funciona mais'. O que vocês vão fazer? Terão de levá-los de volta. Sinto muito por vocês".

A decisão é sua. A vida é sua decisão, sua liberdade.

O que é agonia e o que é êxtase?

São a mesma coisa. Eles não são opostos como se entende que sejam. São complementares, partes intrínsecas de um todo orgânico. Um não pode existir sem o outro.

Será um pouco difícil de entender por que eles têm sido sempre considerados opostos polares. Visto de fora, eles são opostos polares. Mas, visto de dentro, todos os opostos polares estão unidos. Os polos negativos ou positivos da eletricidade, o corpo e a alma – vistos de fora –, eles não são apenas diferentes, mas antagônicos. Vistos de dentro, são dois aspectos de um fenômeno.

Vamos primeiro tentar entender seu significado.

O que é agonia?

Não é o sofrimento comum, a infelicidade, a dor.

Todas essas são coisas muito superficiais, como ondas na superfície de um lago. Elas não têm nenhuma profundidade. Você conheceu muitas dores, muitas infelicidades, muitos momentos de sofrimento, e sabe perfeitamente bem que eles vêm e vão. Eles não deixam nem mesmo um vestígio atrás deles, não deixam marcas atrás.

Sim, enquanto eles estão presentes, você sente que está completamente engolfado na dor. Mas quando eles se vão você sabe perfeitamente bem que aquilo foi apenas um entendimento momentâneo emocional, sentimental e não inteligente da coisa. Quando você estava na nuvem, você foi engolfado. Mas a nuvem se vai com o vento e você fica fora dela, e então sabe exatamente que mesmo na nuvem você estava fora dela, você não era ela.

Observe esta diferença, porque é uma diferença fundamental.

A agonia não está separada de você, ela é você.

A dor, o sofrimento, a infelicidade são todos separados de você; por isso, momentaneamente eles vêm e vão. Eles têm causas; quando as causas são removidas, eles desaparecem. Eles são em sua maioria criações suas.

Você espera algo e isso não se materializa: vem então uma grande frustração. Você sente dor, desesperança, como se tivesse sido rejeitado pela existência. Nada disso aconteceu – tudo se deve à sua expectativa. Quanto maior a expectativa, maior será a frustração.

Está em suas mãos ser ou não frustrado na vida. Se suas expectativas se tornarem cada vez menores, na mesma proporção, a frustração se tornará menor. Chegará um dia em que não haverá expectativa; então você nunca mais irá se deparar com nenhuma frustração.

Você pensa, você imagina, alguns momentos de prazer – e eles não se materializam, porque a existência não tem obrigação de materializar sua imaginação. Ela nunca lhe prometeu que o que quer que você pense irá acontecer. Você considerou uma coisa como certa sem qualquer questionamento, como se toda a existência lhe devesse algo.

Você é que deve tudo à existência.

A existência não lhe deve nada.

Então, se você está correndo para pegar sombras, você não conseguirá pegá-las – isso não está na natureza das coisas. E então há sofrimento, porque você estava tão absorvido correndo atrás das sombras que sentia mesmo uma espécie de gratificação. Havia um objetivo ali; embora não estivesse em suas mãos, mas longe, ainda assim estava ali. E era apenas uma questão de tempo, de um pouco mais de esforço. Seja um pouco mais norte-americano: tente e tente de novo – e mais cedo ou mais tarde a existência vai render frutos.

A existência não se importa com quem você é, norte-americano ou russo. Ela nunca rende frutos para ninguém – ela simplesmente segue seu próprio curso. Ao fazer um esforço para satisfazer seus desejos, para forçar a natureza, a existência, a seguir você, você está criando causas de dor, de sofrimento.

No momento em que você entender isso, vai abandonar essas causas.

E o abandono das causas é o desaparecimento de toda a sua infelicidade.

Era uma projeção sua.

Há uma história sufi sobre uma raposa muito esperta. Todas as raposas são espertas, mas há também raposas políticas. Esta era uma raposa política, muito esperta. Um dia ela acordou se sentindo muito faminta e saiu de sua caverna em busca do café da manhã. O sol estava se levantando e ela viu sua sombra tão longa que não conseguiu acreditar. Ela disse: “Meu Deus! Eu sou assim tão grande? Se sou, onde vou conseguir encontrar meu café da manhã? Vou

precisar de pelo menos um camelo; menos que isso não vai me satisfazer. Minha sombra é tão grande, então naturalmente eu devo ser tão grande quanto ela". Isso é lógica, perfeitamente aristotélica. Você não pode dizer que ela está errada.

Você também só vê a si mesmo no espelho – não há outra maneira. Já se viu de qualquer outra maneira exceto através de uma sombra?

Então, não ria da pobre raposa. Como ela pode imaginar que uma coisa pequena possa produzir uma sombra tão grande? É muito natural concluir que, se a sombra é grande, você também deve ser muito grande.

E quando se trata de se sentir grande, quem vai argumentar contra isso? Quando alguma coisa lhe dá a sensação de grandeza, você não quer entrar em detalhes para descobrir se isso é verdade ou não, se é logicamente certo, cientificamente provável. Não, todo o seu ser fica muito encantado…

A raposa realmente sentiu essa grandeza. Você podia ver – seu andar mudou. Mas onde ela pode encontrar um camelo para seu café da manhã? E mesmo que consiga encontrar um camelo, isso será absolutamente inútil; ela não pode fazer um café da manhã de um camelo. Ela procura, encontra muitos animais pequenos que teriam sido suficientes em qualquer outro dia, mas hoje é diferente. Ela não se importa mais com todas as criaturas pequenas. Elas ficarão simplesmente perdidas em seus dentes. Ela precisa de um camelo, de um elefante ou de algo grande.

Mas ela não encontra nada grande. O sol continua subindo cada vez mais alto, e ela vai ficando cada vez mais faminta. Quando o sol está exatamente acima de sua cabeça, ela olha de novo para sua sombra: ela encolheu tanto que está bem debaixo dela. Ela diz: "Meu Deus! Veja o que a fome faz às pessoas. Apenas uma manhã sem meu café e olhe o que aconteceu comigo! De manhã eu era tão grande; apenas meio dia se passou e agora esta é minha situação. Agora, mesmo que eu consiga qualquer criatura pequena, ela poderá ser demais, posso não ser capaz de digeri-la!"

Esta história sufi é importante. É nossa história.

Esta é nossa agonia: estamos tentando nos tornar algo que não está na natureza das coisas. Não estamos permitindo que a natureza siga seu curso; essa é nossa agonia.

Quando eu estava saindo da casa de meus pais para ir para o alojamento na universidade, eles perguntavam insistentemente: "O que você quer se tornar?" E eu lhes dizia: "Essa pergunta é totalmente sem sentido. Como vou saber o que vou me tornar? Só o tempo vai mostrar".

Eles não conseguiam me entender. E disseram: "Olhe para todos os seus amigos: um vai se tornar médico, outro vai se tornar engenheiro, alguém vai se tornar isto, alguém vai se tornar aquilo. Você é a única pessoa que vai para a universidade sem ter qualquer ideia do que quer se tornar".

Eu disse: "O que vou me tornar não me preocupa. Quero deixar as coisas seguirem seu curso. Vou adorar descobrir o que a natureza fará de mim, mas não tenho nada programado. Isso significaria que eu estaria tentando impor algo à natureza e eu quebraria a cara".

O homem vem quebrando a cara há milhares de anos pela simples razão de ele querer

conquistar a natureza.

Alguém chegou a escrever um livro chamado *A conquista da natureza*. A natureza não pode ser conquistada. Veja a insensatez da ideia. Você é parte da natureza, uma parte pequena, minúscula, de uma natureza tão infinita. E a parte está tentando conquistar o todo – como se seu dedo mindinho estivesse tentando conquistar você.

Como você pode conquistar a natureza?

A natureza é sua própria alma.

Quem vai conquistar quem?

Onde está a separação?

Eu disse a meus pais: "Por favor, deixem-me ir. Não vou projetar nada para meu futuro. Quero mantê-lo aberto para estar disponível caso a natureza queira algo de mim. Se nada for desejado de mim, isso também é perfeitamente bom. Quem sou eu para esperar que algo deva ser desejado de mim? Um dia eu não fui, um dia não serei. Há apenas alguns dias no meio – por que fazer tanto barulho por isso? Não se pode passar silenciosamente por este pequeno intervalo entre o nascimento e a morte sem fazer barulho, erguer bandeiras e gritar slogans? Não se pode simplesmente passar?"

Mas eles disseram: "Esse não é o caminho. Todos têm de ter um ideal; do contrário, estarão perdidos".

Eu disse: "Eu adoraria estar perdido, mas permanecer verdadeiro para a natureza, para a existência, em vez de atingir um grande ideal contra a natureza, contra a existência. Em primeiro lugar, naquilo que vocês dizem que eu estarei perdido, estarei jubilosamente perdido. Em segundo lugar, naquilo que vocês acham que eu conseguiria algo, não serei nada senão dor, sofrimento e, finalmente, agonia".

A agonia é a coisa mais profunda em você.

E ela só acontece ao homem.

Todos os outros animais são isentos de agonia – mas também são isentos de êxtase. A agonia e o êxtase acontecem juntos; do contrário, eles simplesmente não acontecem.

Você já viu algum animal em êxtase ou em agonia? Um búfalo em agonia, angustiado? O simples fato de pensar isso parece absurdo. Um búfalo em agonia? Por que razão ele estaria em agonia? O búfalo nunca tentou se tornar a rainha da Inglaterra – por que deveria estar angustiado? Ele simplesmente permitiu que a natureza fizesse qualquer que fosse o desejo da existência. Ele também jamais conhecerá o êxtase porque ambos ocorrem na mesma profundidade.

A agonia acontece se você continuar se perdendo.

O êxtase acontece se você se encontrar.

Perder-se ou encontrar-se: ambos ocorrem na mesma profundidade de seu ser.

Perder-se significa que você estava tentando se tornar algo, alguém. Você tem uma ideia e está tentando satisfazer essa ideia em sua vida.

Todos os idealistas vivem em agonia.

Não são só os filósofos existencialistas que estão em agonia. É claro que eles deram uma grande proeminência à palavra, pela simples razão de que este século [xx] se tornou o mais distante possível da natureza e da existência: mais um passo e a humanidade desaparece. Esta foi a mais longa distância possível – e nós a percorremos.

Chegamos o mais longe possível de nós mesmos.

Por isso neste século [XX] uma filosofia como o existencialismo se tornou possível.

Mostrei uma das histórias do existencialismo a um de meus velhos professores que deve ter estudado há 30 ou 40 anos. Nessa época, a palavra *existencialismo* nem sequer havia sido cunhada. Sartre, Jaspers e Marcel ainda não existiam. Ele observou o conteúdo e não conseguiu acreditar.

Ele disse: "Este é um livro de filosofia?! Não tem nenhum capítulo sobre Deus, nenhum capítulo sobre as provas da existência de Deus, nenhum capítulo sobre religião, nenhum capítulo sobre a alma do homem, nenhum capítulo sobre a vida após a morte, o céu, o inferno. Uma história estranha – capítulos sobre a agonia, sobre a ausência de sentido, a angústia, a ansiedade… Estes são temas filosóficos?!"

Eu disse: "O senhor perdeu 40 anos. O senhor se esqueceu completamente de que 40 anos se passaram desde que esteve na universidade estudando filosofia, e depois disso nunca se importou em saber o que estava acontecendo com a filosofia. O senhor ainda está se lembrando de Aristóteles, Kant, Hegel, Feuerbach, Shankara, Nagarjuna, Bradley… Ainda está se lembrando dessas pessoas que realmente se desvaneceram, que simplesmente não estão mais aqui. E hoje qualquer filósofo digno deste nome não está interessado em Deus – está interessado no homem. E estar interessado no homem traz todos esses problemas, agonia…"

Ele disse: "Mas o que é agonia?"

Eu tive de usar a linguagem dele, algo da história passada da filosofia, para que ele pudesse ter uma pequena percepção da agonia. No passado houve uma grande questão filosófica que percorreu séculos. A questão era: entre os animais, as árvores, as rochas e o homem, qual é a diferença? Certamente todos eles existem; no que se refere à existência, não há diferença. Certamente eles são todos seres vivos – até as rochas crescem.

Os Himalaias crescem 30 centímetros a cada ano. O local onde eu nasci ficava do lado de uma cadeia de montanhas chamada Vindhyachal. Ela é considerada a cadeia de montanhas mais antiga do mundo. É quase um fato comprovado que a Vindhyachal e a terra em volta dela saíram do mar, porque em Vindhyachal foram encontrados restos mortais dos mais antigos animais marinhos. Os Himalaias são as mais jovens montanhas do mundo, e a Vindhyachal é a mais antiga cadeia de montanhas do mundo.

A propósito, me vem à mente a história sobre a Vindhyachal nos Upanishads. Um grande vidente, Agastya, ia até o sul da Índia e teve de cruzar Vindhyachal.

Vindhyachal era tão alta que era difícil para o vidente; então, ele rezou para Vindhyachal: "Seja boa o bastante para apenas se inclinar um pouquinho e me deixar passar. E permaneça inclinada até eu voltar, porque terei de passar por você de novo". Agastya morreu no sul e nunca voltou, mas Vindhyachal ainda está inclinada. Se você vir a montanha, poderá ver isso: ela parece um homem velho curvado.

A história é bela, mas mostra que Vindhyachal é realmente velha, um homem velho que não consegue ficar ereto.

As montanhas crescem, as velhas ou as jovens; elas são tão vivas quanto você. As árvores, os animais, os pássaros – no que se refere à vida, podemos ter diferentes tipos de vida, mas todos temos certa qualidade chamada vida, vitalidade, que é similar.

Assim, na filosofia antiga este foi um problema: então qual é a diferença? Não há diferença? Houve duas escolas. Uma dizia que não havia diferença; somos todos parecidos, somos parte de um único todo – há dimensões diferentes, ramos diferentes, mas estamos todos enraizados em uma existência. Estes são os espiritualistas que dizem que todos somos um só.

A outra escola é aquela dos materialistas, que dizem que somos todos separados, que não há unidade orgânica em parte alguma; a existência não é uma só. Segundo os materialistas, a palavra *universo* não deveria ser usada. A palavra *universo* foi inventada pelos espiritualistas porque significa "uni", um. De acordo com os materialistas, a palavra certa deveria ser *multiverso* – muitos, não um. Tudo é separado, e não há unidade em parte alguma.

Então, como este todo caminha? E em tão incrível harmonia? É aí que você vai ver como a lógica pode ser falaciosa.

O espiritualista diz que há harmonia porque o todo é governado por um Deus, ou uma consciência universal. Um ser absoluto, um centro, controla tudo. Por isso nada caminha errado. Tudo se move em uma harmonia absoluta. E o universo é vasto, é imenso, imensurável; ainda assim, tudo caminha sem qualquer perturbação, sem qualquer discrepância. A lógica parece ser sólida, mas não é.

A mesma lógica é usada pelo materialista. O todo caminha de maneira harmoniosa porque ninguém o está controlando. Sempre que há alguém controlando tudo há uma possibilidade de fracasso, de enganos, de erros. Ninguém é infalível.

Se houvesse um Deus controlando tudo há milhões de anos, às vezes ele poderia adormecer, às vezes só para variar ele poderia sair para dar uma caminhada matinal. Se o todo fosse controlado por um ser, haveria toda a possibilidade de ocorrer um erro. E durante esse período tão longo você pode imaginar que uma pessoa não cometa nenhum erro? Apenas por engano ela pode cometer um erro. E há tantas coisas a serem dispostas e cuidadas – é só olhar…

Outro dia, Vivek me disse – olhando um pavão de penas abertas, tão colorido – "Deus deve ter tido todo o cuidado ao pintá-los".

Se Deus fosse realmente pintar todos os pavões do mundo, então você pode ter certeza de que haveria uma probabilidade de haver mil e um enganos. Por mais infalível que seja Deus, ele não pode continuar pintando ano após ano milhões e milhões de pavões. E não há só pavões, existem outras aves, e todos os detalhes têm de ser cuidados.

Os materialistas dizem que o mundo caminha perfeitamente porque não há ninguém o direcionando, e por isso quem pode cometer um engano? O mundo é mecânico.

A lógica é a mesma. O espiritualista tenta provar Deus, o materialista tenta provar, utilizando a mesma lógica – essa harmonia, essa continuidade –, que não há ninguém no comando, que tudo é mecânico. Só as máquinas não são capazes de cometer erros – ou elas

funcionam, ou não funcionam. Enquanto a máquina estiver trabalhando, ela estará trabalhando do jeito que vem trabalhando sempre, reproduzindo repetidas vezes os mesmos tipos de penas de pavão. Não é um trabalho de consciência.

Uma mente consciente tentaria melhorar, gostaria de mudar um pouquinho – de vez em quando colocar um pouco mais de vermelho, um pouco mais de verde, um pouco mais de azul… um azul um pouco diferente, porque há tantos tipos de azul e tantos tipos de verde. De vez em quando colocaria a cabeça de um pássaro em outro pássaro. Ficaria entediada colocando o mesmo tipo de cabeça repetidas vezes, o mesmo nariz vermelho repetidas vezes; só para variar, ela mudaria para amarelo, verde, azul. Mas nada desse tipo acontece.

O materialista diz que o mundo é mecânico, é um vasto mecanismo que continua se reproduzindo sem qualquer mente por trás. Enquanto ele produz, estará produzindo igual. Sim, um dia toda máquina falha, mas você não estará lá para saber. Quando a máquina falhar, você também falhará, e por isso não haverá ninguém como testemunha dessa falha.

Eu disse ao velho professor – seu nome era professor Dasgupta: "Através deste argumento posso ajudá-lo a ter alguma percepção da agonia. O existencialista diz que há uma diferença entre os animais e o homem. Pela primeira vez um determinado grupo de pensadores apontou para uma diferença que realmente faz diferença. Eles dizem que duas sentenças terão de ser entendidas. Uma é que a existência precede a essência. A outra é que a essência precede a existência. Nos animais, a essência precede a existência. Essência significa o que quer que eles venham a ser; todo o programa vem primeiro, antes de seu nascimento. Antes de eles existirem o projeto está ali; eles trazem seu projeto com eles, está adiante deles. Sua existência segue a essência".

Essência significa o programa, o projeto do que eles vão ser, quantas vidas vão viver, quantos filhotes terão, como suas cores vão mudar durante as estações – tudo. Tanto que há pássaros que vêm voando do Polo Norte, por cinco mil quilômetros, porque lá fica frio demais e existir torna-se impossível.

Eles não podem deixar de… – eles começam exatamente na mesma data todos os anos. Eles não têm nenhum calendário, não sabem que a estação vai mudar, mas na data, no dia, no momento exato, milhões de pássaros imediatamente começam a se mover em direção ao sul. Só vão parar quando tiverem passado o raio de cinco mil quilômetros, porque dentro desses cinco mil quilômetros eles não vão conseguir sobreviver; eles precisam de um lugar um pouco mais quente.

Mas a coisa mais estranha que tem confundido os cientistas é que, embora eles estejam longe de seu lar ártico, a estação para a reprodução chega. Então eles se acasalam, fazem amor, encontram namorados, namoradas. Demora algum tempo para as fêmeas engravidarem e porem os ovos. Quando elas põem os ovos, a estação quente terminou. Agora o ártico está pronto para recebê-los de volta. Então eles deixam os ovos e voam de volta ao ártico exatamente na mesma data que seus antepassados sempre o fizeram.

Esses ovos chocam no devido tempo, e as aves saem e começam a voar rumo ao ártico; cinco mil quilômetros na direção exata, elas voam de volta a seu mundo. É uma coisa estranha, absolutamente milagrosa, porque ninguém está ali para lhes dizer para onde ir… Seus pais já

foram. Você não tem um mapa, e o ártico fica muito longe – cinco mil quilômetros –, e você é um pequeno pássaro que acaba de sair do ovo. É uma jornada muito longa sem nenhuma preparação… Mas eles conseguem, eles chegam lá. E isto acontece ano após ano.

Esse é o significado da essência vindo primeiro e a existência a seguindo. Eles não sabem o que estão fazendo. É algum impulso interno, alguma urgência que leva esses pássaros para tão longe. Voando por cinco mil quilômetros sem falhas, eles alcançam seus pais, que os deixaram nos ovos sem sequer lhes dizer "estamos indo; então, quando vocês saírem dos ovos, por favor, voltem para casa; não se esqueçam de nós, estaremos lá esperando por vocês", ou sem lhes dar alguma indicação de direção, nada – nenhuma mensagem foi deixada. Eles podiam pelo menos ter deixado um pássaro mais velho e dito: "Quando todos esses pequenos saírem dos ovos, leve-os para casa". Ninguém é deixado, nenhuma mensagem é deixada, nenhum contato existe entre eles – mas eles conseguem chegar a seu lar.

Há peixes do ártico que se movem em determinada estação e, próximo da Inglaterra, em determinado lugar, eles põem seus ovos. Antes de os ovos estarem maduros, sua jornada de volta se inicia. E quando os ovos chocam, os novos peixes começam a nadar contra a corrente! O curso natural seria seguir a corrente, mas seu programa é fixo. Contra a corrente eles começam a se mover rumo ao ártico, e encontram o caminho de volta até seus pais.

Eles não reconhecerão seus pais. Isso também não é preciso, porque esses peixes, se conseguiram enfrentar uma jornada de cinco mil quilômetros contra a corrente, não precisam de pais, de professores, de escolas, de universidades. Eles são autossuficientes. Esse é o significado da essência precedendo a existência. Eles nascem com todo o seu padrão de vida completo e vão simplesmente seguir o desdobrando. Eles não vão aprender nada.

Para eles não existe aprendizagem. Eles não precisam de aprendizagem. Já conseguiram tudo de que precisam para sua vida, cada detalhe sobre tudo – o que comer, o que não comer. Simplesmente observe um búfalo comendo grama e ficará surpreso; por mais estranho que pareça, ele vai rejeitar algumas gramas e comer outras.

Você pode encontrar muitos cervos por aqui. Eles preferem uma grama chamada alfafa. E agora, como trouxemos água, plantamos árvores e gramados e tornamos o local verde, certamente por causa dos cervos, eu disse à minha secretária: "Cuide para que bastante alfafa boa cresça por aqui e os cervos virão automaticamente, e este vai se tornar um parque de cervos".

E eu adoro esse termo, porque Gautama Buda viveu em um parque de cervos junto com milhares de seus discípulos. Centenas de cervos também viviam nesse lugar. E nossos cervos estão crescendo, mas um perigo começou a ocorrer: eles estão comendo muita alfafa, engordando muito, e isso é perigoso para os cervos, pois, se eles ficam muito gordos, não conseguem correr. Então se tornam presa fácil para qualquer animal, para qualquer caçador. E não só isso. Quando eles ficam muito gordos… dois ou três cervos morreram.

Eu perguntei por que eles morreram. A razão foi porque eles ficaram tão gordos que não conseguiam andar. Eles tropeçaram em seus próprios pés e quebraram as pernas, pois estavam pesados demais. Os pés deles são muito magros, não são feitos para suportar todo aquele peso. Então pedi à minha secretária que ou trouxesse mais cervos, de modo que a alfafa não

existisse em quantidade exagerada, ou começasse a cortar a alfafa, senão isso mataria os pobres cervos. Eles não têm um programa interno dizendo quando devem parar de comer. A natureza cuida. Na natureza, nada sai do equilíbrio. Se houver muita alfafa, os cervos começarão a chegar cada vez em maior quantidade, vindos de todos os lugares; se houver menos alfafa, os cervos dispersarão. Mas nossos cervos estão enfrentando uma dificuldade: eles não podem ir para qualquer lugar, porque não conseguem encontrar um lugar onde os seres humanos não os matarão. Em três anos, eles entenderam isso muito bem. Eles sabem que estas são as pessoas certas com quem podem conviver. Eles ficam parados no meio da estrada, não estão nem aí… Você pode apertar a buzina – eles se movem com naturalidade, graça e beleza. Eles não estão nem aí; eles entendem que "Estas são as nossas pessoas", então eles não irão embora. E eles não têm um programa interno, embutido, dizendo quando parar, então continuam comendo.

Eu disse àquele professor: "A essência é um programa embutido – e é aí que o homem é diferente. O homem vem como existência; e a essência se segue. Você não vem com um programa embutido. Você vem com um final aberto, sem direções estabelecidas, sem nenhuma ideia definida do que você vai ser. Você existe primeiro – e esta é uma grande diferença, a maior diferença possível".

Você existe primeiro e, então, tem de descobrir quem você é. Os animais, as árvores, as rochas, primeiro sabem quem são e, então, eles existem. Por isso não há nenhuma indagação espiritual. Nenhum animal se importa em fazer estas perguntas: Quem sou eu? Qual o sentido da vida? Ele já sabe; não tem sentido a pergunta, não há dúvida, nenhuma indagação.

O homem está constantemente indagando, uma indagação contínua. Até a última respiração ele continua crescendo. Até o momento de sua última respiração ele pode mudar todo seu padrão de vida.

Ele pode dar um salto quântico.

Não há nenhuma necessidade de ele continuar seguindo o padrão que seguiu. Até o último momento ele pode sair. Ninguém pode impedi-lo, é sua liberdade. O homem é o único animal na existência que tem liberdade – e, devido à liberdade, existe a agonia.

Agonia significa: eu não sei quem eu sou.

Eu não sei para onde estou indo e por que estou indo. Eu não sei se, o que quer que eu esteja fazendo, eu devo fazer ou não. A questão permanece continuamente; nem por um único momento a questão vai embora. O que quer que você faça a questão está lá: Você tem certeza? Isso é realmente o que você deve fazer? Esse é o lugar onde você deve estar? A questão não o deixa nem por um único momento. E isso é tão profundo quanto algo pode ser em você. Toca o âmago de seu ser. Esta é a agonia – o sentido não é conhecido, o propósito não é conhecido, o final não é conhecido. É como se fôssemos acidentais, como se tivéssemos nascido por algum acidente.

Nenhum outro animal, nenhuma árvore, nenhum pássaro é acidental; eles são planejados. A existência tem todo um programa para eles. O homem parece ser completamente diferente.

A existência deixou o homem totalmente livre.

Quando você se torna consciente dessa situação, surge a agonia. E é auspicioso senti-la.

Por isso eu digo que não é uma dor, um sofrimento, uma infelicidade comuns. É muito extraordinário e de um enorme valor para toda a sua vida, para seu crescimento, que você sinta agonia, que cada fibra de seu ser sinta o questionamento, que você se torne simplesmente uma dúvida.

E, naturalmente, é assustador. Você é deixado em um caos. Mas desse próprio caos nascem as estrelas.

Se você não começar a se encher de medo, se não começar a escapar de sua agonia… Todos estão tentando escapar, encontrando maneiras: apaixonando-se, fazendo isto, fazendo aquilo, ficando de algum modo engajado em algo – uma coisa não está acabada e você já começa a fazer outra coisa, porque tem medo. Se houver uma lacuna entre as duas e a dúvida surgir na sua cabeça, e você começar a sentir agonia, você continua, prossegue correndo; não para. As pessoas começam a correr desde o nascimento e vão assim até a morte. Elas não param, não se sentam à beira da estrada debaixo de uma árvore.

Para mim, as estátuas de Buda e Mahavira no Oriente, sentados em uma postura de lótus debaixo de uma árvore, não significam nada histórico. Significam algo bem mais importante.

Estas são as pessoas que pararam de correr. Estas são as pessoas que saíram da estrada na qual toda a procissão da humanidade está caminhando. São os verdadeiros egressos, não o tipo californiano que dentro de alguns anos volta para a estrada. Não, estes são egressos de verdade, que nunca voltarão para a estrada.

Sentar debaixo de uma árvore é apenas representativo. Você ficará surpreso ao saber que, depois da morte de Buda, durante 500 anos não foi feita nenhuma estátua dele. Em vez de uma estátua, apenas uma árvore era esculpida. Durante 500 anos, nos templos que foram feitos e dedicados a Buda, havia apenas uma árvore esculpida em pedra ou em mármore, nada mais.

Isso era o bastante para lembrar as pessoas de saírem da estrada, porque esta tem sido há milhares de anos a tradição, plantar árvores dos dois lados das estradas indianas – árvores enormes com grandes galhos quase se fundindo sobre o meio da estrada, para que a estrada fique completamente coberta pela sombra. Mesmo no verão mais quente, você pode seguir a estrada com uma temperatura fresca, na sombra.

Então a árvore se tornou o símbolo da saída da "estrada". A estrada é o mundo, onde todos estão indo para algum lugar, tentando encontrar alguma coisa e, na verdade, basicamente tentando se esquecer de si mesmos, porque isso dói. Lembrar-se de si mesmo dói, e a única coisa que todos estão fazendo é ficar engajado, concentrado – na busca de dinheiro, na busca de poder, na busca disto, na busca daquilo. Tornar-se um pintor, tornar-se um poeta, tornar-se um músico, tornar-se alguém e continuar se tornando. Não pare, porque se parar vai tomar consciência de sua dor; a ferida vai começar a abrir. Então, não lhe dê essa chance. Esta é a estrada.

Por 500 anos eles conseguiram simplesmente ter a árvore. Ela era um belo símbolo da saída da estrada. Mas à medida que o tempo foi passando as pessoas começaram a esquecer o símbolo. A simples árvore – eles não conseguiam mais entender o que ela representava… Eles começaram a adorar as árvores.

Foi nessa época que Alexandre, o Grande, visitou a Índia, 500 anos depois de Buda. Ele

viu aqueles templos com árvores e perguntou às pessoas o que significavam, mas ninguém sabia, eles apenas adoravam a árvore. E por toda a Índia, mesmo hoje, as árvores são adoradas; isso continuou.

Então os monges budistas que conseguiam entender começaram a fazer estátuas de Buda. Mas 500 anos haviam se passado, não havia fotografia possível nessa época, e então não tinham nenhuma ideia da aparência de Buda.

Nessa ocasião, Alexandre visitou a Índia. E Alexandre era esbelto, um belo homem, e por isso as estátuas de Buda são na verdade estátuas de Alexandre. Sua fisionomia não é indiana, a face é grega. Por isso, quando você vê o rosto do Buda indiano, não consegue achar que é um rosto indiano. É um rosto grego, e não um rosto grego comum – o rosto de um dos mais belos homens gregos. É o rosto de Alexandre. Eles tiveram a ideia a partir do rosto de Alexandre. Combinava muito bem. Era um rosto mais adequado para Buda do que para Alexandre; então, não houve qualquer objeção.

Acho perfeitamente correto. Mesmo se Buda ainda estivesse vivo e o rosto deles fosse trocado, teria sido perfeitamente bom. O que Alexandre era, o que ele estava fazendo poderia ter feito mesmo com o rosto de Buda, não haveria problema. Mas Buda certamente precisa de um belo rosto, muito simétrico e muito harmonioso com seu eu interior. A beleza que é mostrada no rosto, na proporção de seu corpo, é a beleza de sua alma.

Agonia é a experiência de que você entrou no mundo como uma placa limpa de ardósia, uma tábula rasa; nada está escrito nela. Esta é sua face original.

Então, você pode fazer duas coisas. Uma delas é, tendo medo desse vazio, você pode começar a correr atrás de uma coisa ou outra – ganhar dinheiro, poder, erudição, ascetismo, tornar-se um sábio, um estudioso, um político – que de alguma forma lhe dê uma sensação de identidade, que de algum modo esconda seu próprio caos interior.

Mas, independentemente do que você faça, o caos estará ali e irá permanecer ali. É uma parte intrínseca sua. Por isso, aqueles que entendem não tentam de maneira alguma escapar dele. Ao contrário, tentam penetrá-lo.

Estas são as duas maneiras: ou correr dele, como todos os demais estão fazendo, ou penetrá-lo. Atingir seu próprio centro, não importa quão doloroso, atemorizante possa parecer, mas atingir o centro, porque esse é você. E é bom pelo menos uma vez estar no exato centro de seu ser.

No momento em que você atinge esse centro, a segunda palavra se torna significativa: *êxtase*.

O êxtase é a flor da agonia.

A agonia não é contra o êxtase.

A agonia é o caminho para o êxtase.

Você simplesmente tem de aceitá-la – o que mais se pode fazer? Ela está ali. Você pode fechar os olhos – isso não significa que o sol tenha desaparecido; ele continua lá. E todos estão tentando fechar os olhos; o sol brilha demais. Então, feche os olhos, feche completamente os olhos. Esqueça o sol, não olhe para ele. Como se ele não estivesse ali.

Acredite que ele não está ali.

Essas pseudorreligiões estão tentando lhe ensinar exatamente isso: tente alcançar Deus, tente alcançar o céu, siga Jesus Cristo.

Nenhuma delas diz para você não seguir ninguém e não buscar nenhum paraíso ou o céu, pois todas elas estão tentando iludi-lo.

Eu digo: encontre a si mesmo, encare a si mesmo. Faça um giro de 180 graus.

Olhe para o caos que está aí, para a agonia que está aí. E se essa for sua natureza, então, por mais dolorosa que seja, temos de nos relacionar com ela. E o milagre é: é doloroso passar por ela, mas será a maior bem-aventurança quando você a tiver transposto e atingido o centro de seu ser.

A agonia está em volta do centro, e o êxtase está exatamente no centro. Talvez a agonia seja apenas uma casca protetora – o êxtase é tão valioso que necessita de proteção, e a natureza criou esse muro de proteção – sem falar dos outros. Até mesmo você começa a fugir dele. Quem vai entrar na sua agonia se você mesmo está fugindo dela?

No momento em que você pensa nela, a agonia parece ser um enorme dom da natureza. Ela muda sua própria cor, sua fragrância, seu significado. É um muro de proteção, tão protetor que até você começa a fugir dele.

Não fuja de si mesmo, aconteça o que acontecer. A coragem de um homem é julgada pela entrada em seu próprio caos interior. Você é digno de se considerar um ser humano quando atingiu o centro. E a partir do centro você pode ver seu entorno. Você é bem-aventurado – e não só você é bem-aventurado; vista do centro, toda a existência também é bem-aventurada.

A agonia e o êxtase são dois lados de seu ser. Ambos fazem de você uma unidade orgânica, um todo.

Assim, não estou lhe dizendo como se livrar da agonia.

É isso que as pseudorreligiões vêm lhe dizendo há séculos.

Estou lhe dizendo como se relacionar bem com a agonia, como se apaixonar pelo caos.

Quando você se apaixonar pelo caos, pela liberdade que o caos proporciona, pelo espaço ilimitado que o caos proporciona, entre nele até atingir o centro.

Encontrar a si mesmo é encontrar tudo.

Então não haverá nada faltando, então não restará nenhuma dúvida. Então, pela primeira vez você terá a resposta. Embora você não possa transmitir a resposta para mais ninguém, você pode comunicar a maneira como você a encontrou.

Essa é a função de um mestre. Ele não lhe dá a resposta. Ele não o torna mais sábio. Ele simplesmente lhe mostra o método, como ele se encontrou. Ele o encoraja a dar um salto para dentro de seu caos, para dentro de sua agonia. O mestre é simplesmente uma prova de que você não precisa ter medo. Se esse homem pôde encontrar seu próprio centro, passando por toda a agonia, não há razão por que você também não possa fazê-lo. E quando você conhecer o sabor do êxtase, toda a sua vida, pela primeira vez, terá algo que pode ser chamado de celestial. Uma nova qualidade surge em você, uma nova chama. Mas essa é nossa natureza, a natureza de todo mundo.

Nunca na minha vida eu tentei me tornar alguém. Eu simplesmente permiti que a vida me levasse para onde ela quisesse. Uma coisa eu posso lhe dizer: não fui um perdedor; foi uma grande alegria ser levado pela natureza. Não deixei que nada interferisse. Nem sequer nadei, porque quando você nada está pelo menos movendo suas mãos. Eu simplesmente me deixei levar pela corrente, fluindo para qualquer lugar aonde a corrente estivesse indo.

Felizmente, todos os rios acabam alcançando o oceano. Os pequenos, os grandes, de um modo ou de outro, todos encontram seu caminho para o oceano. E essa sensação oceânica eu chamo de sensação religiosa – quando sua pequena gota cai no oceano. Em certo sentido você não existe mais, e em certo sentido você existe pela primeira vez. De um lado está a morte; do outro lado está o renascimento.

Sei que você quer que todos nós nos livremos de nosso ego e de nossa mente, e, no meu caso, sei que isso é muito necessário, mas para aqueles de nós que têm de atuar no mundo real, uma total ausência de mente ou ego não tornaria a vida muito mais difícil?

Quando eu digo "abandone o ego, abandone a mente", não quero dizer que você não possa mais usar a mente. Na verdade, quando você não se apega à mente você pode usá-la de uma maneira bem melhor, bem mais eficiente, porque a energia que estava envolvida no apego torna-se disponível. E quando você não está continuamente na mente, 24 horas por dia na mente, ela também consegue um pouco de tempo para descansar.

Sabe de uma coisa? Até os metais necessitam de descanso, até os metais ficam cansados. Então, o que dizer sobre este sutil mecanismo da mente? É o mecanismo mais sutil do mundo. Em um crânio tão pequeno você está carregando um biocomputador tão complicado que nenhum computador feito pelo homem ainda foi capaz de competir com ele. Os cientistas dizem que o cérebro de um único homem pode conter todas as bibliotecas do mundo e ainda haverá espaço suficiente para conter mais.

E você o está usando continuamente – inutilmente, desnecessariamente! Você esqueceu como desligá-lo. Durante 70, 80 anos, ele permanece ligado, funcionando, funcionando, cansado. Por isso as pessoas perdem a inteligência: pela simples razão de que estão muito cansadas. Se a mente puder ter um pequeno descanso, se você conseguir deixar a mente em paz durante algumas horas por dia, se de vez em quando puder dar férias à mente, ela se rejuvenescerá; ela ficará mais inteligente, mais eficiente, mais habilidosa.

Então, não estou dizendo para você não usar sua mente, mas para não se deixar ser *usado* pela mente. Na sua condição atual, a mente é o mestre e você é apenas um escravo.

A meditação faz de você um mestre e a mente se torna um escravo. E lembre-se: a mente como mestre é perigosa porque, afinal, ela é uma máquina; mas a mente como um escravo é enormemente importante, útil. Uma máquina deve funcionar como uma máquina, não como um mestre. Nossas prioridades estão todas de cabeça para baixo – sua consciência deveria ser o mestre.

Então, sempre que quiser usar a mente, no Oriente ou no Ocidente – é claro que você necessitará dela no mercado –, use-a! Mas quando não precisar dela, quando estiver descansando em casa ao lado de sua piscina ou em seu jardim, ela não é necessária. Coloque-a de lado. Esqueça-se dela! E então simplesmente exista.

E o mesmo acontece com o ego. Não se identifique com ele, chega! Lembre-se de que você é parte do todo; você não está separado dele.

Isso não significa que se alguém roubar sua casa você tenha simplesmente que observar – pois, se você é parte do todo e ele também é parte do todo, o que há de errado nisso? E se alguém está tirando dinheiro de seu bolso, então não há problema – a mão do outro é tão sua quanto dele! Eu não estou dizendo isso.

Lembre-se de que você é parte do todo e por isso pode relaxar, fundir-se; de vez em quando você pode ficar totalmente imerso no todo. E isso lhe dará uma nova perspectiva na vida. As inesgotáveis fontes do todo ficarão disponíveis para você. Você sairá disso renovado; sairá renascido, de novo como uma criança, cheio de alegria, de perguntas, de aventura, de êxtase.

Não fique identificado com o ego, embora, no que diga respeito ao mundo, você tenha de funcionar como um ego – ele é apenas um utilitário! Você tem de usar a palavra *eu* – use a palavra *eu*, mas lembre-se de que é apenas uma palavra. Ela tem certa utilidade, e sem ela a vida se tornará impossível. Se você parar completamente de usar a palavra *eu*, a vida se tornará impossível. Nós sabemos que os nomes são apenas utilitários, ninguém nasceu com um nome. Mas não estou dizendo para abandonar seu nome e atirar seu passaporte no rio. Se fizer isso, terá problemas! Você precisa de um nome; isso é uma necessidade, porque você convive com muitas pessoas.

Se você estivesse sozinho no mundo, então é claro que não precisaria andar com um passaporte. Se você ficasse sozinho… Por exemplo, se a terceira guerra mundial acontecer e Joyce for deixada sozinha, ela não precisará andar com um passaporte; ela pode jogá-lo em qualquer lugar. Então não haverá necessidade de ter nenhum nome. Mesmo que você tenha um, ele será inútil – ninguém jamais irá chamá-lo. Então não haverá necessidade sequer de usar a palavra *eu*, porque o *eu* precisa de um *tu*; sem um *tu, eu* não tem significado. Ele só tem significado no contexto de outros.

Portanto, não me interprete mal. Use seu ego, mas o use apenas como você usa seus sapatos, seu guarda-chuva e suas roupas. Quando estiver chovendo, use o guarda-chuva, mas não o carregue desnecessariamente. E não vá para a cama com o guarda-chuva, e não tenha medo de que em um sonho possa chover… O guarda-chuva tem uma utilidade, e por isso só o use quando ele for necessário; mas não se torne tão identificado com o guarda-chuva a ponto de não poder pô-lo de lado. Use os sapatos, use as roupas, use o nome – eles todos são utilidades, não realidades.

No mundo, onde há tantas pessoas, precisamos de alguns rótulos, de alguns símbolos, apenas para demarcar, apenas para ter certeza de quem é quem.

Você me pergunta: sei que você quer que todos nós nos livremos de nosso ego e de nossa

mente…

Não estou dizendo para vocês "se livrarem" de nada: estou simplesmente dizendo para serem donos de sua mente. Não estou lhes dizendo para serem desprovidos de mente; estou apenas dizendo: não sejam apenas mentes – vocês são muito mais que isso. Sejam consciência! Então a mente se torna uma coisa pequena. Você pode usá-la sempre que for necessário, e quando ela não for necessária você pode colocá-la de lado.

Eu estou usando minha mente enquanto estou falando com você. A mente tem de ser usada: não há outra maneira. Mas no momento em que entro no meu quarto, não vou usá-la – não há por que usá-la. Então fico simplesmente em silêncio. Com você eu estou usando a linguagem, as palavras, mas quando estou comigo mesmo não preciso de nenhuma linguagem, de nenhuma palavra. Quando estou acomodado comigo mesmo e não há a questão da comunicação, a linguagem desaparece. Então há um tipo de consciência totalmente diferente.

Neste exato momento minha consciência está fluindo através da mente, usando o mecanismo da mente para eu me aproximar de você. Posso alcançá-lo com minha mão, mas não sou a mão. E quando eu toco você com minha mão, a mão é apenas um meio; algo mais está tocando você através da mão. O corpo tem de ser usado, a mente tem de ser usada, o ego, a linguagem e todos os tipos de coisas têm de ser usados. E você pode usá-los com apenas uma condição: continue sendo o mestre.

2

Do berço ao túmulo

A mente está dentro de você, mas ela é na verdade uma projeção da sociedade dentro de você. Ela não é sua. Nenhuma criança nasce com uma mente; ela nasce com um cérebro. O cérebro é o mecanismo; a mente é a ideologia. O cérebro é alimentado pela sociedade, e toda sociedade cria uma mente segundo seus próprios condicionamentos. Por isso há tantas mentes no mundo. Mas uma falácia é criada no indivíduo de que "a mente é sua", e por isso o indivíduo começa a agir em conformidade com a sociedade, seguindo a sociedade, mas sentindo como se ele estivesse funcionando por si mesmo.

Qual é a maneira certa de ajudar uma criança a crescer sem interferir em sua potencialidade natural?

Toda maneira de ajudar uma criança é errada. A simples ideia de ajudar não é correta. A criança necessita seu amor, não sua ajuda. A criança necessita nutrição, apoio, mas não sua ajuda.

O potencial natural da criança é desconhecido e, portanto, não há como ajudá-la corretamente para atingir seu potencial natural. Você não pode ajudar quando o objetivo é desconhecido; tudo o que pode fazer é não interferir. E, na verdade, em nome da ajuda todos estão interferindo com todos; e, como o nome é bonito, ninguém objeta.

É claro que a criança é muito pequena, muito dependente de você, e por isso não pode objetar. E as pessoas em torno são exatamente iguais a você: elas também foram ajudadas por seus pais, do mesmo modo que você também foi ajudado. Nem eles nem você atingiram seu potencial natural.

O mundo inteiro está perdendo algo apesar de toda a ajuda dos pais, da família, dos parentes, dos vizinhos, dos professores, dos sacerdotes. Na verdade, todo mundo está tão sobrecarregado de ajuda que, sob esse peso, não se consegue sequer atingir o potencial não natural, que dirá o potencial natural! Ninguém consegue se mover; o peso que as pessoas têm sobre os ombros é incomensurável.

E uma das coisas mais difíceis é não interferir. Isso não faz parte da natureza da mente. A mente é, em essência, contínua e persistentemente tentada a interferir. Ela vive na interferência. Quanto mais você puder interferir, mais poderoso se sentirá.

Como se pode medir o poder? Ele não é algo material, não se pode pesá-lo – mas ele é medido, pesado. A maneira de medi-lo é pelo quanto uma pessoa consegue interferir na vida

de muitas pessoas. Adolf Hitler foi poderoso porque conseguiu interferir na vida de milhões de pessoas. Você não é Adolf Hitler, mas ainda assim pode interferir na vida de algumas pessoas… Você é um Adolf Hitler pequeno, em miniatura.

Pelo menos o marido consegue interferir na vida da esposa, assim como a esposa pode interferir na vida do marido. É um jogo mútuo; dessa maneira ambos se tornam poderosos. O marido continua interferindo à sua própria maneira, sem estar consciente de que está interferindo. Eles supostamente estão juntos para elevar a vida um do outro, mas…

O marido chega tarde do trabalho todos os dias – não que seja essencial chegar tarde, mas é uma questão de poder, de ego: se ele chegar do trabalho na hora, isso significa que ele capitulou. Eu conheço maridos que continuam sentados nos escritórios sem fazer nada, jogando conversa fora, sabendo perfeitamente bem que suas esposas estão a ponto de explodir. Eles poderiam chegar do trabalho na hora, mas é isso que elas querem. E exatamente porque elas querem é impossível para os homens; chegar do trabalho na hora vai contra a masculinidade deles; eles chegarão tarde em casa. E a mesma cena se repete todos os dias.

E a esposa também não está pronta para parar de lhe perguntar por que ele está chegando tarde, sabendo perfeitamente que o que quer que ele diga será uma mentira. Ela sabe que será uma mentira; ele sabe que ela sabe que será uma mentira – e será uma mentira, mas é um bom motivo para começar uma briga, um bom começo, uma boa desculpa. E então a esposa continua fazendo a mesma coisa…

Eu estava sentado com um marido em seu carro, e ele buzinava porque estava preocupado; ele tinha de me levar para determinada reunião e eu tinha de chegar lá na hora certa. Eu não gosto de desperdiçar o tempo das pessoas; não sou um líder político. É esperado que um líder político chegue atrasado. Mais uma vez, o mesmo poder – você tem de esperar. E ele não é simplesmente um ninguém; ele é muito ocupado, muito atarefado, e por isso se espera que ele chegue atrasado.

Conheço líderes políticos. Certa vez estavam simplesmente sentados, jogando conversa fora, e eu lhes disse: “Temos de ir para sua reunião”.

Eles disseram: “Você não entende. Um político não deve chegar na hora. Isso significa que ele não é um figurão, é apenas peixe pequeno”.

Eu não sou um político. Não sou um figurão nem um peixe pequeno. Sou apenas um ser humano, nem mais nem menos. E me preocupo em chegar no horário.

Então, o marido está preocupado e a esposa aparece na janela e diz: “Pare de tocar essa buzina! Já lhe disse mil vezes que estou saindo em um minuto”.

Olhei para o marido e disse: “O que quer dizer isso, ‘mil vezes’ e ‘estou saindo em um minuto’? Onde ela conseguiu tempo para dizer isso mil vezes em um minuto!?”

Mas essa é uma viagem de poder. A esposa quer que se saiba quem é que manda. Você pode continuar buzinando, mas, enquanto o chefe não chegar, o carro não pode se mover.

Tenho certa ligação com as mulheres e, por isso, quando me hospedava em casa de amigos, logo me tornava muito próximo de suas mães, esposas, irmãs. E eu perguntava: “Qual é o problema? Todo dia acontece isso; o pobre homem não para de buzinar lá fora”. E elas diziam: “Não há problema algum. Não estamos ocupadas, mas ele continua chegando em casa

tarde todos os dias e nunca liga para o que estamos dizendo. Então, sempre que temos uma oportunidade… É uma simples questão de toma lá, dá cá".

Todas as pessoas em torno de você receberam ajuda, muita ajuda, para serem o que são. Você recebeu ajuda; agora também quer ajudar seus filhos.

Tudo o que você pode fazer é ser amoroso, ser acolhedor, ser carinhoso, ser tolerante. A criança traz um potencial desconhecido, e não há como saber o que ela vai ser. Portanto, nenhum procedimento pode ser sugerido, do tipo "você deve ajudar a criança desta maneira". Cada criança é única, e por isso não pode haver uma disciplina geral para toda criança.

Pessoas como a srta. Judith Martin estão sugerindo medidas para todas as crianças, como se elas fossem produzidas na linha de montagem de uma fábrica. Não há duas crianças iguais. Como você pode sugerir, como pode ter a coragem de sugerir, um programa generalizado, que isto ou aquilo deva ser feito?

Mas a srta. Judith Martin… Não sei quantas vezes ela se tornou "senhorita". Acho que pelo menos uma dúzia de vezes, certamente, porque nenhum marido consegue sobreviver a ela; ele vai fugir dela ou cometer suicídio, mas terá de fazer algo para torná-la de novo senhorita. E agora ela já deve estar bem velha.

Por fim, quando ela se tornou famosa e uma autoridade mais reconhecida em educação de crianças, talvez ninguém tenha se atrevido a se casar com ela, porque uma mulher assim, que não tem compaixão pelas crianças – você acha que ela terá alguma compaixão pelo marido? Ela vai treiná-los exatamente da maneira como os animais são treinados em um circo. Vai fazê-los dançar conforme sua música; e como ela é uma autoridade mundialmente famosa, o que o pobre marido pode fazer senão dançar?

Esse tipo de pessoa sempre existiu em todo o mundo, em toda parte, no decorrer dos tempos. Essas pessoas têm prescrições, receitas, disciplinas para todos; não só para seus contemporâneos, mas para todas as futuras gerações, em relação ao que está certo. Elas são tão idiotas – embora sejam conhecidas como grandes sábios –, que lhes deram religiões, disciplinas, moralidades, ética, códigos de conduta: são grandes criadoras de leis. Mas eu torno a lhe dizer: essas pessoas são idiotas. Só um tolo pode pensar de uma maneira generalizada quando se trata de seres humanos.

Não existe um ser humano médio; você nunca irá se deparar com um homem médio. E todas essas autoridades estão interessadas no homem médio, que não existe! O homem médio é simplesmente como Deus – onipresente, mas você não pode encontrá-lo em lugar nenhum. Deus é tão onipresente que…

Ouvi falar de uma freira… Todo o convento estava preocupado com ela. Será que ela está doente ou qualquer coisa assim? Porque ela tomava banho sem tirar a roupa! E a porta do banheiro ficava fechada. Então lhe perguntaram: "Qual é o problema? Por que você não tira a roupa quando a porta está fechada e não há ninguém ali?". Ela disse: "Ninguém? Deus é onipresente. Eu sei que não há nenhuma de vocês ali, mas Deus está ali, e eu me despir diante de Deus não me parece certo".

Todas as outras freiras devem tê-la achado louca, mas ela havia real e literalmente aceitado

a ideia da onipresença de Deus.

E o homem médio é exatamente como o Deus onipresente: ele não existe em parte alguma e se supõe que ele exista em toda parte. E todos os princípios são dirigidos ao homem médio.

Você me pergunta como ajudar a criança da maneira certa.

A maneira certa é não ajudar de modo algum a criança. Se você tiver realmente coragem, por favor, não ajude a criança. Ame-a, acolha-a. Deixe que ela faça o que quiser fazer. Deixe que ela vá onde quiser ir. Sua mente será repetidas vezes tentada a interferir, e você terá boas desculpas para isso. A mente é muito esperta em racionalizar: "Se você não interferir, pode ser perigoso; a criança pode cair no poço se você não a detiver". Mas eu lhe digo que é melhor deixá-la cair no poço do que ajudá-la e destruí-la.

Há uma possibilidade muito remota de que a criança caia no poço – e, se cair, isso não significa que ela vá morrer; ela pode ser retirada do poço. E se você estiver realmente tão preocupado, o poço pode ser tampado; mas não ajude a criança e não interfira. O poço pode ser removido, mas não interfira na vida da criança.

Sua real preocupação deve ser remover todos os perigos, mas não interfira na vida da criança; deixe-a seguir seu caminho.

Você precisa entender alguns padrões de crescimento. A vida tem ciclos de sete anos, ela se move em ciclos de sete anos, assim como a Terra faz uma rotação em seu eixo a cada 24 horas. Ninguém sabe por que não são 25, por que não são 23. Não há como responder a isso; este é simplesmente um fato.

A Terra demora 365 dias para dar uma volta em torno do sol. Por que 365? Ninguém sabe, ninguém precisa saber. E isso não faz nenhuma diferença. Se demorasse 400 dias, que diferença isso faria para você? Ou 300 dias? A pergunta permaneceria a mesma: por quê?

Assim, lembre-se de uma coisa: qualquer pergunta é absurda, se com cada resposta a pergunta ainda continua sendo a mesma. Em 24 horas a Terra dá uma volta em torno de seu próprio eixo. Por quê? Transforme isso em 25, em 26, 30, 60 horas – quantas você quiser – e a pergunta ainda continua a mesma: por quê? Por isso eu digo que a pergunta é absurda; ela sempre continua a mesma.

Portanto, não me pergunte por que a vida se move em ciclos de sete anos. Eu não sei. Mas sei o seguinte: que ela se move em ciclos de sete anos. E, se você entender esses ciclos de sete anos, vai entender muito sobre o crescimento humano.

Os primeiros sete anos são os mais importantes porque é quando é assentada a base da vida. Por isso todas as religiões são muito preocupadas em se apropriar das crianças quanto antes.

Os judeus fazem circuncisão nos meninos. Que bobagem! Mas eles estão imprimindo no menino que ele é um judeu; essa é uma maneira primitiva de imprimir. Vocês fazem isso com o gado também, fazendo marcas. Todo proprietário marca o gado, do contrário ele pode se misturar com outro gado. E isso é feito de forma cruel. Usa-se ferro em brasa para marcar o couro do gado; ele queima a pele. Mas então ele tem a sua marca; não pode ser perdido, não pode ser roubado.

O que é a circuncisão? É a marcação do gado. Este gado é judeu.

Os hindus têm suas próprias maneiras. Todas as religiões têm suas próprias maneiras. Mas é preciso saber que gado você é, quem é seu pastor – Jesus? Moisés? Maomé? Você não é seu próprio dono.

Esses primeiros sete anos são os anos em que você é condicionado, preenchido com todos os tipos de ideias que irão assombrá-lo durante toda a sua vida, que irão desviá-lo de sua potencialidade, que irão corrompê-lo, que nunca irão lhe permitir enxergar claramente. Elas aparecerão sempre como nuvens diante de seus olhos, elas tornarão tudo confuso.

As coisas são claras, muito claras – a existência é absolutamente clara –, mas seus olhos têm camadas sobre camadas de poeira. E toda essa poeira foi disposta ali nos primeiros sete anos de sua vida, quando você era tão inocente, tão confiante, que qualquer coisa que lhe dissessem você aceitava como verdade. E qualquer coisa que tenha penetrado em sua base, mais tarde você terá muita dificuldade em encontrá-la: ela se torna quase parte de seu sangue, de seus ossos, de sua própria medula. Você fará milhares de outras perguntas, mas jamais perguntará sobre as bases fundamentais de sua crença.

A primeira expressão de amor por uma criança é deixar seus primeiros sete anos absolutamente inocentes, incondicionados, deixá-la por sete anos completamente selvagem, pagã.

Ela não deve ser convertida ao hinduísmo, ao islamismo, ao cristianismo. Qualquer um que esteja tentando converter a criança não é compassivo, mas sim cruel: está contaminando a própria alma de um recém-chegado. Antes que a criança tenha feito perguntas, estas já lhe são respondidas com filosofias, dogmas e ideologias já prontas. Esta é uma situação muito estranha. A criança não fez perguntas sobre Deus e você continua lhe ensinando sobre Deus. Por que tanta impaciência? Espere!

Se a criança algum dia demonstrar interesse em Deus e começar a fazer perguntas sobre Deus, então tente lhe apresentar não apenas a sua ideia de Deus – porque ninguém tem qualquer monopólio sobre isso –, mas coloque diante dela todas as ideias de Deus que têm sido apresentadas a diferentes pessoas de diferentes idades por diferentes religiões, culturas e civilizações.

Coloque diante dela todas as ideias sobre Deus e diga-lhe: “Você pode escolher entre estas a que mais a atrai. Ou pode inventar uma própria se nenhuma lhe servir. Se todas parecem falhas e você acha que pode ter uma ideia melhor, então invente sua própria ideia. Ou se acha que não há como inventar uma ideia sem falhas, deixe tudo isso de lado; isso não é imprescindível. Um homem pode viver sem Deus; esta não é uma necessidade intrínseca. Milhões de pessoas têm vivido sem Deus. Deus não é nada que lhe seja inevitavelmente necessário. Sim, eu tenho a minha ideia; essa também é uma combinação de todos esses ideais desta coleção. Você pode optar por ela, mas eu não estou dizendo que minha ideia seja a ideia certa. Ela me atrai; pode não atrair você”.

Não há uma necessidade interna de que o filho concorde com o pai. Na verdade, parece bem melhor que ele não concorde. É assim que ocorre a evolução. Se toda criança concordar com o pai não haverá evolução, porque o pai vai concordar com seu próprio pai e então todos

estarão onde Deus deixou Adão e Eva – nus, fora do portão do Jardim do Éden. Todos estarão lá.

Foi porque os filhos discordaram de seus pais, de seus ancestrais, com relação a toda a sua tradição, que o homem evoluiu. Toda essa evolução é uma enorme discordância com o passado.

Quanto mais inteligente você for, mais vai discordar. Mas os pais apreciam o filho que concorda com eles; e condenam o filho que discorda deles.

Era a prática em minha família me exibir diante de qualquer pessoa para que me condenassem. Qualquer um que chegava para visitar a família, qualquer convidado da família… eu era chamado. E eu sabia para quê, mas gostava daquilo. Eu era chamado para ser condenado: "Este menino discorda de tudo". Em híndi há uma expressão para isso: *ulti khopdi* – significa ter o crânio de cabeça para baixo. Portanto, essa era a expressão usada para mim.

Eu dizia: "É verdade, mas a realidade é que eu pareço estar de cabeça para baixo para todas essas pessoas porque *elas* estão de cabeça para baixo. Elas estão fazendo *asanas* de ioga, *shirshasana* – a postura de cabeça para baixo. Eu estou simplesmente apoiado sobre meus pés. Sou o único aqui que não acredita em qualquer tipo de bobagem. Eles estão certos, porque para eles deve parecer que eu estou de cabeça para baixo. E eles estão em maioria – talvez você também pertença ao grupo deles. Mas este é o procedimento usual: eles não respondem às minhas perguntas, só condenam minha discordância. Ora, isto é inumano. Se vocês responderem às minhas perguntas e eu continuar discordando, então certamente sou teimoso. Mas vocês já responderam a uma única pergunta minha? Já me satisfizeram? Têm qualquer direito de me condenar porque eu discordo?"

Na Índia, no fim da monção, há um festival de luzes chamado Diwali, quando todo o país se torna muito festivo e toda casa usa milhares de pequenas lamparinas decorando todos os muros e sacadas. A cidade toda se transforma em um mundo encantado, o país todo se transforma em um mundo encantado, com fogos de artifício e grande alegria. Nesse dia eles adoram o dinheiro.

A deusa do dinheiro é Laxmi. Laxmi é a esposa do deus hindu Narayana, e é claro que a esposa de um deus deve ser a deusa da riqueza. Na verdade, uma das palavras indianas para "deus", *Ishwar*, significa "aquele que tem toda a riqueza do mundo". Sua esposa é a deusa da riqueza. E na noite do festival de luzes eles adoram o dinheiro.

Antes de aparecer o papel-moeda, eles costumavam fazer uma pilha de rúpias de prata e então adorá-las. Agora empilham cédulas e as adoram. Antes das rúpias de prata, havia as rúpias de ouro. A palavra *rupia* significa simplesmente "ouro"; ela vem do sânscrito. É uma palavra indiana… porque no início a moeda era ouro, ouro puro, e por isso a palavra *rupia* era significativa.

Eles costumavam adorar o ouro, depois veio a prata, depois veio o papel-moeda. E continuaram… O importante é adorar o dinheiro. Eu nunca participei dessa adoração. Eu simplesmente odiava toda a ideia e lhes disse isso: "Essa é uma das coisas mais feias que vocês podem fazer. O dinheiro é algo para ser usado, não adorado. Por um lado suas religiões ensinam que o dinheiro não é nada além de pó. Por um lado, ele é pó, por outro lado, ele se

torna uma deusa. E vocês não conseguem enxergar sua mente dividida?

"Por um lado vocês elogiam um homem e o chamam de sábio se ele renuncia ao dinheiro; então ele se torna sinônimo de Deus porque renunciou ao dinheiro e às coisas materiais. E por outro lado vocês adoram o dinheiro. Vocês podem de alguma maneira me ajudar a entender isso? Não há nisso uma nítida contradição?

"Se o dinheiro é a esposa de Deus, então aquele que renuncia à esposa de Deus é um criminoso. Em primeiro lugar, por que ele possuiu a esposa de Deus? – isso me parece absolutamente ilegal. Ele deveria ser capturado e aprisionado. Em primeiro lugar, ele estava pretendendo ser o marido da esposa de Deus?"

Meu pai dizia: "Fique quieto! Deixe-nos pelo menos terminar nossa adoração".

E eu dizia: "Não, primeiro eu quero a minha resposta".

Na minha casa havia um banco que as pessoas usavam como uma escada para colocar coisas em lugares altos ou tirá-las de lá. Onde quer que eles estivessem adorando, na sala principal da casa, eu me sentava naquele banco. E eles diziam: "Pelo menos, por favor, desça daí. Você está sentado nesse banco".

E eu dizia: "Não, eu quero minhas respostas. Vejo muita estupidez nisso porque tenho visto vocês tocarem os pés de pessoas que renunciaram ao dinheiro. E então me dizem que este é um grande homem, um sábio. Ele largou tudo que é considerado valioso e isso requer coragem e bravura. Mas o que vocês estão fazendo? Se esse homem está certo em renunciar a todo esse dinheiro, pelo menos parem de adorar o dinheiro. E vocês têm de me responder, do contrário minha discordância continuará".

Minha mãe me dizia: "Nesses dias você devia sair de casa porque você não sabe – se a deusa Laxmi ficar zangada nós vamos todos ficar famintos e morrer pobres".

E eu dizia: "Venho fazendo isto ano após ano, sentado em meu banco. Não acho que sua deusa possa fazer qualquer coisa. Se ela puder, eu a desafio – deixe que ela faça, porque então isso pelo menos me dará alguma resposta".

E quando eles todos terminavam sua adoração, eu ia lá e chutava as rúpias, cuspia nelas e dizia: "Era isso que eu queria fazer; agora vamos ver quem vai ser recompensado". Eles não conseguiam me impedir, embora se esforçassem muito.

Eu dizia: "Vocês não podem me impedir. Vou fazer o que quero fazer, a menos que me provem que eu estou errado. E vocês me chamam diante de todo mundo dizendo que eu vivo sempre discordando de tudo. Eu tenho de discordar de tudo, pela simples razão de que vocês continuam fazendo coisas nas quais qualquer pessoa inteligente enxergaria a contradição".

Por exemplo, na Índia, se alguém tem varíola, esta não é considerada uma doença física. Na Índia a varíola é chamada de *mata*. *Mata* significa "deusa mãe". E em toda cidade há um templo para a deusa mãe, ou muitos templos… A deusa mãe está zangada e, por isso, as pobres criancinhas contraem varíola.

Pessoas como Mahatma Gandhi eram contra a vacinação porque ela não era natural. A varíola é natural. Ela destrói tantos belos rostos de crianças, seus olhos, e mata muitas delas. E o profeta da não violência era contra a vacinação, porque era contra qualquer coisa

científica – e, além disso, acreditava-se que a doença não era fisiológica, mas uma raiva espiritual.

Uma de minhas irmãs morreu de varíola, e eu fiquei muito zangado porque adorava mais essa irmã do que qualquer um de meus outros irmãos e irmãs. Eu lhes disse: "Vocês a mataram. Eu lhes disse que ela precisava ser vacinada. Eu tive varíola, mas naquela época não podia lhes dizer nada; vocês nem sequer se lembram disso, porque aconteceu no meu primeiro ano de vida. E toda criança sofre. Quando esta garota nasceu eu insisti para que ela fosse vacinada, mas vocês são todos seguidores de Mahatma Gandhi: a vacinação é contra a natureza. E para prevenir… a raiva da deusa mãe será perigosa. Ela aparecerá em alguma outra forma".

E quando a menina contraiu varíola, eles fizeram as duas coisas: deram o remédio que o médico prescreveu e iam continuamente adorar a deusa mãe.

Eu disse: "Então, por favor, façam apenas uma coisa; ou deem o remédio ou adorem sua mãe. Mas vocês estão sendo ladinos; estão inclusive enganando a deusa mãe. Eu sou honesto, cuspo todos os dias em sua deusa mãe" – porque eu costumava ir até o rio e o templo ficava bem no caminho e, portanto, não havia problema; na ida e na volta eu cuspia.

E dizia: "O que quer que vocês façam… Mas é estranho: eu estou cuspindo, eu deveria sofrer. Por que ela deveria sofrer? E eu não entendo que a deusa mãe fique zangada e as crianças pequenas sofram – elas, que não cometeram nenhum crime, que acabaram de chegar, que não tiveram tempo suficiente para fazer nada e nem são capazes de fazer nada! Outros deveriam sofrer, mas não estão sofrendo.

"E vocês a chamam de deusa mãe?! Deviam chamá-la de bruxa, porque que tipo de mãe é ela, que faz as crianças pequenas sofrerem? E, além disso, vocês a estão enganando. Vocês também não têm certeza; do contrário não usariam o remédio. Joguem fora todos os remédios, dependam completamente de sua deusa mãe. Mas vocês também têm medo disso. Estão tentando montar em dois cavalos. Isto é pura estupidez. Ou dependam da mãe e deixem a menina morrer, ou dependam do remédio e se esqueçam dessa mãe."

E eles diziam: "Podemos entender que aí há uma contradição, mas, por favor, não nos fale disso, porque você nos magoa".

E eu dizia: "Vocês acham que isso magoa vocês, e que não me magoa ver meus pais sendo tolos, ignorantes? Isso não me magoa? Magoa-me mais. Ainda há tempo, vocês podem mudar; mas, ao contrário, vocês estão tentando mudar a mim! E chamam isso de ajuda? Vocês acham que sem a sua ajuda eu vou ficar perdido. Por favor, deixem que eu me perca. Pelo menos vou ter uma satisfação, de que ninguém mais é responsável por eu ficar perdido, que é apenas responsabilidade minha. Vou me orgulhar disso".

Se até os sete anos uma criança for deixada inocente, não corrompida pelas ideias de outros, então desviá-la de seu potencial crescimento torna-se impossível. Os primeiros sete anos da criança são os mais vulneráveis. E ela está na mão dos pais, de professores, de sacerdotes…

Como salvar as crianças dos pais, dos sacerdotes, dos professores é uma questão de tal proporção que parece quase impossível descobrir como fazer isso.

Não é uma questão de ajudar a criança. É uma questão de protegê-la. Se você tem um filho, proteja a criança de você mesmo. Proteja a criança dos outros que podem influenciá-la: pelo menos até os sete anos, proteja-a. A criança é como uma plantinha, frágil, vulnerável; um vento forte pode destruí-la, qualquer animal pode comê-la. Você pode instalar um arame de proteção em torno dela, mas isso não é uma prisão, você está simplesmente a protegendo. Quando a planta ficar maior, o arame será removido. Proteja a criança de todo tipo de influência para que ela possa permanecer ela mesma – e é só uma questão de sete anos, porque então o primeiro ciclo estará completo. Em sete anos ela ficará bem estabelecida, centrada e suficientemente forte.

Você não sabe como uma criança de sete anos pode ser forte, porque não tem visto crianças não corrompidas, só tem visto crianças corrompidas. Elas carregam os medos, a covardia de seu pai, de sua mãe, de sua família. Elas não vivem seu eu natural.

Se uma criança permanecer não corrompida durante sete anos… você ficará surpreso ao encontrá-la. Ela será mais afiada que uma espada. Seus olhos serão mais claros, sua percepção será mais clara. E você verá nela uma enorme força, que não poderá encontrar nem mesmo em um adulto de 70 anos de idade, porque suas bases foram abaladas. Porque, na verdade, na medida em que a construção vai ficando cada vez mais alta, ela fica cada vez mais abalada. Então você vai ver que quanto mais velha fica uma pessoa, mais medrosa ela se torna. Quando ela é jovem, pode ser um ateu; quando envelhece começa a acreditar em Deus. Por que isso acontece?

Quando uma pessoa tem menos de 30 anos, ela é *hippie*. Tem a coragem de ir contra a sociedade, de se comportar à sua própria maneira: ter cabelos compridos, usar barba, perambular pelo mundo, enfrentar todos os tipos de riscos. Mas quando chega aos 40, tudo isso desaparece. Você a verá em um escritório em um terno cinza, bem barbeado, bem arrumado. Você não será capaz de reconhecer que ele foi um *hippie*.

Para onde foram todos os *hippies*? Você os viu com uma grande força; depois, como cartuchos de bala usados, vazios, impotentes, derrotados, deprimidos – tentando tirar algo da vida, achando que todos aqueles anos de postura *hippie* foram um desperdício. Os outros foram bem mais adiante; alguém se tornou presidente, alguém se tornou governador, e "nós fomos idiotas; ficamos apenas tocando guitarra e o mundo foi passando por nós". Eles se arrependem.

É realmente difícil encontrar um *hippie* velho.

Se você é pai ou mãe vai precisar de muita coragem – para não interferir. Abra portas de direções desconhecidas para a criança, de modo que ela possa explorar. Ela não sabe o que tem dentro de si, ninguém sabe. Ela tem de tatear no escuro. Não a torne temerosa da escuridão, não deixe que ela tenha medo do fracasso, não deixe que ela tema o desconhecido. Dê-lhe apoio. Quando ela partir em uma jornada desconhecida, deixe-a ir com todo o seu apoio, com todo o seu amor, com todas as suas bênçãos.

Não deixe que ela seja afetada por seus medos. Você pode ter medos, mas guarde-os para si mesmo. Não descarregue esses medos na criança porque isso vai interferir.

Depois dos sete anos, o próximo ciclo de sete anos, dos sete aos 14, é uma nova adição à

vida: a primeira agitação das energias sexuais. Mas elas são apenas uma espécie de ensaio.

Ser pai ou mãe é uma tarefa difícil; por isso, a menos que esteja pronto para enfrentar tal tarefa, não se torne pai ou mãe. As pessoas simplesmente vão se tornando pais e mães sem saber o que estão fazendo. Vocês estão dando existência a uma vida; todo o cuidado do mundo será necessário. Quando a criança começa a praticar seus ensaios sexuais é o momento em que os pais mais interferem, porque eles também sofreram interferência. Tudo o que sabem é o que foi feito a eles, e por isso simplesmente continuam fazendo aquilo a seus filhos. As sociedades não permitem o ensaio sexual, pelo menos não o permitiram até este século [XX] – somente nas últimas duas ou três décadas e, assim mesmo, apenas nos países muito adiantados. Agora as crianças estão tendo educação mista. Mas em um país como a Índia, mesmo agora a educação mista só começa no nível universitário.

O menino de 7 anos de idade e a menina de 7 anos de idade não podem estar no mesmo internato. E esta é a época deles – sem nenhum risco, sem a menina engravidar, sem nenhum problema criado para suas famílias –, esta é a época em que lhes devem ser permitidas todas as brincadeiras.

Sim, é claro que vai haver uma coloração sexual nas brincadeiras, mas é apenas um ensaio; não é o drama real. E se você não lhes permitir nem mesmo o ensaio, então de repente, um dia, a cortina se abre e se inicia o drama real… E essas pessoas não sabem o que está acontecendo; não há nem mesmo um *teleprompter* para lhes dizer o que fazer. Você confundiu totalmente a vida delas.

Esses sete anos, o segundo ciclo na vida, são importantes como um ensaio. Eles devem se encontrar, se misturar, brincar, se relacionar. E isso ajudará a humanidade a abandonar quase 90 por cento das perversões. Se for permitido às crianças de 7 a 14 anos ficarem juntas, nadarem juntas, ficarem sem roupa diante umas das outras, 90 por cento das perversões e 90 por cento da pornografia simplesmente desaparecerão. Quem vai perder tempo com isso? Quando um menino já viu tantas meninas nuas, que interesse terá para ele uma revista como a *Playboy*? Quando uma menina já viu tantos meninos nus, não vejo qualquer possibilidade de curiosidade sobre o outro; ela simplesmente vai desaparecer. Eles vão crescer juntos naturalmente, não como duas espécies diferentes de animais.

Neste exato momento, veja como eles crescem: como duas espécies diferentes de animais. Eles não pertencem a uma humanidade; são mantidos separados. Mil e uma barreiras são criadas entre eles para que não possam ter qualquer ensaio de sua vida sexual que está prestes a começar. É devido a ausência desse ensaio que hoje faltam as preliminares na vida sexual real das pessoas; e as preliminares são muito importantes – bem mais importantes que o contato sexual real, porque o contato sexual real só dura segundos. Não é um nutrimento. Ele simplesmente o deixa em um limbo. Você estava esperando tanto e nada vem dele.

Em híndi temos um provérbio: *kheela pahad nikli chubia* – "Você escava toda uma montanha e só encontra um rato". Depois de todo o esforço escavando a montanha – ir ao cinema, ir à discoteca, ir ao restaurante e falar todo tipo de bobagem que nem você nem o outro queriam, mas ambos permanecem conversando –, no fim, só encontram um rato! Nada é tão frustrante quanto o sexo.

Outro dia minha assistente me trouxe uma propaganda sobre um novo carro; na propaganda eles colocaram uma bela frase de que gostei. A frase era a seguinte: "É melhor que o sexo". Não me importo com o carro – a propaganda é bonita. Certamente, se você olhar à sua volta, vai encontrar mil e uma coisas melhores que o sexo. O sexo é apenas um rato, e isso, também, depois de muito esforço, muita transpiração… e no fim ambos se sentem enganados.

A razão disso é que você não conhece a arte do sexo; você só conhece o ponto intermediário. É como se visse um filme apenas no meio por alguns segundos. Naturalmente, não vai conseguir extrair nenhum sentido dele; o início está faltando, o fim está faltando. Talvez você simplesmente tenha visto o intervalo… onde não havia nada.

O homem se sente envergonhado depois do sexo; ele se vira e dorme. Ele simplesmente não consegue encarar a mulher. Ele se sente envergonhado, e é por isso que se vira e dorme. A mulher chora porque não era por aquilo que ela estava esperando. Isso é tudo? Por que todo esse drama? A razão é que a parte do ensaio, na sua vida, foi cortada por sua sociedade. Você não sabe o que são as preliminares.

As preliminares são realmente a parte mais satisfatória no sexo. As preliminares são mais amorosas. O sexo é simplesmente um clímax biológico. Mas o clímax de quê? Você perdeu tudo o que poderia tê-lo tornado um clímax! Você acha que, de repente, atinge o clímax, perdendo todos os degraus da escada? Você tem de subir a escada, degrau por degrau, e só então pode atingir o clímax. Todos querem o clímax.

Os tolos psicanalistas e assemelhados puseram uma ideia de orgasmo na mente das pessoas. O orgasmo é um estágio ainda mais elevado que o clímax; ele precisa muito mais que o clímax. As pessoas estão perdendo o clímax – a vida sexual delas não é nada mais do que um tipo de alívio. Sim, por um momento você se sente aliviado de uma carga, assim como se sente depois de um bom espirro. Como é bom depois dele! – mas durante quanto tempo? Quanto tempo você consegue se sentir bem depois de um espirro? Durante quantos segundos, quantos minutos, você pode se vangloriar: "Eu dei um grande espirro. Foi ótimo"? Quando o espirro acaba, toda a satisfação também se vai com ele.

Era simplesmente algo que o estava incomodando. Você pôs fim a esse incômodo, houve um pequeno relaxamento. Essa é a vida sexual da maioria das pessoas no mundo. Alguma energia o está incomodando, está tornando você pesado; estava se transformando em uma dor de cabeça. O sexo lhe proporciona um alívio.

Mas a maneira como as crianças são criadas está quase exterminando toda a vida delas. Esses sete anos de ensaio sexual são absolutamente essenciais. As meninas e os meninos devem ficar juntos nas escolas, nos dormitórios, nas piscinas e nas camas. Eles devem ensaiar para a vida que têm pela frente; eles têm de estar prontos para ela. E não há nenhum risco nisso, não haverá problema se à criança for dada toda a liberdade com relação à sua energia sexual crescente, se não for condenada, reprimida… – que é o que está sendo feito.

Você está vivendo em um mundo muito estranho. Você nasceu do sexo, vai viver para o sexo, seus filhos vão nascer do sexo – e o sexo é a coisa mais condenada, o maior pecado. E todas as religiões continuam colocando essa bobagem em sua mente. Elas transformaram você quase em um saco de papel pardo.* Só em Nova Jersey vim a saber o significado dessa

expressão. Isso é estranho; não sei se acontece em todos os Estados Unidos ou só em Nova Jersey, porque nunca ouvi falar nisso em nenhum lugar, só em Nova Jersey. Lá, quando eu dirigia pela manhã, via todos chegarem com um saco de papel pardo com todos os tipos de lixo e o colocarem na beira da estrada.

Eu perguntei: "Qual é o problema? Eles não conseguem encontrar sacos de outra cor? Tem de ser um saco de papel pardo?" Mas então pensei que aquilo talvez estivesse realmente certo. A maioria das pessoas é simplesmente um saco de papel pardo. Nunca se abrem para ninguém.

Isso aconteceu na minha infância: a Índia se tornou independente, mas o governo britânico deixou fora disso alguns estados indianos. A Índia estava dividida em duas partes separadas; só uma delas estava sob o domínio britânico. Havia pequenas áreas, em toda a Índia, de estados indianos que ainda eram governados por reis indianos. Eles estavam sob o domínio britânico – sua política externa era dominada pelo governo britânico, mas em sua política interna eles eram completamente livres.

Quando os britânicos saíram da Índia, deixaram-na em uma total bagunça. Em primeiro lugar, separaram a Índia e o Paquistão; em segundo lugar, deixaram os estados indianos absolutamente em um limbo, sem tomar qualquer decisão a respeito deles. A ideia era criar um caos, e realmente criaram um caos, porque havia muitos estados indianos. Agora a questão era a seguinte: eles eram nações independentes? Eram parte da Índia e sua política externa seria gerida pela Índia, ou eram parte do Paquistão e sua política externa seria gerida pelo Paquistão?

Nada estava decidido; a questão toda não estava decidida. E os estados indianos constituíam quase a metade da Índia. E o problema era mais complicado, porque em alguns estados a maioria da população era hindu e o rei era muçulmano; em outros estados a maioria da população era muçulmana e o rei era hindu. Em Kashmir, 90 por cento da população era muçulmana, mas o rei era hindu. Hyderabad tinha 90 por cento de hindus, mas o rei era muçulmano.

Bem próximo à minha cidade, além do rio, havia um pequeno estado, Bhopal. O rei era muçulmano, a população era hindu, e por isso em toda parte havia conflitos, porque a população queria que o estado fosse unido à Índia, e o rei queria uni-lo ao Paquistão, porque ele era muçulmano. Mas ele estava no meio da Índia, então não era fácil uni-lo ao Paquistão. Houve uma grande luta entre as forças do rei e a população, e nós estávamos justamente do outro lado do rio. Podíamos ver desse lado as pessoas sendo mortas do outro lado.

Encontramos quatro pessoas mortas que tinham sido abatidas pelas forças do rei; de algum modo elas devem ter caído no rio e chegaram até o nosso lado. Naturalmente, eu tive de persuadir as pessoas: "Isto não é bom. Elas estavam lutando pela liberdade do país; queriam que o país se juntasse à Índia – vocês não podem abandoná-las desse jeito".

Eles queriam jogá-las de volta ao rio e acabar com o assunto: quem iria se importar com elas? Mas de algum modo consegui reunir alguns jovens, e depois algumas pessoas mais velhas se sentiram envergonhadas e se juntaram a nós.

Mas antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, elas tinham de ser autopsiadas, e então as

levamos para o hospital. O local da autópsia ficava quase 400 metros atrás do hospital, na selva. Pode-se entender o motivo, porque eles cortam os corpos… e o cheiro e tudo o mais… Por isso, colocaram o lugar tão distante da cidade. Mas tínhamos de levar para lá aqueles quatro cadáveres.

Essa foi a primeira vez que vi um saco de papel pardo aberto. O médico era pai de um de meus amigos e, por isso, me permitiu entrar. Ele disse: "Você vai poder ver como um homem é por dentro". E abriu os corpos. Foi realmente chocante ver como um homem é por dentro. E foi apenas o corpo; mais tarde vi também a autópsia da mente. Comparado a ela, o corpo não é nada, é apenas o pobre corpo. Sua mente é tão rica em lixo…

Naquele dia uma coisa aconteceu que tenho de lhes contar, embora não esteja relacionada ao que eu ia lhes dizer – mas precisa ser relatada de alguma maneira, do contrário por que eu me lembraria disso?

Quando estávamos carregando os corpos após serem autopsiados… eles os juntaram de novo e os cobriram. Um dos líderes de minha cidade, Shri Nath Batt, sempre achou que eu fosse seu inimigo, pela simples razão de eu ser amigo de seu filho e ele achar que eu o estava corrompendo – e de certa maneira ele estava certo. Por acaso aconteceu de estarmos carregando um corpo juntos; eu estava na frente, segurando as duas traves da frente da maca, e Shri Nath Batt vinha atrás de mim, segurando as extremidades traseiras.

A cabeça do homem morto estava na minha extremidade, e as pernas na extremidade dele. Eu havia lido em algum lugar que quando um homem morre é claro que ele perde todo o controle – também o controle sobre a bexiga; assim, se colocarem sua cabeça para cima e suas pernas para baixo… Eu pensei: "Esta é uma boa chance de ver se isso é verdadeiro ou não". E então simplesmente ergui as traves… e vocês deviam ter visto o que aconteceu – porque aquele corpo começou a urinar e Shri Nath Batt saiu correndo! E não conseguimos convencê-lo a voltar. Ele disse: "Eu não posso. Você já tinha ouvido falar de um homem morto urinando? Isso é um fantasma!"

Eu lhe disse: "Você é o líder".

Ele respondeu: "Para o inferno com o líder! Não quero ser o líder se este for o tipo de trabalho que eu tenho de fazer. E eu sempre soube quem você é – desde o início. Por que você levantou aquelas traves?"

Eu disse: "Não sei, deve ter sido o fantasma. De repente, senti que alguém estava erguendo minhas mãos. Não sou de modo algum responsável por isso". E tive de arrastar aquele corpo sozinho, por 400 metros, até o hospital.

Shri Nath Batt estava na cidade contando o fato para todo mundo. "Este garoto algum dia vai matar alguém. Hoje, só pela graça de Deus, estou salvo. Aquele fantasma urinou em mim, nas minhas roupas. E aquele garoto me persuadiu: 'Você tem de vir porque é o líder; do contrário, o que as pessoas vão pensar? Um líder em momentos de necessidade, desaparecendo! Lembre-se, na hora da eleição eu não vou ser de nenhuma ajuda'. Então fui lá, mas nunca pensei que ele fosse fazer uma coisa daquelas comigo."

Essas pessoas espalhadas no mundo todo são realmente sacos de lixo, cheios de todas as coisas estragadas que você possa conceber, pela simples razão de que não lhes foi permitido

crescer da maneira natural. Não lhes foi permitido aceitarem a si mesmas. Todas se tornaram fantasmas. Elas não são pessoas autenticamente reais, são apenas sombras de alguém que poderiam ter sido; são apenas sombras.

O segundo ciclo de sete anos é imensamente importante porque vai prepará-lo para os próximos sete anos. Se você fez sua lição de casa direitinho, se brincou com sua energia sexual com o espírito de um esportista – e nessa época esse é o único espírito que você terá –, não vai se tornar um pervertido, um homossexual.

Todos os tipos de coisas estranhas não chegarão à sua mente porque você está se movendo naturalmente com o outro sexo, e o outro sexo está se movendo com você; não há nenhum impedimento e você não está fazendo nada de errado contra ninguém. Sua consciência é clara porque ninguém colocou em sua consciência ideias do que é certo, do que é errado: você está simplesmente sendo o que você é.

Então, dos 14 aos 21 anos seu sexo amadurece. E é importante entender isto: se o ensaio correu bem, nos sete anos em que seu sexo amadurece, acontece uma coisa muito estranha que você pode nem ter pensado a respeito, porque não lhe foi dada a chance. Eu lhe disse que o segundo ciclo dos sete anos, dos 7 aos 14, lhe dá um vislumbre das preliminares do sexo. O terceiro ciclo de sete anos lhe dá um vislumbre do pós-sexo. Você ainda está junto com garotas e rapazes, mas agora uma nova fase se inicia em seu ser. Você começa a se apaixonar.

Ainda não é um interesse biológico. Vocês não estão interessados em produzir filhos, não estão interessados em se tornar maridos e esposas. Estes são os anos do jogo romântico. Vocês estão mais interessados na beleza, no amor, na poesia, na escultura – que são, todas, fases diferentes do romantismo. E, a menos que um homem tenha alguma qualidade romântica, ele jamais saberá o que é o pós-sexo. O sexo está simplesmente no meio.

Quanto mais prolongadas forem as preliminares, melhor a possibilidade de atingir o clímax; quanto melhor a possibilidade de atingir o clímax, melhor a abertura para o pós-sexo. E, a menos que um casal conheça o pós-sexo, ele nunca saberá o que é o sexo em sua completude.

Há sexólogos que estão ensinando as preliminares. As preliminares ensinadas não são a coisa real, mas eles as estão ensinando – pelo menos reconheceram o fato de que sem as preliminares o sexo não pode atingir o clímax. Mas estão perdidos em relação a como ensinar o pós-sexo, porque quando uma pessoa atingiu o clímax ela não está mais interessada: ela terminou, a tarefa foi concluída. Então, é necessária uma mente romântica, uma mente poética, uma mente que saiba como agradecer, como ser grata.

A pessoa, a mulher ou o homem que o levou a esse clímax, precisa de alguma gratidão – o pós-sexo é sua gratidão. E, a menos que haja o pós-sexo, seu sexo está incompleto; e o sexo incompleto é a causa de todas as dificuldades que o homem atravessa.

O sexo só pode se tornar orgásmico quando o pós-sexo e as preliminares estiverem completamente equilibrados. Em seu equilíbrio o clímax se transforma em orgasmo.

E a palavra *orgasmo* tem de ser entendida. Ela significa que todo o seu ser – corpo, mente, alma, tudo – se torna envolvido, organicamente envolvido. Então aquilo se torna um momento de meditação. Para mim, se seu sexo não se tornar finalmente um momento de meditação, você

não sabe o que é o sexo. Você só ouviu falar dele, só leu sobre ele; e as pessoas que têm escrito sobre ele não sabem nada a respeito dele.

Li centenas de livros de sexologia escritos por pessoas que são consideradas grandes especialistas, e elas são especialistas, mas não sabem nada sobre o relicário mais interno onde floresce a meditação.

Assim como as crianças nascem por meio do sexo comum, a meditação nasce do sexo extraordinário. Os animais podem produzir filhos; não há nada especial nisso. Só o homem consegue produzir a experiência da meditação como o centro de sua sensação orgásmica. Isso só é possível se for permitido que os jovens entre 14 e 21 anos de idade tenham liberdade romântica.

Dos 21 aos 28 anos é a época em que eles podem se estabelecer. Eles podem escolher um parceiro. E agora são capazes de escolher; tendo passado por toda a experiência dos dois ciclos anteriores, eles podem escolher o parceiro certo. Ninguém mais pode fazer isso por você. É algo mais parecido com uma intuição – não é aritmética, nem astrologia, quiromancia ou I-Ching que vão fazer isso.

É uma intuição. Entrando em contato com muitas, muitas pessoas, de repente, um clique – algo que nunca havia acontecido antes com mais ninguém. E isso "clica" com tanta certeza e de um modo tão absoluto que você não consegue sequer duvidar. Mesmo que tente duvidar, não consegue; a certeza é enorme. Com esse "clique" você se tranquiliza.

Em algum momento entre os 21 e os 28 anos de idade, se tudo se passar da maneira fluida que estou falando, sem interferência de outros, então você se assenta. E o período mais agradável da vida vem dos 28 aos 35 anos – é o mais alegre, o mais pacífico e harmonioso, porque duas pessoas começam a se dissolver e a se fundir uma na outra.

Dos 35 aos 42, um novo passo, uma nova porta se abre. Se até os 35 vocês sentiram a harmonia profunda, uma sensação orgásmica, e descobriram a meditação por meio dela, então dos 35 aos 42 vocês ajudarão um ao outro a penetrar cada vez mais nessa meditação sem o sexo, porque o sexo neste ponto começa a parecer infantil, juvenil.

Os 42 anos são o momento certo em que uma pessoa deve ser capaz de saber exatamente quem ela é. Dos 42 aos 49 ela penetra cada vez mais fundo na meditação, cada vez mais dentro de si mesma, e ajuda o parceiro da mesma maneira. Eles se tornam amigos. Ali não há mais marido e não há mais esposa; aquele momento já passou. Ele proporcionou riqueza à sua vida; agora há algo mais elevado, mais elevado que o amor. É a amizade, um relacionamento compassivo que vai ajudar o outro a entrar mais fundo dentro de si mesmo, a se tornar mais independente, a se tornar mais só – assim como duas árvores altas se sustentam separadas, mas ainda próximas uma da outra, ou dois pilares em um templo sustentam o mesmo teto. Duas pessoas muito próximas, mas ainda assim muito separadas, muito independentes e muito sós.

Dos 49 aos 56 esta solitude torna-se o foco de seu ser. Tudo no mundo perde o significado. A única coisa importante que permanece é esta solitude.

Dos 56 aos 63 a pessoa se torna absolutamente o que ela vive para se tornar: o potencial floresce.

Dos 63 aos 70 ela começa a estar pronta para deixar o corpo. Agora ela sabe que não é o

corpo, sabe também que não é a mente. O corpo foi percebido como algo separado dela, em algum momento, quando ela estava em torno dos 35 anos. A mente foi percebida como separada dela em algum momento quando estava em torno dos 49. Agora, tudo o mais cai, exceto o eu que testemunha. Apenas a consciência pura, a chama da consciência, permanece com a pessoa. E esta é a preparação para a morte.

Setenta é a duração de vida natural para o homem. E se as coisas se moverem em seu curso natural, então ele morre com enorme alegria, com grande êxtase, sentindo-se imensamente abençoado por sua vida não ter sido desprovida de significado, pois pelo menos ele encontrou seu lar. E por causa dessa riqueza, dessa realização, ele é capaz de abençoar toda a existência.

Estar perto de tal pessoa quando ela está morrendo é uma grande oportunidade. Quando ela deixar o corpo você poderá sentir algumas flores invisíveis caindo sobre você. Embora não possa vê-las, poderá senti-las.

Tem sido sempre um grande momento na vida dos discípulos quando o mestre deixa o corpo. E isso é possível porque o mestre pode saber quando ele vai deixar o corpo – ele pode reunir todos aqueles que foram seus seguidores movendo-se na mesma direção. Agora que está partindo, ele gostaria de lhes dar seu último presente.

Quando o mestre abre suas asas para o outro mundo, você sente uma brisa incomparável. Não há nada na vida que possa ser comparado a isso.

É a alegria mais pura, tão pura, que ter um pequeno gostinho dela é suficiente para transformar toda a sua vida.

Minha lembrança de meus pais quando eu era jovem é que eles eram muito ativos. Meu pai pintava e escrevia poesia, minha mãe me ensinou a dançar. Ambos eram agnósticos e nunca me ensinaram religião. Agora, divorciados, cada um vive em um desespero silencioso, relutantes em aproveitar as oportunidades. Para mim eles morreram e são apenas conchas de medo. Isso me deixa triste, porque antes eram cheios de vida. O que aconteceu com eles?

Esta é uma pergunta complicada. Em primeiro lugar, você não sabe o significado de *agnosticismo*. O simples fato de *não* ensinar religião não é agnosticismo. O simples fato de *não* acreditar não é agnosticismo. Se você chamar isso de agnosticismo, terá de usar a palavra *negativa*; é agnosticismo negativo.

O agnóstico positivo é um buscador, e ele continua buscando, arriscando tudo para encontrar a verdade, a vida.

É tão fácil ser um agnóstico negativo; para isso não é necessária muita inteligência. Todas as religiões são tão cheias de lixo que qualquer homem de inteligência mediana pode perceber isso. E, percebendo isso, ele se torna não religioso. Seus pais devem ter sido pessoas desse tipo. As religiões estavam erradas – essa era a postura intelectual deles. Mas eles nunca tentaram preencher o vazio que a religião estava ocupando. Jogaram o bebê fora junto com a água do banho.

Ser um agnóstico significa uma busca extraordinária. Você não tem de acreditar, e também não tem de desacreditar. O agnóstico negativo desacredita; e não há muita diferença entre a crença e a descrença. A pessoa religiosa acredita em Deus, a pessoa irreligiosa não acredita em Deus, mas suas crenças e descrenças são apenas jogos mentais. Nenhum deles buscou, meditou, penetrou profundamente em seu próprio centro. Para ser um agnóstico é necessária uma imensa coragem, uma imensa energia, e também paciência.

E quando o agnóstico chega ao centro de seu ser, certamente ele descobre que não há um Deus, porque, no momento em que você conhece seu centro, você conhece o centro de toda a existência. Na periferia estamos separados, mas nossa separação está apenas na circunferência. À medida que você se move para dentro de seu próprio ser, você está chegando cada vez mais perto do ser das outras pessoas. Finalmente, quando você atinge o centro, fica impressionado. Não há Deus, mas há uma extraordinária beleza, um incalculável silêncio.

Se o agnosticismo de seus pais fosse o que eu estou definindo, eles não teriam entrado em desespero. O agnóstico não pode nunca viver no desespero. Fica envolvido na grande busca do que significa tudo isso; não tem energia para o desespero, está canalizando todo o seu esforço para uma única dimensão: ele quer conhecer.

O agnóstico não é o fim da busca. É apenas o começo. O agnóstico não pode dizer que não existe Deus, não existe céu, não existe inferno. Isso é o que o ateísta continua fazendo. Talvez seus pais fossem ateístas. Os ateístas têm probabilidade de algum dia entrar em profundo desespero. Quando a morte se aproxima, eles começam a tremer. Não acreditaram em Deus, desacreditaram da religião. Isso foi bom quando eles eram jovens, mas diante da morte quase todos os ateístas se tornam teístas, começam a acreditar. É uma aritmética simples…

A morte está ali. O que está além dela, eles não sabem. Não conhecem a si mesmos. Era mais fácil quando eram jovens, entusiasmados. Gostavam de criticar, gostavam de destruir os argumentos daqueles que acreditavam. E é muito fácil destruir seus argumentos. Deus não é um argumento. No momento da morte, quando se tornam mais velhos e o espaço entre eles e a morte está se tornando cada vez menor, eles perdem o bom senso. Agora não são mais jovens, não estão mais entusiasmados. Tornaram-se apenas frios, encolhidos, e a morte os assusta.

Agora a única saída é aceitar a religião, porque a religião é uma espécie de ópio. Ela ajuda as pessoas a esquecerem seu desespero, sua angústia. Ela as ajuda a alucinarem quanto quiserem. E o raciocínio é o seguinte: "Se Deus não existe, então não há dano. Se nos tornarmos teístas, se Deus existir, então podemos dizer: 'Perdoe-nos. Nós éramos jovens demais, inexperientes. Como não sabíamos nada, começamos a desacreditar no senhor'". E todas as religiões ensinam que Deus perdoa aqueles que lhes pedem perdão.

É simples. A questão não é se Deus existe ou não existe. A pessoa está morrendo e tem de enfrentar a realidade – se sobreviver à morte, com que cara vai encontrar Deus? Esse é o desespero de seus pais. Jovens, eles eram pintores, poetas e dançarinos. Quando se é jovem, é fácil fazer todos os tipos de tolices. E quando não se acredita na religião em que as pessoas que o cercam estão acreditando, tem-se certa satisfação em se perceber como diferente, especial. A pessoa afirma sua singularidade. E ela não é nada senão um número do ego.

Na juventude, todo mundo acha que é um grande pintor, um grande poeta, um grande músico. A juventude é cega – é apenas a energia da natureza que está transbordando em você. E a pessoa não está preocupada com a morte; ela está muito distante. Há um certo limite além do qual ela não consegue se preocupar. Pode se preocupar com o amanhã, pode se preocupar com o depois de amanhã, mas se preocupar com o próximo ano? Preocupar-se com o próximo século? Ela vai dizer: "Hoje é o bastante, o amanhã está próximo. Mas quem se importa com o próximo século?"

Uma pessoa me perguntou: "Osho, não basta estar com você e desfrutar disso, em vez de ficar pensando no futuro da humanidade?". Ela própria está em dúvida; do contrário, de onde surgiria esta pergunta? Quem está lhe dizendo para ficar preocupada com o futuro da humanidade? Já é suficiente você conseguir lidar com sua vida; o futuro irá se revelar. O amanhã vai nascer do hoje. O que quer que a pessoa esteja fazendo hoje vai criar seu amanhã. Uma vez que ela saiba o segredo, não vai desfrutar apenas do *aqui*; vai também criar o futuro.

Da maneira como a pergunta foi formulada, parece que a pessoa precisa estar preocupada com o futuro da humanidade. Ela quer minha aprovação: isso está perfeitamente bem, não se sinta culpada, desfrute apenas desse dia comigo. Sua pergunta não necessita de uma resposta, sua pergunta necessita de aprovação.

Mas quando se é jovem, a morte é quase não existencial. Mas não se pode negligenciá-la quando se fica mais velho. Seus pais devem estar envelhecendo. Sua juventude está terminada, o amor entre sua mãe e seu pai acabou – esse também estava ali porque eles eram jovens. Na velhice todos gostariam de estar divorciados, e não somente da esposa ou do marido, mas da humanidade como tal!

A juventude é a época do romance. Por isso os jovens nunca são levados muito a sério. Os mais velhos, os idosos que já passaram por todas as experiências da vida, têm sido respeitados durante toda a história. Não se encontra uma única civilização em que o jovem tenha sido respeitado – ele era apenas tolerado; era uma perturbação e nada mais. Mas os idosos sabiam – eles também foram jovens um dia, também foram enganados de muitas maneiras: "Não há nada com o que se preocupar, estes jovens também superarão suas ideias românticas, suas ideias de revolução, do futuro da humanidade".

Quando a morte chegar, a pessoa vai se deter em uma única pergunta: o que há além da morte, o que vai acontecer? Se houver um Deus, então estou condenado – durante toda a minha vida eu o neguei. Se não houver Deus, isso também é apavorante. Então você virará um fantasma, sem um corpo? Uma consciência que quer coisas, mas não pode obtê-las? – porque as coisas são materiais e o fantasma não é material, não tem um corpo material. Essa é uma possibilidade, e não é muito atrativa.

E nunca se ouviu falar de fantasmas que soubessem pintar, escrever poesia ou compor música. Nunca se soube que eles dançassem e se divertissem. Os fantasmas não se apaixonam, pois perderam o corpo, a biologia, a fisiologia; eles são apenas uma sombra.

Não é atrativo se tornar um fantasma e vagar faminto por todas as coisas que desejou na vida. Ele gostaria de ter uma mulher, mas nunca soube que entre os fantasmas haja qualquer diferença sexual. Eles são todos parecidos. Não há fantasma bonito nem fantasma feio; não há

fantasma masculino nem fantasma feminino. E estão amarrados com todos os tipos de desejos.

Não, nenhum velho gostaria de viver assim; é melhor morrer completamente. A morte deve ser total, não apenas a morte do corpo, mas também a morte da alma. Esse será um grande relaxamento, porque, se você não existir, quem é que vai se preocupar?

Basta lembrar: quando vocês nasceram, lembram-se de estar preocupados com as coisas – armas nucleares, guerra mundial, Etiópia? E acham que antes de nascerem, quando eram não existenciais, havia algum problema? Não havia problema. Não ser é o fim de todos os problemas, de todos os sofrimentos, de toda a infelicidade.

Porém, se houver um Deus, o velho que o negou durante toda a sua vida estará desesperado. Ele não pode dizer agora que Deus existe. Isso vai contra seu ego, que ele cultivou por 70, 80 anos. E agora ele também não consegue defender tão intensamente sua descrença.

É minha experiência que todos os ateístas com os quais cruzei são sempre jovens. Nunca me deparei com um homem velho que fosse um ateísta. De maneira similar, nunca cruzamos com um velho que seja um *hippie*. Para ser *hippie* a pessoa tem de ter entre 25 e 35 anos. Durante esses dez anos ela teve força para combater a sociedade, para ir contra sua moralidade, para fazer coisas que não são permitidas, usar drogas… É um desafio. Mas o tempo vai passando, e entre os 35 e os 40 anos o *hippie* desaparece. De repente milhares de *hippies* simplesmente desaparecem. Agora aquela ideologia jovem e romântica do amor livre, das drogas, de não se importar com nada, não é mais possível. A pessoa está ficando mais velha; ela precisa de um lar, precisa de uma esposa ou de um marido para cuidar dela. Precisa de filhos, porque eles serão, de uma maneira sutil, extremamente gratificantes. Você sabe que irá morrer, mas pelo menos você viverá em seu filho. Os filhos são parte de você. Se pelo menos uma parte de você for salva, isso trará consolo.

Quando você era criança, seus pais eram jovens, cheios de ideias românticas. Na verdade, o jovem quer ser reconhecido – sua maior necessidade é de atenção. Se a pessoa for um teísta, quem vai lhe dar alguma atenção? Há milhões de teístas, isso é uma coisa muito comum. Mas sendo um ateísta, você imediatamente começa a receber atenção. Isso satisfaz o ego. E o ateísta pode sempre derrotar quaisquer outros tipos de crentes. O ateísta pode vencer uma discussão com qualquer teísta, porque o teísta não tem evidências, não tem testemunha ocular sobre o que acontece depois da morte, porque ninguém volta depois de morrer e lhe conta histórias sobre o que há além da morte. Então, isso é deixado a cargo de sua imaginação.

É claro que as pessoas idosas começam a imaginar um Deus; do contrário, ficarão muito desamparadas sem o corpo – vagando como uma nuvem sem direção, sem propósito. Elas necessitam de Deus. Deus é a necessidade do homem velho.

As crianças não se importam; elas são obrigadas a acreditar em Deus. O velho está de novo em uma situação similar, mas bem mais difícil e complexa. Uma criança pode ser facilmente moldada; ela é maleável, vulnerável, imitativa. O velho sente durante 70, 80 anos, que foi um determinado tipo de pessoa. Sua personalidade se tornou consolidada, e agora, no momento da morte, é muito difícil para ele se desconstruir. Por isso o idoso fica desesperado.

Por que seus pais se divorciaram? Quando a juventude um dia abandona a pessoa, ela leva

consigo muitas coisas dessa pessoa. Leva todas as suas pinturas, todas as suas poesias, toda a sua música, todas as suas danças. Leva todo o seu amor e deixa para trás uma coisa totalmente vazia, escura, ninguém para cuidar. A essa altura os filhos já devem ter crescido, devem estar passando por estágios revolucionários, rebeldes – talvez possam ser *hippies*. Eles não se importam com os pais; os pais viveram a própria vida, eles querem viver as deles.

Eles podem estar em algum lugar em Cabul, em Kullu Manali, em Katmandu, em Goa – estão desfrutando de sua juventude e de sua liberdade e têm energia para gastar. Devem estar usando maconha, haxixe, ópio, LSD. Não se importam nem mesmo se forem presos – conheci muitas pessoas que foram presas por usar drogas consideradas ilegais pelos governos. Mas a prisão não adianta. Quando saem da prisão, voltam para o mesmo caminho: Cabul, Kullu Manali, Katmandu, Goa. Goa é seu destino. Os outros lugares são apenas paradas, locais de descanso; Goa é o objetivo final.

A propósito, só me desviando um pouco… Todos os países cristãos são contra a maconha, o LSD, o haxixe, mas não são contra o álcool, que é bem mais perigoso para a saúde. Por quê? Porque o próprio Jesus bebia, seus apóstolos todos bebiam. Então, o álcool tem algum significado religioso para os cristãos.

As comunidades cristãs ou os países cristãos não podem proibir o álcool. Proibi-lo, torná-lo ilegal, significa que você está levantando questões contra Cristo e seu comportamento; você está duvidando dos grandes 12 apóstolos. E se Jesus podia beber vinho – e não só isso, se ele até transformou água em vinho –, como você pode dizer que o vinho é ilegal? Se o vinho for ilegal, então Cristo não estava fazendo um milagre, mas sim cometendo um crime ao transformar água em vinho.

Os cristãos aceitam o álcool – isso é estranho – e negam o LSD, pela simples razão de que o LSD não estava disponível para Jesus Cristo. Do contrário, eu posso afirmar com certeza que Jesus Cristo e todos os seus apóstolos estariam tomando LSD e fumando maconha. Eles tinham de se limitar apenas ao álcool, porque essa era a única droga disponível.

Você me pergunta o que há de errado com seus pais. Tudo! Em primeiro lugar, eles se casaram. Se não tivessem se casado, pelo menos teriam salvado você desta vida! E estavam muito envolvidos com a pintura, a poesia, as danças… Nunca ouvi o nome deles como grandes pintores, grandes poetas ou grandes dançarinos. Mas na juventude o balão do ego é grande: você escreve uma carta de terceira categoria e a chama de carta de amor. Muito provavelmente você a copiou de um romance ou de um filme de má qualidade.

Você executa o ato do amor – esse é um tipo de exercício, não é amor. O amor real só é possível para o meditador; essa é a sua recompensa. Um homem que não se conhece, uma mulher que não se conhece – essas duas pessoas ignorantes se apaixonam uma pela outra, e dessa ignorância nasce você. Mais cedo ou mais tarde, essas duas pessoas ignorantes tornam-se fartas uma da outra.

Agora seus pais estão vivendo separados, sozinhos, em desespero, em desesperança. Qual é o desespero deles? Agora seu pai sabe que suas pinturas são tolas, essas mesmas pinturas que pareciam como se um novo Picasso tivesse nascido. Seus poemas parecem lixo. Não há nada neles, ele só estava juntando as palavras em certa ordem. Esses poemas foram criados,

compostos, não nasceram.

O poeta de verdade dá à luz sua poesia. Ele a respira, seu coração palpita nela. No momento em que ele está derramando sua poesia, sua música, sua dança, ele não está ali. Se estiver ali, sua música, sua dança e sua música permanecerão medíocres. A pessoa tem de desaparecer, tem de desaparecer tão totalmente no ato, de forma que nada seja deixado para trás.

Um professor perguntou certa vez ao grande poeta Coleridge: "Quero falar com você, porque estou em dificuldades. Tenho de ensinar sua poesia a meus alunos. Há alguns versos, algumas afirmações na sua poesia, que acho difícil de explicar. E os alunos estão me perguntando. Sinto-me constrangido em dizer que não sei, e tenho um doutorado em literatura! Achei melhor procurá-lo e lhe perguntar o significado desses versos".

Coleridge disse: "Você pode vir, mas lembre-se, eu também tenho grande dificuldade".

O professor disse: "Você tem dificuldade em relação à sua própria poesia?"

Ele disse: "Sim. Quando as escrevi, duas pessoas sabiam o significado do que eu estava escrevendo: Deus e eu. Agora, só Deus sabe! Não consigo descobrir por que diabos escrevi aquilo".

Um poeta autêntico não está presente, ele abre caminho para a poesia fluir dele. E o mesmo acontece com a música e a dança, a escultura e a arquitetura, sobre tudo o que é belo. Se elas saírem de um estado meditativo, não são produtos do ego. Os produtos do ego vão ser muito vulgares.

Agora, deixe-me retornar.

Por que seus pais se divorciaram? Você está me perguntando o que deu errado. O romance acabou. O romance não é algo permanente. É como o vento: ele vem, você sente o frio, a brisa, e depois ele se vai. É como as flores desabrochando no sol do início da manhã – tão belas, tão coloridas, tão mágicas que até as gotas de orvalho em suas pétalas parecem pérolas. Mas à noite as pétalas caem, a flor desaparece.

O romance é como uma flor. Não é uma coincidência que os *hippies* e pessoas desse tipo tenham sido chamados de *flower people*.* Elas vão desabrochar e vão desaparecer, não há necessidade de se incomodar com elas. Isso acontece, essa doença, com toda pessoa jovem.

E se sua mãe era também uma dançarina, então certamente ambos eram artistas. Isso acontece mais com os artistas. Eles são contra o mundo todo, contra tudo, porque acham que podem criar um novo mundo. A velha poesia, as velhas pinturas não são nada para eles, e sua pintura muito comum é exatamente a maior obra de arte.

Na juventude você pode acreditar em qualquer coisa. E quando você consegue acreditar na sua criatividade, na sua poesia, na sua música, é fácil deixar de acreditar em Deus, na religião, porque você encontrou seu próprio ópio. Não necessita que o papa lhe forneça o ópio. Você planta sua maconha em seu próprio jardim; não há necessidade de obtê-la de todos os tipos de traficantes. Mas um dia a juventude vai desaparecer. E, no dia em que a juventude desaparece, você entra na arena da morte. A velhice é apenas uma preparação para a morte.

Agora eles devem estar se sentindo vazios. Sua arte fracassou, seu amor fracassou, sua

revolução fracassou, mas o ego ainda está ali. O ego não pode se voltar contra si mesmo. Se o ego foi um ateísta durante toda a vida, ele não pode de repente se tornar um teísta. Esse é o desespero. De outra forma, assim como a juventude tem seu ópio, a velhice tem seu próprio ópio: acreditar em Deus, acreditar em Jesus Cristo, acreditar no Messias – ele irá salvá-lo, ele irá levá-lo para o Reino de Deus.

O reverendo Jim Jones conseguiu convencer quase mil pessoas de que, se elas morressem com ele, ele levaria todas elas para o paraíso. Ele foi um pouco além de Jesus Cristo. Jesus disse: "No momento do julgamento, no dia do Juízo Final, vou escolher meu rebanho e levá-lo para o paraíso". O reverendo Jim Jones foi mais avançado, mais rápido, mais americano: "Por que esperar pelo dia do Juízo Final? Eu estou indo, venham comigo". E todas aquelas pessoas – a maioria delas não educada, não instruída, não conhecendo nada sobre a existência, sobre suas experiências – só ouviram este tolo, o reverendo Jim Jones. Elas o seguiram por todo o país: então finalmente o seguiram para fora da vida. E é uma surpresa que ninguém tenha criticado o cristianismo por isso. Ninguém conseguiu enxergar uma simples conexão: que aquilo que Jesus disse, este pobre seguidor, o reverendo Jim Jones, estava praticando, e é claro que com muitas técnicas mais modernas. Essas pessoas que morreram em Jonestown tomaram *Kool-Aid* cheio de veneno. Realmente contemporâneo! Não se imagina que Jesus pudesse saber alguma coisa sobre *Kool-Aid*. Era gostoso, e a morte não era um medo, porque o líder, o pastor, estava indo com eles, e ele conhecia o caminho, ele tinha uma linha de comunicação direta com Deus.

Ao contrário, os cristãos criticam a mim; eles dizem que estou criando outra Jonestown. Eles são responsáveis pelo que ocorreu em Jonestown – eles são responsáveis por tanta violência na história, que teria sido uma grande bênção se o Espírito Santo tivesse perdido seu alvo! O mundo estaria em melhor condição sem os cristãos. Ele estará, um dia, em melhor condição sem todas as religiões. De uma maneira ou de outra, elas são todas suicidas. Alguns, como o reverendo Jones e seus seguidores, fizeram isso rapidamente.

Os jainistas, na Índia, seguiram a mesma ideia durante pelo menos mil anos: seus monges jejuavam até morrer. Isso demora às vezes 70, 80, 90 dias. O homem vai se tornando esquelético. Seus olhos vão afundando e ficando escuros. Ele não consegue se mover, não consegue falar; não creio que depois de 70 dias de jejum ele consiga reconhecer alguém nem saiba o que está acontecendo, o que está fazendo. Eles deram a isso um belo nome, *santhara*, e acham que é a maior prática ascética. É um crime, mas o governo indiano não consegue detê-lo: é um crime religioso e não se deve interferir na religião.

Seus pais estão se sentindo vazios, tremendo diante da morte. Tudo aquilo que era importante não está mais ali. Eles estão simplesmente ocos. É compreensível que diga que, para você, eles estão mortos. Eles estão realmente vivendo uma vida fantasmagórica. De um lado, todo o seu passado não lhes permite mudar sua mente. Do outro lado está a morte, a noite escurecendo… A morte diz que é melhor mudar a ideologia; afinal, talvez haja um Deus, quem sabe?

Se eles fossem realmente agnósticos, agora já teriam descoberto o que é a verdade. A verdade é a divindade. Sim, não há deus, mas há uma qualidade tão elevada, tão pura, tão inocente, tão fragrante, que, uma vez que a tenha conhecido, você terá conhecido tudo o que

vale a pena ser conhecido. É uma qualidade.

Por isso enfatizo repetidas vezes que se você meditar vai chegar a um espaço de divindade, mas não vai encontrar um homem velho com uma barba longa, sentado em um trono de ouro e lhe dizendo: "Ei! Então finalmente você chegou. Como vai você?" Nenhum meditador em toda a história encontrou qualquer pessoa. Mas todo meditador encontrou uma extraordinária experiência do despertar, da iluminação, da libertação.

Seus pais necessitam de meditação, do contrário morrerão extremamente desesperados e frustrados. E como a meditação não necessita de sistema de crença, eles não precisam abandonar seus sistemas de crença. A meditação não requer que você acredite em Deus, no céu e no inferno. Ela não requer nada. Simplesmente lhe dá um método que você pode seguir facilmente.

Você diz que eles têm medo de correr qualquer risco – é claro, eles viveram com uma certa descrença durante tanto tempo, e essa descrença e a filosofia que teceram em torno dela fracassaram. Agora não resta muito tempo. Agora, naturalmente, eles têm medo de tentar qualquer coisa nova. Eles tentaram uma coisa durante toda a sua vida e ela fracassou. Suas pinturas, suas poesias falharam, sua filosofia falhou, sua música, sua dança – eles estão falidos, espiritualmente falidos.

Se você os ama, se tem qualquer sentimento por eles… E deve ter, do contrário esta questão não teria sido levantada. Você pode achar que eles estão mortos, mas sabe que não estão; eles estão morrendo. Então, isso se torna uma responsabilidade sua.

Pelo menos eles lhe fizeram um favor – e você tem de aceitar a obrigação –, eles nunca lhe ensinaram nenhuma religião. É chegada a hora de ajudá-los. É uma grande oportunidade para retribuir todo o amor que eles lhe deram quando eram jovens. Ensine-lhes como podem meditar. E o caminho da meditação que estou lhe ensinando é muito simples. Se eles conseguirem apenas observar a própria mente – e não estamos pedindo muito –, se conseguirem se tornar apenas testemunhas, observadores, pouco a pouco a mente vai se fundir como o gelo derrete quando o sol se levanta.

A meditação é o único remédio disponível para eles agora. Se eles conseguirem morrer de uma forma meditativa, silenciosa, jubilosa – o que é simples e possível –, você também se sentirá aliviado de uma carga; do contrário, irá levar uma carga em sua alma, de que você não conseguiu ajudá-los quando eles precisaram.

Você está perguntando: "Eles eram tão cheios de vida – o que aconteceu?". Todos são interessantes e cheios de vida quando jovens; a juventude conduz toda a criatividade ao seu máximo. Mas a juventude é um fenômeno passageiro.

Ouvi uma história sobre três anciãos: um deles tinha 70 anos, outro tinha 75 e o terceiro tinha 85. Eles estavam sentados em um parque – e essa era a rotina deles, todos os dias eles iam até lá. Eles não tinham de trabalhar durante o dia e então à tarde iam para lá, sentavam juntos e conversavam sobre o passado.

O ancião não tem futuro; tem apenas um longo passado. A criança não tem passado; tem apenas um longo futuro; por isso as crianças crescem depressa. Os anciãos se apegam ao passado: talvez isso os ajude a enfrentar a morte que está se aproximando.

Então os anciãos costumavam conversar sobre belos momentos em suas vidas, tempos difíceis em suas vidas, ocasiões de sucesso em suas vidas – a maioria dos casos que contavam eram exagerados. Era a imaginação deles que os fazia achar que foram um grande sucesso quando jovens, que foram isto e aquilo.

Naquela tarde, quando se encontraram, o primeiro ancião, de 70 anos, disse: "Uma coisa tem me incomodado, e gostaria de compartilhá-la com vocês – é quase uma confissão – para que eu fique livre dela. Não posso procurar o sacerdote, pois ele é um homem jovem – o que ele sabe sobre religião? Vocês são mais velhos que eu, viveram mais, conheceram mais. Eu gostaria de me confessar a vocês".

Os outros dois ficaram muito empolgados. Disseram: "O que o está incomodando? Diga, livre-se disso".

Ele estava muito constrangido, mas falou: "O problema é que eu fui surpreendido em flagrante espiando pelo buraco da fechadura do banheiro, porque uma bela mulher estava nos visitando e eu não conseguia me afastar do buraco da fechadura. E minha avó me pegou em flagrante. Estou envergonhado".

Os dois outros anciãos começaram a rir. Um disse: "Você é um tolo! Todo mundo faz isso; isso não é um problema. Na verdade, para que são feitos os buracos de fechadura? Este é o propósito deles, e todos nós já fizemos isso; portanto, não fique preocupado. E nossa experiência diz que, do buraco da fechadura do banheiro, uma mulher comum, simples, fica parecendo Cleópatra, porque você não consegue vê-la com exatidão. Fica meio vago. Você pode fazê-la parecer, com a sua imaginação, que é uma fada que desceu no banheiro. Todos nós já fizemos isso", afirmaram os dois, "não fique preocupado".

Ele disse: "Vocês definitivamente não me entenderam. Isso aconteceu esta manhã!"

Então eles ficaram um pouco chocados. Esta manhã? Aos 70 anos de idade?

Eles disseram: "Então é compreensível você estar se sentindo tão depressivo. Mas, homem, saia desse estado! O que aconteceu, aconteceu. Da próxima vez tenha mais cuidado. Primeiro verifique onde está sua avó, para ver se ela está ou não por perto; só é necessário um pouco de atenção. E arranje alguma desculpa – deixe cair seu lenço no chão. No momento em que sua avó chegar, comece a procurar o lenço; assim você terá uma desculpa: 'Estou apenas pegando meu lenço que caiu no chão. Não tenho nada a ver com o buraco da fechadura'".

O homem de 70 anos ficou muito feliz. Ele disse: "Ótima ideia! Nunca pensei que, de alguma forma, poderia arranjar uma desculpa para estar ali. Essa ideia é ótima! Estou completamente aliviado. Agora vou esperar por amanhã de manhã. Será difícil dormir à noite. Aquela mulher é realmente maravilhosa".

Como aquele assunto tinha sido aberto, o segundo homem disse: "Eu também tenho algo a lhes confessar. Durante quase cinco anos fiz amor com minha mulher de uma maneira especial".

Eles perguntaram: "De que maneira especial? Você deve nos contar. Não acha que somos seus amigos? Você encontrou uma maneira especial e está escondendo isso de nós? Conte-nos! Qual é essa maneira especial?"

Ele disse: "Não é nada demais. Antes de dormir eu seguro a mão dela, a aperto duas ou três

vezes, e depois nós dormimos".

Os outros dois perguntaram: "Isso é maneira de fazer amor?"

Ele disse: "Que outra coisa eu posso fazer? O problema surgiu porque de vez em quando eu me esqueço de apertar sua mão e ela imediatamente começa a me questionar: 'Acho que você anda apertando a mão de outra mulher! Não vou permitir isso! Você tem de me dar uma explicação. Com quem você anda fazendo amor atualmente?'"

O terceiro homem disse: "Vocês dois são idiotas! Vocês acham que essas coisas são problemas? Tenho 85 anos. Estou enfrentando um problema real, e quando vocês conhecerem meu problema vão esquecer toda essa bobagem de apertar mãos, ser questionado pela esposa, bisbilhotar e encontrar alguma desculpa…". Ele disse: "Problema real é o meu. Esta manhã, quando comecei a me preparar para fazer amor com minha esposa, ela disse: 'Você enlouqueceu!? Porque duas vezes esta noite você fez a mesma coisa. E isso não convém a você – um homem de 85 anos fazendo amor três vezes em uma noite? Você perturbou meu sono e estou farta de você! Eu esperava que esse jogo animal fosse terminar agora que estamos envelhecendo. Você está ficando velho e fica cada vez mais querendo fazer a mesma coisa que eu achava que estaria acabada!'"

Os dois ficaram realmente impressionados. Eles disseram: "Você acha que isso é um problema?! Isto é ótimo!"

Ele disse: "É um grande problema. Na verdade, minha memória está falhando – eu não tinha nenhuma ideia de que já havia feito amor duas vezes; estava achando que aquela era a primeira. Seus problemas não são nada – minha memória está desaparecendo completamente!"

Seus pais estão velhos. Eles devem estar tendo muitos tipos de problemas que só as pessoas velhas têm. Ajude-os a meditar um pouquinho. Talvez eles consigam readquirir a memória daqueles dias mais criativos. Talvez comecem a pintar de novo, e agora pintarão muito melhor. Talvez possam começar a fazer música e a dançar, e agora o farão melhor porque isso virá da meditação.

Tudo muda sua própria qualidade no momento em que o meditador o toca. Digo isso por experiência própria. Nunca cito as Escrituras, a menos que algo surja de minha própria experiência. Durante estes 32 anos ou mais, desfruto a comida como nunca havia desfrutado antes. Desde a iluminação, tenho desfrutado de tudo tão profundamente, tão intensamente, que sinto pena de toda a humanidade. Ela também se alimenta, mas continua fazendo muitas outras coisas em sua mente enquanto as bocas estão mastigando. As mentes estão engajadas – como podem realmente saborear o gosto?

Por isso as pessoas comem demais. Por isso este é um dos maiores problemas nos países ricos. As mulheres estão fazendo dieta, os homens estão fazendo dieta, exercitando-se para ter um corpo magro, porque um homem gordo está declarando através de sua gordura que ele está vazio e enchendo esse vazio com comida.

Depois da iluminação, quando você está comendo está simplesmente comendo. Você não existe, existe apenas o processo de comer. Então o comer se torna exatamente igual à pintura, quando o pintor não existe, apenas a pintura. Torna-se igual a dançar, quando o dançarino desaparece na dança.

Quero deixar claro que não são apenas os pintores, dançarinos e cantores que têm a prerrogativa de desfrutar da vida. Este é um direito nato de todo mundo – não tem nada a ver com talentos especiais. Cozinhar pode ser uma alegria, limpar a casa pode ser uma alegria.

É tudo a mesma coisa. O que você está fazendo não é o importante; o fazedor deve estar dissolvido no fazer, você não deve permanecer separado do fazer. Se você está separado, então é claro que vai ser um grande tédio. Todos os dias limpar a casa… Todas as donas de casa ficam entediadas, totalmente entediadas. Todos os homens estão entediados: o mesmo trabalho, os mesmos clientes idiotas, a mesma esposa em casa.

Para um meditador, tudo é belo.

Ele vive a vida em sua abundância.

Eu lhe digo que só a pessoa iluminada pode viver com luxo. Se ela tem ou não coisas luxuosas à sua volta não importa. Ela tem alguma mudança interna. Sua visão, sua atitude, sua maneira de encarar as coisas são totalmente diferentes da média dos homens ou das mulheres.

Ajude seus pais. Pague a dívida. E se conseguir vê-los de novo pintando, dançando, talvez eles possam se apaixonar outra vez. Talvez se tornem mais próximos um do outro. Minha impressão é que os casais só se divorciam porque ambos se tornam demais um para o outro. Torna-se simplesmente impossível viver juntos, isso se torna uma constante perturbação para ambos.

Se você conseguir, introduza-os na meditação… e tenho a certeza de que eles vão recebê-la bem, porque estão desesperados. Precisam de alguma ajuda vinda de algum lugar. E, se você não puder fazer isso por eles, quem vai fazer? E, lembre-se, a meditação não é algo que acontece enquanto as pessoas são jovens. Não é algo como o amor, o romance, grandes ideias sobre revolução.

Eu também fui jovem, e quando estava estudando tive muitos amigos. Um era comunista, um era socialista, um era um cristão fanático, um era um hindu chauvinista, e todos tinham grandes ideias.

Eles costumavam me dizer: "Você não parece muito instigado com todos os problemas que o mundo está enfrentando".

E eu lhes dizia: "Deixem-me em paz. Estou atuando em uma dimensão totalmente diferente – vocês não conseguem entendê-la. Sejam vocês comunistas!"

Agora todos eles desapareceram na multidão. De vez em quando, se por acaso me encontro com algum deles, pergunto: "O que aconteceu com seu comunismo?"

Ele diz: "Esqueça isso! Minha esposa está grávida e já tenho quatro filhos. Os preços estão subindo, a rúpia está valendo cada vez menos e sou apenas um funcionário de escritório. Não tenho tempo para pensar em comunismo. Acabaram-se aqueles dias em que eu estava tentando alcançar a lua".

Nenhum dos alunos – e havia milhares de alunos na universidade – nenhum, nem um sequer, permaneceu o que era quando estava na universidade. Talvez eu seja o único, entre todo aquele bando de socialistas e comunistas, que permaneceu na mesma dimensão, indo em frente; eu encontrei o caminho para o infinito.

Lembre-se: a iluminação não é algo que acontece por acaso e chega a um ponto final. Não! A iluminação começa, mas nunca termina. É um processo contínuo. Ele se torna cada vez mais enriquecido. E quando as coisas continuam se tornando cada vez mais enriquecidas, como você vai voltar para trás? Quem se lembra do caminho de volta, do passado? Porque todos os dias você está enfrentando uma nova revelação, uma nova luz, uma nova alegria. Todo dia é tão novo que não há necessidade de olhar para trás.

O homem iluminado é para sempre uma criança. Ele só tem o futuro e não há limite para seu crescimento. Talvez até o céu tenha algum limite, mas a iluminação não conhece limites.

Qual é o abismo entre as gerações?

O abismo entre as gerações é uma coisa muito nova no mundo. Apenas meio século atrás ninguém jamais havia ouvido a expressão *abismo entre as gerações*. E o homem está aqui há milhares de anos. Mas nenhuma sociedade, nenhuma cultura, nenhuma civilização se incomodou com o abismo entre as gerações. Então, algumas coisas têm de ser entendidas: como isso passou a existir, o que é e quais são suas implicações finais.

No passado, aos 6 ou 7 anos de idade, no máximo, as crianças já costumavam seguir a profissão de seus pais, fosse qual fosse, não importava quão pouco pudessem ajudar… Se o pai era um carpinteiro, o garoto tentaria trazer madeira, para ajudá-lo, em sua própria maneira limitada. E essa era a única maneira disponível para a criança aprender.

A geração mais velha sempre era a geração mais sábia. O simples fato de ser mais velho era o suficiente para ser sábio, porque o conhecimento só chegava através de uma porta, e esta era a experiência. E a experiência requer tempo. É óbvio que as crianças eram tão novas que não tinham tempo suficiente para competir com a geração mais velha. A geração mais velha sabia muito mais sobre tudo – ela havia vivido mais tempo. Essa era a única medida.

Aqueles que viviam muito tempo tornavam-se cada vez mais respeitados, porque eram mais experientes. Eles sabiam mais coisas que os outros. Isso criou o fenômeno do respeito pelo idoso. Então, o que quer que as pessoas mais velhas estivessem dizendo, provavelmente estaria certo. Não havia hesitação, não havia questionamento, não havia dúvida na mente das pessoas mais jovens. Elas acreditavam na religião da geração mais velha, acreditavam nas superstições da geração mais velha, acreditavam em tudo o que as gerações mais velhas estavam lhes transmitindo.

O conflito de gerações não existia, as gerações se sobrepunham. A geração mais velha, antes de se aposentar, preparava a geração mais nova para assumir o trabalho. Então havia um tempo de sobreposição de 20 ou 30 anos, em que a geração mais nova trabalhava sob o comando da geração mais velha. E a geração mais velha tinha todo o poder, todo o prestígio, e moldava a nova geração segundo seus próprios ideais, moralidade, costumes e etiqueta.

Não havia oportunidade para a juventude declarar sua individualidade. Eles eram parte e parcela da geração mais velha. Eles tinham saído do útero da mãe, mas nunca saíam do útero da geração mais velha. Quando a geração mais velha estava se aposentando, tornando-se

muito velha ou morrendo, os jovens se tornavam indivíduos, mas nessa ocasião eles próprios estavam velhos. E tinham de cuidar das novas gerações que estavam chegando. Portanto, era um mundo muito profundamente conectado.

Como surgiu o abismo entre as gerações? Isso se deve a muitos fatores. O progresso científico deu às pessoas tempo para seus filhos serem educados nas escolas, nas universidades. Agora uma nova porta havia sido aberta para a aprendizagem. Em todo o passado só havia uma possibilidade de aprender, e esta vinha das gerações mais velhas. Agora uma nova porta havia se aberto para a aprendizagem, a aprendizagem rápida.

A experiência se move a passos muito lentos, mas a educação depende de sua inteligência. Você não tem de depender do ritmo em que a educação está se movendo. E durante esses 25 anos de educação você não está mais sob o controle de seus pais, de sua sociedade, de seus sacerdotes.

Nesses 25 anos você não tem responsabilidade, não está casado. No passado, o casamento costumava acontecer muito cedo – com 7, 8, 10 anos, a pessoa já tinha idade suficiente para estar casada. Um garoto de 10 anos de idade se casava com uma garota de 7, e com o fenômeno do casamento vem uma enorme responsabilidade – eles quase se tornavam adultos.

Em outras palavras, o que eu quero dizer é que no passado nunca houve nada parecido com juventude. De crianças as pessoas passavam a ser adultas. A juventude não existia. A juventude é um fenômeno novo, a geração mais jovem é um fenômeno novo. É um subproduto do progresso científico. O progresso científico proporcionou muita tecnologia e passou a ser permitido que os jovens passassem muitos anos nas universidades para aprender.

Em segundo lugar, enquanto não havia ciência – e isso não faz tanto tempo assim, apenas 300 anos – nada mudava. Tudo era como sempre foi. O carro de boi existia há séculos. Era ainda o único veículo. Então a geração mais velha sabia tudo, porque tudo era velho.

Com o progresso científico, o mundo dos grandes livros desapareceu completamente. E o progresso está caminhando cada vez mais depressa; tão depressa que os cientistas não escrevem mais grandes volumes, por medo de que, se você escrever um grande volume, quando ele estiver terminado já estará desatualizado; os cientistas estão simplesmente escrevendo artigos para periódicos.

Era perfeitamente natural que Charles Darwin demorasse 30 anos para escrever um único livro. Agora isso seria simplesmente uma estupidez. Quando a pessoa terminasse de escrever, tudo o que ela havia escrito estaria errado. A ciência foi tão longe, e a velocidade da ciência é tão grande, que é impossível uma pessoa escrever com a mesma velocidade.

E a ciência se desenvolveu em uma árvore tão imensa, com tantos ramos, que agora chamar alguém apenas de cientista não é certo. Isso não lhe proporciona a definição certa. Ele pode ser um físico, pode ser um químico, pode ser um matemático. E os ramos continuam se dividindo em novos ramos. Agora há uma nova química que tem seu mundo independente – a bioquímica.

A matemática não é mais apenas uma ciência. A velha matemática que é usada no mundo cotidiano não é mais relevante para a física nuclear. Ela necessita de uma nova matemática. Então, há novos matemáticos. Os teoremas da geometria euclidiana não são mais relevantes;

há agora, em oposição a eles, uma ciência totalmente nova, a geometria não euclidiana, que não acredita em nenhuma das definições de Euclides. Durante dois mil anos Euclides foi válido.

Por dois mil anos a lógica de Aristóteles foi a única lógica. Isso não é mais verdade. Há uma lógica não aristotélica, há uma geometria não euclidiana, e todos os dias as ciências continuam crescendo em diferentes dimensões. E cada dimensão é tão vasta que o homem que conhece física nuclear pode não ter o menor conhecimento do que a química está fazendo, ou do que está acontecendo no mundo da biologia, ou do que está acontecendo no mundo da ciência médica. O cientista não é mais um homem trabalhando sozinho, mas apenas um especialista. Devido a essa especialização, as coisas estão se movendo muito depressa. Todo mundo pega uma pequena parte e a vai desenvolvendo até seu fim último.

Quando o estudante volta para casa após cinco anos na universidade, ele sabe mais do que a geração mais velha. Esse é o problema; é isso que está criando o conflito de gerações. Para ele até seus próprios pais parecem tolos, ultrapassados, totalmente ignorantes. Isso acabou com o respeito que era aceito como natural no passado. Você não pode respeitar alguém que lhe parece completamente ultrapassado, fora de sintonia, que não sabe o que aconteceu nos últimos 25 anos.

O crescimento e a velocidade do crescimento são tais que o que não acontecia antes em 25 séculos agora acontece em 25 anos. Naturalmente, passou a existir um enorme abismo entre a geração mais velha e a geração mais nova. É inevitável. Pela primeira vez na história do homem, a geração mais nova sabe mais do que a geração mais velha.

Se um estudante é bastante inteligente, ele pode saber mais do que seus mestres. Ele só tem de passar mais tempo na biblioteca e estar a par dos últimos desenvolvimentos. O mestre já está 20 anos atrasado. Todos os mestres, todos os professores, todos os pais, todos se queixam de uma coisa: que a geração mais nova não tem mais respeito por eles. Mas eles não conseguem enxergar uma coisa simples: que toda a razão para a respeitabilidade desapareceu. É preciso aceitar isso; não há outra saída. A pessoa que sabe mais não consegue respeitar as pessoas que não sabem tanto quanto ela.

E esse abismo está se ampliando. Ele interrompeu a comunicação entre a geração mais velha e a geração mais nova, porque a conversa ficou muito difícil. Os pais têm seus próprios egos, eles não vão se sentar aos pés de seus filhos e aprender com eles. E os filhos têm seus próprios egos, eles sabem mais. Por que deveriam se sentar aos pés de seus pais e aprender com eles coisas que provaram estar completamente erradas? Eles praticamente falam línguas diferentes.

A influência da geração mais velha sobre a geração mais nova desapareceu totalmente. O relacionamento se tornou cada vez mais formal – é apenas uma reminiscência do passado –, mas sua substância, sua alma, está morta. E isso vai acontecer cada vez mais, porque a ciência está se desenvolvendo dia a dia com maior velocidade em todas as dimensões.

A especialização é uma coisa nova no mundo. No passado, costumava-se ter um médico da família. Agora não se pode ter um médico, porque há todos os tipos de especialistas. O médico da família costumava tratar uma pessoa como um organismo inteiro, mas agora ele foi

dividido em partes, porque cada parte está tão detalhada que uma pessoa continua a pesquisando durante toda a vida e mesmo assim não chega ao fim.

Assim, há especialistas que só estarão cuidando de seus olhos. Para você, os olhos parecem pequenos, mas, quando você entra no mundo da especialização, os olhos têm seu próprio mundo completo. Não é uma coisa pequena, é um fenômeno muito complicado. Há um especialista que entende o cérebro. Há o especialista que cuida de sua pele. A dermatologia em si é uma ciência tão grande que não há tempo para a pessoa pensar em outras coisas. Alguém cuida de seus ouvidos, alguém cuida de sua tuberculose, alguém cuida de seu câncer.

Você não pode mais ter uma única pessoa cuidando de você, porque não existe mais o médico, simplesmente o médico. Na verdade, há apenas clínicos gerais que o direcionam… Todo o trabalho deles consiste em direcioná-lo para o especialista que você deve consultar, porque a especialização atingiu tal nível de detalhe que você precisa de um clínico geral para decidir que especialista você deve procurar.

E seu corpo não é mais considerado um organismo como um todo; ele foi dissecado. A ciência disseca tudo em segmentos, porque cada segmento é tão grande que o corpo inteiro não pode mais ser entendido por um só homem. Então, quando um estudante chega em casa, especializado em olhos, ele não vai ouvir seu pai ou sua mãe sobre antigas receitas para qualquer cura para os olhos. Ele sabe tão mais que os mais velhos lhe parecem simplesmente ignorantes e suas receitas simplesmente tolas, supersticiosas.

A geração mais velha terá de aprender uma coisa: a não mais esperar respeito. Ao contrário, se você ainda quiser ser respeitado, respeite seus próprios filhos. Esse conselho só é importante por causa desse abismo entre as gerações. No passado isso não teria sentido. A geração mais velha costumava dar amor e a geração mais nova costumava prestar respeito. Essa foi uma coisa tácita durante milhares de anos.

Agora tudo está desordenado. Está um caos. E como a geração mais velha não está obtendo respeito, ela está retirando seu amor. Toda a comunicação, o antigo relacionamento, está em crise. Espera-se que a nova geração ainda respeite, escute e siga os mais velhos, o que é impossível.

Na verdade, agora é a geração mais velha que tem de escutar e respeitar as pessoas jovens. E somente se a geração mais velha for humilde o suficiente para respeitar seus próprios filhos, talvez seus filhos sejam capazes de respeitá-la. Não há outra possibilidade. Todas as linhas de comunicação estão rompidas, porque eles falam línguas diferentes. E não é culpa deles, é simplesmente a situação.

“Eu nunca dormi com um homem antes de dormir com seu pai”, declara a mãe severa para sua filha rebelde. “Você será capaz de dizer a mesma coisa para sua filha?”

“Sim”, responde a filha, “mas não com uma cara tão séria!”

“Olhe para mim!”, declara o velho Rubenstein. “Eu não fumo, não bebo, não saio atrás de mulheres e amanhã vou comemorar meu octogésimo aniversário.”

“Vai mesmo?”, pergunta seu filho, curioso. “Como? Você não fuma, não bebe, não sai atrás de mulheres. Como você vai comemorar?”

Todas as linhas de comunicação estão completamente bloqueadas, mas o que as pessoas

mais velhas estão fazendo – condenando a nova geração – está errado. Eu posso ver a razão de as coisas terem mudado. A nova geração não é responsável. Eles não estão cometendo um crime. O que acontece é que agora existe um conjunto de circunstâncias totalmente diferentes. E a velha geração deve demonstrar um pouco mais de compreensão, um pouco mais de clareza, um pouco mais de disposição para ouvir a nova geração, porque ela é o futuro. Antigamente, o passado costumava governar o futuro. Agora é o contrário. O futuro vai governar tudo.

Eu fui professor e assisti a conferências de mestres nas universidades. E todo o problema deles era como criar disciplina, como criar respeito. Os alunos estavam ficando fora de controle, indisciplinados, desrespeitosos. Eu era a única exceção. Finalmente, eles começaram a não mais me convidar para suas conferências, porque eu lhes dizia: "A responsabilidade é toda de vocês".

No passado havia crianças casadas antes dos 10 anos de idade. Às vezes as crianças se casavam quando ainda estavam no útero da mãe. Apenas dois amigos decidirão que "como nossas esposas estão grávidas, se uma der à luz um menino e a outra uma menina, então o casamento está acertado, prometido". A questão de consultar o menino e a menina não era sequer aventada. Eles ainda não haviam nascido. Os pais nem sequer tinham certeza se ambos podiam ser meninos ou se ambos podiam ser meninas. Mas se um fosse menino e o outro fosse menina, o casamento estava acertado.

E as pessoas mantinham sua palavra, suas promessas. Minha própria mãe se casou quando tinha 7 anos de idade. E seus pais tiveram que amarrá-la a uma coluna dentro da casa quando a festa do casamento estava começando e havia muitos fogos de artifício. E na festa havia música e dança. Todos estavam fora da casa, e minha mãe se lembra: "Eu não conseguia entender por que só eu estava dentro da casa, e amarrada! Eles não me deixavam sair". Ela não entendia o que era o casamento. Ela queria ver, como qualquer criança, todas as coisas bonitas que estavam acontecendo lá fora – todo o vilarejo estava reunido, e ela estava chorando.

Meu pai não tinha mais de 10 anos, e também não entendia o que estava acontecendo. Eu costumava lhe perguntar: "Qual foi a coisa mais importante que você desfrutou no dia de seu casamento?"

Ele disse: "Andar a cavalo". Naturalmente, pela primeira vez ele estava vestido como um rei, com uma faca pendendo na lateral do corpo, sentado sobre o cavalo, e todos caminhando em volta. Ele adorou aquilo. Aquela foi a coisa mais importante que ele desfrutou em seu casamento.

Lua de mel estava fora de questão. Para onde se vai mandar um menino de 10 anos e uma menina de 7 para passar a lua de mel? Então, na Índia, a lua de mel nunca costumava existir e, no passado, também não existia em nenhum lugar do mundo.

E quando meu pai tinha 10 anos e minha mãe tinha 7, a mãe de meu pai morreu. Depois do casamento, talvez um ou dois anos depois, toda a responsabilidade da casa recaiu sobre os ombros de minha mãe, que tinha apenas 9 anos de idade. A mãe de meu pai tinha deixado duas filhas pequenas e dois filhos pequenos. Então eram quatro crianças, e a responsabilidade

recaiu sobre uma menina de 9 anos e um menino de 12.

Meu avô nunca gostou de morar na cidade onde ele tinha sua loja. Ele adorava o campo. Lá ele tinha seu próprio belo cavalo. E quando sua esposa morreu ele ficou absolutamente livre. Você não vai acreditar nisso, mas, na época dele – e não faz tanto tempo assim –, o governo costumava dar terra de graça às pessoas. Porque havia terra demais e não havia tantas pessoas para cultivá-la.

Assim, meu avô conseguiu 50 acres de terra gratuita do governo. E ele adorava morar a 25 quilômetros da cidade, onde deixara toda a loja nas mãos de seus filhos – meu pai e minha mãe – que tinham apenas 12 e 9 anos de idade. Ele adorava cuidar de um jardim, de uma fazenda, adorava viver ali ao ar livre. Ele odiava a cidade.

Como você acha que poderia existir um abismo entre as gerações? Meu pai nunca teve nenhuma experiência da liberdade dos jovens de hoje. Ele nunca foi jovem dessa maneira. Antes que pudesse se tornar jovem, ele já estava velho, tomando conta de seus irmãos e irmãs menores e da loja. E quando estava com 20 anos teve de arranjar casamento para suas irmãs, casamento e educação para seus irmãos.

Eu nunca chamei minha mãe de "mãe", porque antes de eu nascer ela já cuidava de quatro crianças que se acostumaram a chamá-la de *bhabhi*. *Bhabhi* significa "esposa do irmão". E como as quatro crianças estavam sempre chamando minha mãe de *bhabhi*, eu também comecei a chamá-la assim. Até hoje eu a chamo de *bhabhi*, mas ela é minha mãe, não a esposa de meu irmão. E eles tentaram exaustivamente me fazer mudar, mas para mim se tornou muito natural chamá-la de *bhabhi*. Todos os meus irmãos e irmãs a chamam de mãe. Só eu sou louco o bastante para chamá-la de *bhabhi*. Mas aprendi isso desde o início, quando quatro outras crianças…

E depois eu tinha um relacionamento muito bom com meus tios e com as irmãs de meu pai, uma camaradagem. Eles eram só um pouco mais velhos do que eu. Não havia muita distância entre nós. Eu nunca pensei em respeito. Eles nunca acharam que eu lhes devia respeito. Eles me amavam e eu os amava.

O mundo era totalmente diferente há apenas 70 anos. As gerações estavam se sobrepondo e não existia o que se chama de juventude. Agora a juventude passou a existir e ficará cada vez maior, porque como as máquinas estão realizando cada vez mais tarefas nas fábricas, nos escritórios, o que se vai fazer com as pessoas? Elas não podem ficar sem fazer nada, do contrário farão algo absurdo, algo irracional, algo insano. Elas vão enlouquecer. Então será preciso estender o período de sua educação. De 25 anos, logo serão 35…

E terão de lhes dar um período de emprego muito pequeno. E no meu entendimento vai haver um segundo nível de universidade. Após dez anos de trabalho, não mais que isso, as pessoas serão aposentadas. Quando estiverem com 45 anos, estarão aposentadas. A melhor saída será ter outra universidade que comece aos 45 anos de idade. Isso será bom, benéfico para o mundo, porque o conhecimento vai se expandir com uma velocidade fantástica.

Mas isso será muito difícil no tocante aos relacionamentos humanos. Eles mudam com coisas pequenas. Vocês podem nunca ter pensado sobre isso… Por exemplo, no passado,

quando não havia carros, era impossível um rapaz se apaixonar por uma garota que não morasse perto dele. E isso também era muito difícil, porque todos os vizinhos conheciam o rapaz, todos os vizinhos conheciam a garota, todos os vizinhos conheciam seus pais e os pais da garota. Imediatamente isso seria divulgado. E não se podia ir longe.

No momento em que surgiu o carro e ele foi colocado nas mãos dos jovens, o amor se tornou um fenômeno extraordinário. E então ficou muito fácil levar a namorada para um lugar distante onde ninguém conhecia o rapaz, ninguém conhecia a garota, ninguém iria comentar com seus pais.

Também ficou muito fácil levar cada dia uma garota diferente, porque a primeira garota nunca saberia aonde o rapaz foi. O carro administrou um mundo totalmente novo de casos amorosos. Os inventores do carro jamais imaginariam que ele iria mudar toda a estrutura da sociedade.

Nos Estados Unidos, a média das pessoas mora em uma cidade durante não mais que três anos, permanece em um emprego não mais que três anos e permanece num casamento por não mais que três anos. É estranho, mas as coisas estão mudando muito depressa. Quando você muda de emprego, não é só o emprego que muda. Você tem que mudar de cidade, mudar o local em que vive, mudar de casa. Você se familiariza com novas secretárias, com novos assistentes. Você estava ficando cansado dos antigos, mas os novos lhe proporcionam uma nova vida.

Um de meus advogados vinha aqui esta semana, mas ele me disse: “Sinto muito. Não vou poder ir porque minha esposa está se divorciando de mim, estou passando pelo processo de divórcio. E vou terminar quase miserável, porque ela é uma mulher poderosa. Tudo está no nome dela – a casa, o carro –, e, uma vez que estejamos divorciados, vou ficar na rua. Ela vai ficar com tudo. Mas viver com ela se tornou tão difícil que eu prefiro ficar na rua a continuar a viver com ela. Ela vai se casar com uma pessoa que eu considerava meu melhor amigo. Ele está assumindo toda a responsabilidade, não percebendo o que logo vai acontecer com ele”.

No passado as pessoas ficavam a vida toda em uma mesma aldeia. Talvez elas fossem de vez em quando à cidade mais próxima ou à metrópole. Mas até hoje na Índia há milhões de pessoas que nunca viram uma estrada de ferro porque nunca saíram de sua pequena aldeia. Elas estão perfeitamente satisfeitas lá. Elas são pobres, mas não têm desejo de ir a lugar algum. Têm um pedaço de terra e são muito ligadas a ele – não conseguem deixá-lo.

Os Estados Unidos estão continuamente em movimento. É o carro que mantém as pessoas se movendo. Quando eu estava nos Estados Unidos, queria conhecer o país, mas não pude. Estive lá cinco anos. E perguntava: “Eu não vejo estradas de ferro. Nunca me deparei com um cruzamento de ferrovias”. Fui informado que a maioria das pessoas está voando. As remanescentes, que gostam de viajar, usam seus carros. Os trens estão quase ultrapassados. Demora sete dias para um trem atravessar os Estados Unidos. Quem vai desperdiçar sete dias em um trem? A distância pode ser coberta por avião em algumas horas. Você pode jantar em Londres, almoçar em Mumbai, tomar café da tarde em Tóquio e fazer sua ceia em Nova York.

Com esta velocidade, está fadado a haver muitas implicações; os antigos laços não podem ser mantidos. Então, os homens têm namoradas no mundo todo. No passado, se o homem fosse

casado, ele não podia ter uma namorada. Mesmo que não fosse casado, não podia ter uma namorada. Era contra a moralidade da velha geração. Ela nunca lhe dava essa oportunidade. Antes que ele pudesse pensar em alguma garota, já estava casado. O casamento ocorria quase naturalmente. Assim como um homem tinha sua irmã, seu irmão, ele tinha também sua esposa. Antes de tomar consciência do que estava acontecendo, já estava enredado. Não era uma questão de escolha.

E há nisso certa psicologia humana. Por exemplo, se você mora com suas irmãs, com seus irmãos, você simplesmente os ama. Não que eles sejam muito bonitos ou de algum modo especiais. Eles são apenas seus irmãos, suas irmãs, e vocês viveram tanto tempo juntos que naturalmente surge um afeto. No passado, o amor não tinha existência; havia apenas afinidade. Um homem tinha de viver com sua esposa durante anos antes de conseguir fazer amor com ela e ter certa afinidade…

E não havia alternativa. Você estava praticamente acorrentado. Não podia ter amizade com nenhuma mulher. Isso era proibido. Seu único relacionamento possível era com sua esposa, e esse, também, só na profunda escuridão da noite quando todos estavam dormindo. Ele não podia sequer sussurrar – alguém podia acordar –, porque as famílias eram famílias ampliadas; sob o mesmo teto moravam 50 pessoas, 40 pessoas.

De certa maneira era bom, porque o homem nunca via a mulher, toda a sua topografia. E a mulher nunca via o homem. Tudo acontecia no escuro. A pessoa nunca se cansava. Agora tudo acontece sob a luz elétrica e há idiotas que têm até câmeras montadas em seu quarto para tirar fotos de qualquer tipo de estupidez que estejam fazendo, para mais tarde poder desfrutar delas em seu álbum de fotografia.

Pequenas coisas causam mudanças tão duradouras e profundas na vida que a pessoa não tem consciência do que vai acontecer. A nova geração vai ter um ótimo futuro e a velha geração tem de aprender pela primeira vez a ser humilde, amorosa. Talvez se forem humildes e amorosos possam ainda ser respeitados por seu amor e por sua humildade, e pode continuar a haver alguma comunicação. Mas eles têm de entender claramente que representam o passado e que a nova geração representa o futuro, e o abismo entre eles é grande.

E se continuarem aferrados a suas ideologias, a suas igrejas e a suas superstições, o abismo vai se tornar maior ainda. Parece estranho aprender com seus próprios filhos, mas eu não acho isso estranho – acho apenas que a situação mudou. Durante milhares de anos as crianças aprenderam com os pais. Agora chegou o tempo de haver uma mudança. Os pais têm de começar a aprender com seus filhos. Se começarem a olhar através dos olhos de seus filhos, o abismo desaparecerá.

Mas o abismo só vai desaparecer se a geração mais velha mudar suas atitudes. Ele não vai desaparecer da maneira como os mais velhos estão se comportando em todo o mundo. Eles estão tentando obrigar a nova geração a se comportar de acordo com eles, como eles sempre se comportaram. Mas não veem que o mundo todo mudou.

Nada mais é igual. Novas coisas trouxeram novas possibilidades. Os inventores não tinham ideia do que suas invenções iriam fazer, mas as pequenas coisas podem ter um efeito extraordinário. O mundo não pode seguir de novo pelo antigo caminho. As pessoas não podem

abandonar todas as facilidades, os confortos e os luxos que a tecnologia e a ciência lhes proporcionaram.

Assim, o abismo vai se tornar cada vez maior, a menos que a geração mais velha se mostre mais prudente. É chegada a hora de provar que ela é realmente sábia. Até agora, isso foi tacitamente aceito. Este é o desafio à geração mais velha: comportar-se com sabedoria e inteligência. Então o abismo pode ser transposto. Mas ele será transposto pela geração mais velha, não pela geração mais nova.

Qual é exatamente sua atitude em relação à morte?

Um místico que estava sendo conduzido à forca viu uma grande multidão correndo na frente dele. "Não tenham tanta pressa", disse-lhes ele. "Eu posso lhes garantir que nada vai acontecer sem mim."

Essa é minha atitude em relação à morte: ela é a maior piada que existe. A morte nunca aconteceu; ela não pode acontecer pela própria natureza das coisas, porque a vida é eterna. A vida não pode terminar; ela não é uma coisa, é um processo. Não é algo que começa e termina; não tem início nem fim. Você sempre esteve aqui em diferentes formas, e sempre estará aqui em diferentes formas ou, finalmente, sem forma. É assim que um buda vive na existência: ele se torna sem forma. Ele desaparece totalmente da forma densa.

A morte não existe; ela é uma mentira – mas parece muito real. Apenas parece muito real, mas não o é. Parece assim porque você acredita demais em sua existência separada. O fato de acreditar que você está separado da existência é que proporciona realidade à morte. Abandone essa ideia de estar separado da existência e a morte desaparece.

Se eu sou um com existência, como posso morrer? A existência estava aí antes de mim e estará aí depois de mim. Sou apenas uma onda no oceano, e a onda vem e vai; o oceano permanece, sobrevive. Sim, você não estará aí – como você é, não estará aí. Esta forma vai desaparecer, mas aquele que habita essa forma vai continuar habitando, quer em outras formas ou, finalmente, na ausência de forma.

Comece a se sentir um com a existência, porque essa é a realidade. Por isso minha reiterada insistência em deixar desaparecer a distinção entre o observador e o observado, o máximo de vezes durante o dia. Encontre alguns momentos – sempre que puder encontrar, onde puder encontrar – e simplesmente deixe desaparecer essa distinção e diferença entre o observador e o observado. Torne-se a árvore que você está olhando, torne-se a nuvem para a qual está olhando, e lentamente, muito lentamente, você começará a rir da morte.

Esse místico que estava sendo levado à forca deve ter visto a total mentira da morte; ele podia fazer piada sobre sua própria morte. Estava sendo levado à forca e viu uma grande multidão correndo à sua frente; estavam todos indo assistir à crucificação.

As pessoas ficam muito interessadas nessas coisas. Se ouvem dizer que alguém vai ser assassinado publicamente, milhares vão se reunir para ver o espetáculo. Por que essa atração? No fundo, todos vocês são assassinos, e essa é uma maneira vicária de desfrutar disso. Por

isso os filmes sobre assassinato e violência, os romances policiais, estão tão na moda, são tão populares. A menos que um filme tenha nele um assassinato, um suicídio e sexo obsceno, ele jamais se tornará um sucesso de bilheteria. Ele nunca terá sucesso, fracassará. Por quê? Porque ninguém está interessado em nada além disso. Estes são desejos profundos em seu ser. Vendo-os na tela, há um desfrute vicário como se você os tivesse cometendo; você se identifica com os personagens do filme ou do romance.

Agora esse místico está sendo levado à forca. Ele viu uma enorme multidão correndo à frente dele. "Não tenham tanta pressa", diz ele. "Posso lhes garantir que nada vai acontecer sem mim. Vocês podem andar com calma, devagar, não há pressa. É a mim que eles vão matar, e nada vai acontecer sem mim."

Esta é minha atitude em relação à morte. Uma risada! Deixe que o riso seja a sua atitude em relação à morte. Essa é uma mentira cósmica criada pelo próprio homem, criada pelo ego, pela consciência de si.

Por isso na natureza nenhum outro animal, pássaro, árvore, tem medo da morte. Só o homem, e ele a transforma em um tremendo drama… passa toda a vida com medo. A morte está cada vez mais próxima, e por causa da morte ele não consegue se permitir viver plenamente. Como você pode viver se sente tanto medo? A vida só é possível sem medo. A vida só é possível com amor, não com medo. E a morte cria medo.

E quem é o culpado? Deus não criou a morte; ela é uma invenção do próprio homem. Crie o ego e você terá criado o outro lado dele – a morte.

3

Em busca da alma

Sou basicamente um individualista porque só o indivíduo tem uma alma. Nenhum grupo pode reivindicar uma alma – eles são todos arranjos mortos. Somente o indivíduo é um fenômeno vivo. Temos de ajudar o fenômeno vivo a ser contemporâneo e a permanecer contemporâneo, porque o que é contemporâneo hoje não será contemporâneo amanhã, e por isso você tem de aprender os métodos de fluir com a existência, como um rio, a cada momento.

Morra cada momento para o passado e nasça cada momento para o novo. A menos que isso se torne sua religião, você vai ter problemas, e sua sociedade vai ter problemas.

Por favor, ajude-me a saber um pouco sobre quem eu sou.

Um homem dormindo pode sonhar que está em qualquer parte do universo. A partir daí, estar acordado vai parecer estar a milhares de vidas de distância. Mas é um sonho; no que se refere ao sono real, o despertar está bem perto. A qualquer momento você pode acordar, qualquer situação pode acordá-lo. E o trabalho do mestre é criar dispositivos pelos quais você pode se tornar desperto. Às vezes coisas muito pequenas – apenas jogar água fria em seus olhos – vão fazê-lo despertar. Dormindo você estava muito distante, mas, ao acordar, então verá que foi um sonho que criou a distância. O sonho é a distância. É claro que, para o sonhador, o sono é necessário, mas no momento em que você está acordado o sono desaparece, e com ele desaparece também todo o mundo dos sonhos.

A verdade é que o despertar é a realidade mais próxima a você, está bem a seu lado. Não está distante; por isso não pode ser transformado em um objetivo. Todos os objetivos são sonhos, todas as buscas para alcançar são sonhos. O despertar não pode ser um objetivo, porque o homem que está dormindo não consegue nem pensar no que pode ser o despertar. Ele não pode estabelecer, em seu sono, um objetivo de iluminação – é impossível. Ou qualquer coisa que ele faça será totalmente diferente da realidade da iluminação.

A iluminação é parte de sua consciência desperta.

No Oriente temos quatro níveis de consciência. O primeiro que conhecemos é o suposto estar acordado. Não se está realmente acordado, porque logo abaixo dele os sonhos estão flutuando. Feche os olhos e você terá um devaneio. Feche os olhos e imediatamente o verá – a imaginação assume as rédeas e você começa a se afastar deste momento, do aqui. Na verdade não está indo a lugar algum, mas na sua mente você pode ir a qualquer lugar.

Então, o primeiro estado é o suposto estar acordado, e o segundo estado é o sono. Estamos conscientes desses dois.

O terceiro é chamado estado de sonho, porque o sono pode ocorrer sem sonho. O sono sem sonho tem uma qualidade diferente; ele é muito pacífico, muito silencioso, escuro e profundo… muito rejuvenescedor. Mas, na maior parte do tempo em seu sono, você está sonhando. Se você dorme oito horas, então durante seis horas você está sonhando. Em alguns momentos, como uma pequena ilha, você está realmente dormindo; fora disso há um sonho contínuo. Você não se lembra dele, razão pela qual as pessoas acham que isto parece demais: seis horas de sonho e apenas duas de sono?! Quando você acorda, lembra-se apenas dos últimos sonhos, porque só com seu acordar é que sua memória começa a funcionar; por isso ela só capta a parte final de seu mundo de sonhos. Você não se recorda de todos os sonhos, mas apenas dos sonhos que acontecem pouco antes de começar a acordar – os sonhos da manhã.

Foi sempre entendido no Oriente que essas seis horas de sonho são tão essenciais quanto aquelas duas horas de sono silencioso. Mas no Ocidente, nos últimos anos, pela primeira vez novas pesquisas provaram que a visão oriental está totalmente certa. Na verdade, os novos achados dizem que o sonho é ainda mais essencial do que o sono, porque no sonho você está se livrando de todo o lixo de sua mente.

O dia todo a mente está coletando todos os tipos de palavras, todos os tipos de desejos, de ambições – poeira demais! Isso precisa ser descartado. Durante o dia você não tem nenhum tempo para se livrar disso; vive juntando mais e mais poeira. Então, à noite, enquanto está dormindo, a mente tem a chance de se limpar. O sonho é uma espécie de limpeza total. Mas essa é uma tarefa cotidiana: de novo vai coletar, de novo vai sonhar, de novo vai coletar…

Esses são os estados conhecidos. O quarto estado não tem nome no Oriente, sendo chamado simplesmente de quarto estado, *turiya*. É um número, não uma palavra. Nenhum nome é dado a ele, para que você não possa interpretá-lo, para que sua mente não possa brincar com ele e enganar você. O que a mente faz, apenas ouvindo o número quatro? A mente simplesmente se sente paralisada. Se receber qualquer nome com significado, a mente tem um caminho – o significado é seu caminho. Mas o número quatro não tem significado.

O quarto estado é o despertar real. O quarto estado tem de ser entendido em referência aos outros três estados. Ele tem algo semelhante ao primeiro. Mas este é muito rarefeito, quase negligenciável, embora tenha alguma qualidade… O quarto consiste apenas dessa qualidade; é o puro despertar. Você está totalmente desperto.

Ele também tem alguma semelhança com o segundo estado – o sono. O sono tem silêncio, profundidade, tranquilidade, relaxamento, mas em uma medida muito pequena – apenas o necessário para as preocupações do dia a dia. Mas o quarto tem sua totalidade: relaxamento total, silêncio total, profundidade abismal.

Tem também alguma qualidade do sonho. O sonho o leva para muito distante de si mesmo. No sonho você pode ir até a lua, no sonho pode ir para alguma estrela, embora permaneça aqui, na sua cama. Na verdade, você não vai para lugar nenhum, mas na imaginação – enquanto está sonhando – aquilo parece absolutamente real. Em um sonho você não consegue

pensar que está num sonho. Se conseguir pensar num sonho que está num sonho, o sonho será interrompido – você está acordado e não pode voltar ao sonho novamente.

Uma história sufi sobre Mulla Nasruddin diz que certa noite ele sonhou que um anjo estava lhe dando algum dinheiro: "Como você é tão virtuoso, tão sábio, Deus lhe enviou uma recompensa". Ele então lhe dá dez rúpias. Mas, como a mente está presente, Mulla diz: "Isto não é uma recompensa – não me insulte". E pouco a pouco, lentamente, ele faz o anjo produzir 99 rúpias. Mas Mulla é teimoso; ele diz: "Ou você me dá cem ou não quero nada. Que abordagem mesquinha é esta – e vinda de Deus! Você representa Deus e não consegue produzir cem rúpias?"

Ele gritou tão alto "Ou cem ou nada!" que isso o acordou. Olhou à sua volta – não havia ninguém, apenas ele dormindo em sua cama. Ele disse: "Meu Deus, eu perdi 99 rúpias desnecessariamente, apenas por insistir em ter uma rúpia a mais". Fechou os olhos, esforçou-se muito: "Por favor, volte de onde quer que esteja. Eu aceito as 99; até 98, e 97 também está bem – qualquer coisa servirá. Mas volte aqui! Onde você está?"

Ele chegou até uma rúpia: "Eu fico com uma rúpia… qualquer coisa vinda de Deus é ótima. Fui um tolo em chamar Deus de miserável; na verdade, eu fui ganancioso. Perdoe-me e me dê apenas uma rúpia". Mas o anjo não estava mais lá.

Você não consegue capturar o mesmo sonho de novo; uma vez que acordou, não há como voltar ao mesmo sonho.

Um sonho o leva para longe de você; essa é sua qualidade básica. Talvez seja por isso que ele o limpa e o ajuda a ter algum relaxamento: você se esquece de suas preocupações. Por alguns momentos pelo menos, você pode estar no paraíso, pode estar em uma situação em que sempre quis estar.

O quarto estado também tem algo similar, mas apenas similar. Ele também o leva para longe de você – mas para sempre. Você não pode voltar para si mesmo. No sonho você não pode voltar para o mesmo sonho; no quarto estado, não pode voltar para o mesmo *self*. Ele o leva realmente para tão longe que você pode se tornar todo o universo. É o que os místicos orientais têm dito: *aham brahmasmi* – eu me tornei o todo.

Mas você tem de perder o *self*.

Você não pode voltar para ele.

Esse quarto estado tem recebido nomes diferentes. Esse é o nome mais matemático, o quarto. Ele foi dado por Patanjali, um místico muito científico e matemático. Seu tratado permaneceu durante milhares de anos a única fonte da ioga. Nada foi acrescentado, porque nada é necessário. É muito raro uma pessoa criar um sistema completo, tão completo e tão perfeito que seja impossível mudar qualquer coisa nele.

No Ocidente costumava-se achar que Aristóteles era tal pessoa – ele criou a lógica, todo o sistema da lógica sozinho, o qual durante dois mil anos permaneceu o mesmo. Mas neste século [XX] as coisas mudaram, porque novas descobertas na física tornaram absolutamente necessário encontrar algo melhor que Aristóteles. Os novos achados na física criaram um problema, porque, se você seguir a lógica de Aristóteles, não pode aceitar esses achados. Esses achados vão contra a lógica de Aristóteles, mas você não pode negar a realidade.

Realidade é realidade! Você pode mudar a lógica – que é feita pelo homem –, mas não pode mudar o comportamento dos elétrons. Você não tem poder para fazê-lo, ele é existencial. Então, foi desenvolvida uma lógica não aristotélica.

O segundo caso foi a geometria. Euclides reinou por centenas de anos como um mestre perfeito no que se refere à geometria, mas neste século [XX] isso também enfrentou dificuldades. Foram desenvolvidas geometrias não euclidianas. Elas tiveram de ser desenvolvidas por causa das novas descobertas da física.

Por exemplo, você ouviu falar que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta, mas a descoberta dos físicos é que não existe nenhuma linha reta. Uma linha reta é impossível, pela simples razão de que nós estamos em uma terra global. Você pode traçar uma linha reta aqui no chão, mas ela não é uma linha reta porque é parte de um círculo. Se você continuar traçando-a a partir de ambas as extremidades, um dia elas irão se encontrar em algum lugar e você verá que ela se tornou um círculo. Assim, a pequena peça que você achava que fosse uma linha reta não é uma linha reta; é apenas uma pequena parte de um círculo cuja curva você não consegue ver. A curvatura é invisível – é muito pequena, mas está ali.

Onde você vai traçar uma linha reta? Todas as estrelas, todos os planetas, tudo é global, é redondo. Então, onde quer que você trace uma linha, por menor que seja, ela parecerá absolutamente reta – até mesmo com instrumentos científicos você pode ver que ela é reta –, mas continuando a torná-la cada vez maior ela vai se tornar uma parte de um círculo. Então ela é um arco, não uma linha reta. Da mesma maneira, tudo o que foi postulado por Euclides foi derrubado.

Patanjali continua sendo a única pessoa ainda, e talvez possa continuar sendo a única, que criou sozinho toda uma ciência, e essa permanece há cinco mil anos sem nenhum desafio de qualquer canto.

Ele chama aquele último estado de *turiya*, 'o quarto'. É um homem tão científico que deixa as pessoas impressionadas.

Cinco mil anos atrás, ele teve a coragem, a percepção, a consciência, de dizer que Deus é apenas uma hipótese. Ele pode ajudá-lo a se tornar desperto, mas não é uma realidade, é apenas um recurso. Não há Deus a ser atingido; ele é apenas uma hipótese.

Algumas pessoas podem ser ajudadas pelas hipóteses – podem usá-las –, mas lembre-se de que elas não são uma realidade. E, uma vez que você despertou, elas desaparecem, da mesma maneira que, quando você desperta, seus sonhos desaparecem. Eles eram tão reais que às vezes acontece de mesmo depois de acordado sobrar algum efeito da realidade do sonho: seu coração está batendo mais acelerado, você está transpirando, tremendo, ainda temeroso. Agora sabe perfeitamente que foi um sonho, mas ainda está chorando, suas lágrimas estão ali. O sonho foi não existencial, mas o afetou, porque durante aquele período você o considerou real.

Então isso é possível. Você pode ver os devotos chorando diante de seu deus, emocionalmente muito afetados, dançando, cantando, adorando e sentindo a verdade dele; mas ele é apenas uma hipótese. Não há nada, não há Deus, mas aquelas pessoas estão assumindo a hipótese como uma realidade. Um dia, quando estiverem despertas, vão rir de si mesmas;

aquilo era apenas uma hipótese.

Mas há outros mestres que têm dado nomes diferentes a esse estado, de acordo com sua própria base filosófica. Alguns o têm chamado de iluminação: tornar-se todo luz – toda a escuridão desaparece, toda a inconsciência desaparece –, tornar-se plenamente consciente.

Há outros que o têm chamado de libertação, liberdade. Liberdade de si mesmo, lembre-se. Todas as outras liberdades são políticas, sociais. Elas são a liberdade de alguém, a liberdade de algum governo, de algum país, de algum partido político; mas é sempre a liberdade de algum outro.

A liberdade religiosa não é a liberdade de algum outro, mas a liberdade de si mesmo.

Você não existe mais.

Como você não existe mais, alguns mestres no Oriente o chamaram de *anatta* – a inexistência do eu. Buda o chamou de nirvana – que é muito próximo de *anatta*, da inexistência do eu, a ausência do eu –, apenas um zero, um nada profundo à sua volta. Mas ele não é vazio, é plenitude: plenitude do ser, da alegria fundamental, plenitude de ser abençoado, plenitude de graça. Tudo o que você conheceu antes não está mais ali; por isso está vazio de tudo aquilo. Mas algo novo, absolutamente novo, que você nunca sequer sonhou a respeito, é descoberto.

Alguns o têm chamado de existência universal, mas não importa o nome que lhe seja dado. Acho que o *quarto* ainda continua sendo o melhor, porque não o conduz em viagens da mente; do contrário, você vai pensar: "O que é o vazio? O que é o nada?" E o nada pode criar um medo, o vazio pode criar um medo, o *anatta*, a inexistência do eu, pode criar um medo. O *quarto* está absolutamente certo.

Você conhece três estados; o quarto é apenas um pouco mais profundo. Não está distante. A ideia no Oriente de que são necessárias muitas vidas para atingi-lo é um sonho. Na verdade ele está bem a seu lado… Desperte e você estará nele.

Ouvi você dizer que a iluminação é a transcendência da mente – consciente, inconsciente, subconsciente – e que a pessoa se dissolve no oceano da vida, no universo, no vazio. Também ouvi você falar sobre a individualidade dos seres humanos. Como a individualidade de uma pessoa iluminada pode se manifestar se está dissolvida no todo?

O ser humano comum, inconsciente, não tem nenhuma individualidade; ele tem apenas uma personalidade.

Personalidade é aquilo que os outros lhe dão – seus pais, seus professores, o sacerdote, a sociedade –, o que quer que tenham dito sobre você. E você deseja ser respeitável, ser respeitado, e por isso tem feito coisas que são apreciadas e a sociedade continua o recompensando, o respeitando cada vez mais. Esse é seu método de criação de uma personalidade.

Mas a personalidade é muito tênue, está à flor da pele. Não é a sua natureza. A criança nasce sem uma personalidade, mas nasce com uma potencial individualidade. A potencial

individualidade simplesmente significa sua singularidade em relação a qualquer outra pessoa – a diferença.

Então, em primeiro lugar, lembre-se de que individualidade não é personalidade. Quando você abandona a personalidade, descobre sua individualidade – e só o indivíduo pode se tornar iluminado. O falso não pode se tornar a realização final da verdade. Só a verdade pode se encontrar com a verdade, só os iguais podem se encontrar com os iguais. Sua individualidade é existencial; por isso, quando sua individualidade floresce, você se torna um com o todo.

Aqui está a questão: se você é um com o todo, como então pode permanecer individual?

O problema é simplesmente um não entendimento. A experiência de se tornar o todo é uma experiência da consciência, e a expressão dela vem através do corpo, através da mente. A experiência está além da estrutura corpo/mente. Quando uma pessoa se torna absolutamente silente, entra no *samadhi*, atinge o quarto estado, ela não é corpo, não é mente. Estão todos silentes – ela está bem acima deles. Ela é consciência pura.

Essa consciência pura é universal, assim como a luz em todas essas lâmpadas é uma só, mas pode ser expressa de diferentes maneiras. A lâmpada pode ser azul, a lâmpada pode ser verde, a lâmpada pode ser vermelha; a forma da lâmpada pode ser diferente. O corpo/mente ainda estão ali, e se o homem de experiência quiser expressar sua experiência tem de usar o corpo/mente; não há outra maneira. E seu corpo/mente são únicos – só ele tem essa estrutura, ninguém mais a tem.

Assim, ele teve a experiência do universal, se tornou o universal, mas para o mundo, para os outros, ele é um indivíduo único. Sua expressão vai ser diferente daquela das outras pessoas realizadas. Isso não significa que ele queira ser diferente; ele tem um mecanismo diferente, e ele só pode chegar até você através desse mecanismo.

Tem havido pintores iluminados. Eles nunca falaram porque a palavra não era a sua arte; mas pintaram. E suas pinturas são totalmente diferentes das pinturas comuns, mesmo das pinturas dos grandes mestres. Até os maiores mestres pintores são pessoas inconscientes; o que eles pintam reflete sua inconsciência.

Mas se um homem realizado pinta, então sua pintura tem uma beleza totalmente diferente. Não é apenas uma pintura, é também uma mensagem. Ela tem um significado a ser descoberto. O significado foi apresentado em código, porque o homem só foi capaz de pintar, e por isso sua pintura é um código. Você tem de descobrir o código, e então a pintura vai revelar imensos significados. Quanto mais profundamente você penetrar nesses significados, mais e mais você vai encontrar. As outras pinturas são apenas planas; elas podem ter sido feitas por mestres, mas são planas. As pinturas feitas por um homem realizado são multidimensionais, não são planas. Elas querem lhe dizer alguma coisa. Se o homem for um poeta, como Kabir, ele canta, e sua poesia é sua expressão.

Se o homem for articulado a ponto de falar o inexprimível, então ele fala; mas suas palavras terão um impacto totalmente diferente. As mesmas palavras são usadas por todo mundo, mas não têm esse impacto, porque não carregam a mesma energia, não vêm da mesma fonte. Um homem de experiência traz suas palavras repletas de sua experiência – elas não são

áridas, não são as palavras de um orador ou de um locutor. Ele pode não conhecer a arte de falar, mas nenhum orador consegue fazer o que ele consegue com as palavras. Ele consegue transformar as pessoas pelo simples fato de elas o ouvirem. Só por estar na presença dele, só por deixar suas palavras choverem sobre você, você vai sentir uma transformação acontecendo: um novo ser nasceu em você, você está renascido.

Então, quando eu digo que até mesmo as pessoas iluminadas têm individualidade, quero dizer que elas permanecem únicas – pela simples razão de que têm uma estrutura corpo/mente única, e qualquer coisa que chegue até você tem de chegar através dessa estrutura.

Buda fala de uma maneira, Mahavira fala de outra maneira. Chuang Tzu fala através de histórias absurdas – ele é um grande contador de histórias –, mas elas, em conjunto, vão brincando com seu coração. As histórias são tão absurdas que sua mente não consegue fazer nada. Essa é a razão de ele ter escolhido histórias absurdas, para que sua mente não possa intervir. Com suas histórias absurdas ele detém sua mente, e então a presença dele fica disponível para você e para seu coração; você pode beber o vinho que ele lhe trouxe. E ele afasta sua mente contando-lhe uma história absurda. A mente fica confusa e para de funcionar.

Muitas pessoas têm ponderado sobre o porquê de Chuang Tzu escrever histórias tão absurdas. Mas ninguém foi capaz de explicar o fato pela simples razão de que as pessoas que têm pensado sobre o porquê de ele escrever as histórias não têm ideia de que aquilo é um recurso para fazer a mente das pessoas parar de funcionar – e então as mentes ficam disponíveis, totalmente disponíveis com seus corações. Dessa maneira ele consegue entrar em contato com você.

Mas Buda não consegue contar uma história absurda. Ele usa parábolas, mas elas são muito significativas. Ele não quer evitar a mente. Essas são as singularidades das pessoas. Ele quer que a mente seja convencida e então, mediante essa convicção da mente, ele quer atingir seu coração. Se a mente estiver convencida, ela abre caminho. E as parábolas de Buda, seus discursos, são todos lógicos; mais cedo ou mais tarde a mente tem de abrir o caminho.

Diferentes mestres. Por exemplo, Jalaluddin Rumi não fazia nada além de girar. Ele se tornou iluminado após 36 horas seguidas girando, sem uma pausa, sem parar de girar. Na verdade, toda criança gosta de girar. Os pais fazem-nas parar; eles dizem: "Você vai cair. Pode ter um ataque ou bater em alguma coisa – não faça isso". Mas todas as crianças, no mundo todo, adoram girar, porque de algum modo, enquanto a criança está girando, ela encontra seu centro. Sem encontrar o centro ela não consegue girar. O corpo continua girando, mas o giro tem de acontecer em torno de um centro; então devagar, aos poucos, ela toma consciência do centro.

Após 36 horas de giro contínuo, Rumi teve absoluta clareza de seu centro. Essa era sua experiência do fundamental, do *quarto*. Então durante toda a sua vida ele não fez outra coisa senão ensinar as pessoas a girar. Isso parecerá absurdo para um budista, parecerá absurdo para qualquer outra religião – pois o que você pode obter ao ficar girando? Esse é um método simples, o método mais simples, mas pode ou não se adequar a você. Por exemplo, para mim ele não é adequado. Eu não consigo sequer me sentar em um balanço; isso já é o bastante para me provocar náuseas. Também não consigo ver ninguém balançando! Até isso basta para me

provocar náuseas. Então, Rumi não se adéqua a mim. E pode haver muitas pessoas para as quais girar vai provocar náuseas, vômito. Isso significa que Rumi não se adéqua a elas.

Somos individualmente diferentes. E não há contradição nisso. A pessoa pode experienciar o universal, mas, quando surge a questão da expressão, tem-se de ser individual.

Não consigo acreditar que eu existo. O que há de errado comigo?

Isso é impossível. É impossível dizer "Eu não existo" – porque até para dizer isso você tem de existir. A vida inteira de um dos grandes filósofos do Ocidente, Descartes, o pai da filosofia moderna, foi uma investigação por algo indubitável, que não pudesse ser posto em dúvida. Ele queria uma base, e uma base que fosse inquestionável; só então o edifício certo poderia ser construído sobre ela. Ele buscou, buscou muito sinceramente.

Você pode duvidar de Deus, da outra vida, até mesmo da existência do outro. Eu estou aqui, você pode me ver; mas, quem sabe, você pode estar sonhando – porque no sonho você também vê o outro, e no sonho o outro parece tão real quanto na chamada vida real. Você nunca duvida no seu sonho. Na verdade, na vida real você pode duvidar às vezes, mas no sonho, não; é indubitável.

Consta que Chuang Tzu disse o seguinte: "Meu maior problema é aquele que sou incapaz de resolver. O problema é que uma noite sonhei que eu era uma borboleta. Desde essa noite eu fiquei confuso".

Um amigo lhe perguntou: "Qual é sua confusão? Todo mundo sonha, não há nada especial nisso. Por que ficou tão preocupado com isso – ser uma borboleta em um sonho? E daí?"

Ele disse: "Desde esse dia estou confuso. Não consigo decidir quem eu sou. Se Chuang Tzu pôde se tornar uma borboleta no sonho, quem sabe, quando a borboleta for dormir, ela possa sonhar que é Chuang Tzu. Então eu sou realmente Chuang Tzu ou apenas uma borboleta sonhando? Se é possível que Chuang Tzu possa se tornar uma borboleta, então isso também é possível. Uma borboleta descansando no sol da tarde sob a sombra de uma árvore pode estar sonhando que se tornou Chuang Tzu. Então, quem eu sou? Uma borboleta sonhando ou Chuang Tzu sonhando?"

Descartes pesquisou durante muito tempo. Então tropeçou em um único fato, e esse fato é: "Eu existo". Isso não pode ser questionado, é impossível, porque até para dizer "Eu não existo" você precisa existir.

Esposa: "Eu acho que ouvi ladrões. Você está acordado?"

Marido: "Não!"

Ora, se você não está acordado, como pode dizer "não"? Esse "não" pressupõe que você esteja acordado.

Você me diz: "Não consigo acreditar que eu existo".

Essa não é uma pergunta de crença; você existe. Quem é este que não consegue acreditar? Quem é este que está cheio de dúvidas? A dúvida pode existir sem aquele que duvida? O sonho pode existir sem um sonhador? Se o sonho está ali, uma coisa é absolutamente certa: o

sonhador está ali. Se a dúvida está ali, então uma coisa é absolutamente certa: aquele que duvida está ali.

Esta é a base de todas as religiões: "Eu existo". Não é necessário acreditar nisso – não é uma questão de crença, é um simples fato. Feche os olhos e tente negá-lo. Você não pode negá-lo, porque na própria negação estará provando o fato. Mas esta época é a época da dúvida. E, lembre-se, qualquer época que seja a época da dúvida é uma grande época. Quando grandes dúvidas surgem no coração humano, grandes coisas podem acontecer. Quando grandes dúvidas surgem, surgem também grandes desafios.

Então, este é o maior desafio para você – penetrar mais fundo naquele que duvida até mesmo da existência de seu próprio ser. Penetre fundo nessa dúvida, penetre nesse que duvida. Deixe que essa se torne sua meditação, e penetrando mais fundo nisso você verá que esse é o único fato indubitável na existência, a única verdade que não pode ser questionada.

E, quando tiver sentido isso, surgirá a confiança.

Às vezes eu acho que não existo. Quando entro em um lugar, ninguém me vê. Quando falo, ninguém escuta. Quando um amigo me toca, não sou sólido. Eu me sinto como uma porção de mercúrio que escorre entre os dedos. Como posso me perder se não estou ali?

Essa é uma questão muito básica. Tem de ser entendida em muitos passos. Primeiro, ninguém pode ver você senão você mesmo, porque os outros só podem ver sua periferia, não você. Podem ver seu corpo: podem ver seus olhos, seu rosto, mas não você. Você está escondido bem fundo por trás. Estes são apenas cortinas; são como nuvens. Sua luz, sua chama de vida, estão ocultas bem fundo, atrás. Ninguém pode penetrar aí, você é impenetrável.

Exceto você, ninguém pode vê-lo. Exceto você, ninguém pode tocá-lo. Exceto você, ninguém pode sentir quem você é.

As pessoas podem se mover em torno de você apenas na periferia; ninguém pode alcançar seu centro. Nem você pode alcançar o centro de ninguém. O cerne mais íntimo é absolutamente privado. Nem mesmo os amantes podem penetrar nele. Mesmo profundamente apaixonados, ainda não conseguem penetrar nele.

Essa é a infelicidade dos amantes. Eles gostariam de penetrar um no outro, gostariam de ir o mais longe possível, gostariam de se encontrar, se fundir e se tornar um só, e todos os esforços falham. Independente do que façam, descobrem que não têm sucesso. Em algum lugar eles continuam sendo dois. Em algum lugar a separação permanece. Eles podem esquecer que são separados, mas não podem se tornar um só.

Essa é a infelicidade do amor, o sofrimento, a angústia, porque o amor gostaria de se tornar um. O amor gostaria de perder toda a separação, todos os limites. Mas repetidamente se chega ao limite, à limitação.

Então, este é primeiro fato básico a ser entendido: que, com exceção de você mesmo, ninguém pode penetrar na sua privacidade. Essa é a diferença entre uma pedra e você. A pedra

pode ser penetrada até seu âmago; ela não tem privacidade. Essa é a diferença entre a matéria e a consciência.

A matéria não tem privacidade; a consciência tem privacidade. A matéria pode ser entendida de fora, porque a matéria não tem interior. Não há nada interno na matéria; tudo é externo. E na consciência é justamente o contrário: tudo é interno e nada é externo.

A consciência é uma interioridade infinita.

A consciência é profunda, a matéria é superficial. A matéria é como as ondas no oceano; você, a consciência, é a profundidade do oceano. E essa interioridade nunca pode ser penetrada, porque, uma vez penetrada, ela se torna uma coisa pública, torna-se um objeto. Não é mais interna, torna-se externa. Se alguém puder enxergá-lo, você fica reduzido a um objeto, a uma coisa. E então deixa de ser um homem. Tente entender isto. Por isso, quando alguém olha para você e fixa o olhar em você, você se sente pouco à vontade.

Em híndi chamamos esse tipo de pessoa de *lucha*. A palavra significa "aquele que olha fixamente para você". A palavra *lucha* vem de *lochan*; *lochan* significa "o olho". Aquele que fica olhando fixo para você, continua olhando fixo para você, está violando, está transgredindo. Ele não é civilizado. Ele é grosseiro, inculto.

Há certo limite, um limite de tempo: os psicólogos descobriram que ele dura cerca de três segundos. Se durante três segundos você olha para alguém não há problema, é apenas um olhar casual. Dois estranhos podem se olhar ao se cruzarem na rua por três segundos. Até esse tempo, é um olhar casual. Se for mais prolongado que isso, então o olhar se torna não casual. Agora você está tentando penetrar na outra pessoa. Se você ama a pessoa, isso pode ser permitido, porque os amantes estão abertos um ao outro. Mas se você não ama a pessoa e a pessoa não o ama, então você está sendo ofensivo. Então isso é violência. Então você está transgredindo a privacidade da outra pessoa, e esta vai se sentir ofendida, vai se sentir constrangida. Ela vai retaliar. Por quê?

Observe: você está sentado sozinho em seu quarto; você é uma pessoa totalmente diferente. Então alguém entra; você imediatamente muda porque dois olhos chegaram. Você não está mais sozinho. Você está tomando seu banho no banheiro, cantarolando, fazendo caretas no espelho, e então de repente toma consciência de que alguém o está olhando pelo buraco da fechadura; você muda. Esse olhar, essa contemplação penetra em você como uma espada afiada. Você não está mais só – seu canto cessa, sua privacidade foi violada.

Por que se sente ofendido se alguém o está olhando pelo buraco da fechadura? Porque você foi reduzido a uma coisa. Sua subjetividade não foi respeitada. Você não é uma coisa. Deve dar sua permissão antes que alguém olhe para você. Sem sua permissão, alguém olhando para você como se fosse um ladrão o está ofendendo. Está transformando-o em uma coisa. Você tem uma consciência, uma subjetividade. Não pode ser reduzido a uma coisa.

Sempre que você acha que está reduzido a uma coisa, não se sente livre, não se sente bem, não se sente feliz. Você se sente muito, muito reprimido. Essa é a infelicidade de ser um escravo, ou de ser um criado. Você está lendo um jornal, sentado em sua sala; seu criado passa por ali – você nem sequer olha para ele, nem sequer reconhece que um homem passou. É como se um robô houvesse passado, um mecanismo, não um homem. Você não diz olá, não diz bom

dia. Nada disso é necessário; ele é um criado. Você trata o homem como se ele não tivesse interioridade, como se fosse apenas exterior, um criado. Um criado é um papel; não é o ser dele. Ele sente – e fica magoado por ser considerado uma coisa.

Você vai atrás de uma prostituta: você lhe paga porque quer fazer amor com ela. Ela se sente magoada porque não é um objeto – mas você a reduz a um objeto. A vida de algum modo a obrigou a ser um objeto no mercado. Até a mulher mais feia é mais bonita do que a mais bela prostituta, porque ser uma mulher e não uma coisa lhe proporciona uma graça, uma dignidade. Mesmo a mais bela prostituta é feia. E as pessoas que vão procurá-la devem ser pessoas que não têm nenhum senso estético. Como você pode fazer amor com uma mulher se a reduziu primeiro a ser uma coisa? Você está fazendo amor com uma boneca. Está fazendo amor com um corpo morto, com um cadáver. Está fazendo amor com seu dinheiro. Não está fazendo amor com uma pessoa, porque uma pessoa tem uma interioridade, e uma pessoa não pode ser comprada.

Sempre observe em torno de você e verá que a pessoa é elusiva. Você pode ter o corpo dela, mas não a alma. Ninguém pode tê-la.

A pergunta é: "Às vezes eu acho que não existo. Quando entro em uma sala ninguém me vê". Ninguém *pode* ver você. Pelo simples fato de ninguém poder vê-lo, não pense que você não existe. Na verdade, o contrário teria sido uma maldição: se as pessoas pudessem enxergá-lo, você seria uma coisa, uma cadeira, uma pedra.

Sinta-se abençoado por ninguém poder enxergá-lo, por mais que tentem. Mesmo que as pessoas usassem lentes de aumento, não poderiam enxergá-lo. Você é elusivo – essa é a sua subjetividade, essa é a sua alma, essa é a sua dignidade. Essa é a beleza e o mistério da vida: o fato de ninguém poder enxergá-lo, senão você mesmo. Essa é a sua privacidade. O mundo é belo, porque nele pelo menos uma coisa é privada – sua consciência. Do contrário, tudo seria vendido no mercado. Sua consciência não pode ser objetificada. Por isso os Upanishads dizem: o conhecedor não pode ser conhecido; o observador não pode ser visto. O conhecedor pode sentir a si mesmo; o observador pode ver a si mesmo.

Em segundo lugar, se você não pode ser visto pelos outros, como pode perguntar se será capaz de ver Deus? Se até um ser humano tem uma privacidade bem no fundo dele que ninguém pode penetrar, então o que dizer de Deus? As pessoas vêm até mim e dizem: "Diga-nos como ver Deus". São pessoas tolas. Elas acham que são muito, muito inteligentes e estão fazendo uma pergunta muito inteligente. Se nem mesmo a consciência humana jamais pode ser vista, como você pode enxergar a consciência do todo? Você pode se tornar um com ela, mas não pode vê-la. Pode se dissolver nela, mas não pode vê-la.

Ouvi uma história. Quando Yuri Gagarin voltou do espaço, muitas perguntas lhe foram feitas. Uma delas foi: "Você encontrou Deus no espaço?". Relata-se que Gagarin disse: "Eu estive no espaço e não vi Deus; por conseguinte, Deus não existe". Agora essas palavras estão enfeitando as paredes do museu anti-Deus em Leningrado. Sobre o próprio portão, em letras de ouro, estas palavras estão ostentadas: "Eu estive no espaço e não vi Deus; por conseguinte, Deus não existe".

A primeira coisa que se deveria perguntar a Yuri Gagarin é se ele próprio pode ser visto.

Alguém já viu a privacidade de Yuri Gagarin, sua alma mais recôndita? Deus não está no espaço exterior porque Deus não é matéria. Deus está no espaço interior porque Deus é consciência absoluta. O homem é consciência parcial; e se nem essa pode ser vista, que dirá a consciência total, o todo?

Só pelo fato de você não ser visto não pense que não existe. Você existe, mas não é um objeto. Você é subjetividade. É o observador, não o visto. Você vê, mas não pode ser visto. Sua natureza é ser um observador, uma testemunha; sua natureza não é ser um objeto.

"Quando eu falo, ninguém escuta. Quando um amigo me toca, não sou sólido." Ninguém pode tocá-lo. Tudo o que pode ser tocado não é você. E eu sei que aquilo que pode ser tocado não é de modo algum sólido. O corpo está florescendo, continuamente florescendo. Pergunte aos fisiologistas. Eles dizem que no decorrer de sete anos o corpo se torna completamente novo. Nem uma única célula permanece velha. É um fluxo como o de um rio, continuamente fluindo. Parece sólido, assim como a parede parece sólida, mas não é. Todos os físicos dizem que a parede está em fluxo. Os átomos correm na mesma velocidade que a luz, movendo-se continuamente. O movimento é tão rápido e a velocidade tão extraordinária que não se consegue enxergar o movimento. Não se consegue enxergar a velocidade, e por isso a parede parece ser sólida.

Seu corpo é um fluxo contínuo – ele está fluindo como um rio. Mas o fluxo é tão rápido que você não consegue vê-lo. E você acha que ele é substancial, sólido – mas não é. Sua mente também não é sólida: os pensamentos estão continuamente se movendo. Como nuvens, as formas aparecem e desaparecem.

Mas você? Você não é um fluxo, não é um fenômeno em movimento. Você é a eternidade. Não estou dizendo que seja sólido. Você não é sólido nem líquido; você transcende todas as categorias. Você é apenas espaço, um enorme vazio. E desse vazio todas essas flores florescem.

As pessoas são flores de vazio, formas de nada. É o que queremos dizer quando falamos "Deus não tem forma, mas as pessoas são todas formas dele. Deus não tem nomes, mas todos os nomes pertencem a ele". O informe se transforma em milhões de formas, e o inominado assume milhões de nomes.

Ninguém pode tocá-lo, ninguém pode vê-lo, ninguém pode ouvi-lo, porque todos esses ouvidos, olhos, toques pertencem ao corpo, não a você. Você é sempre o elusivo, aquele que elude; o misterioso, o desconhecido, o incompreensível.

Mas, por causa disso, não comece a achar que você não existe. Você existe, mas é subjetividade, irredutível a um objeto.

Este é todo o esforço da meditação: trazê-lo ao ponto em que você pode cair na sua própria subjetividade, onde pode desaparecer em sua própria profundidade, onde pode vir a entender aquilo que habita você – não nascido, imortal, eterno.

"Como eu posso me perder se não estou ali?" O simples fato de entender isso é se perder. O "eu" que você pensa que é você não é você; e o você que você é, você nunca nem pensou sobre ele. O "eu" que você pensa ser é o "eu" visto pelos outros, tocado pelos outros, ouvido pelos outros, amado pelos outros, odiado pelos outros. O "eu", o ego, não é nada além das

opiniões de outros que você coletou sobre você. Esse “eu” não é você, mas você está identificado com ele. Você é aquele “eu” que nunca foi visto por ninguém, que nunca foi sequer tocado por ninguém. Não corrompido, não tocado, não contaminado, virgem, absolutamente puro, a própria pureza – esse é você.

Deixe de lado o que você não é, para poder saber o que você é. Todo o meu ensinamento é este: deixe de lado aquilo que você não é. Isso parece paradoxal. Estou lhe dizendo para renunciar àquilo que você não tem. Jogue fora aquilo que você não tem, para que aquilo que você é possa se manifestar para você, possa lhe ser revelado.

4

Sofrendo em um sonho

O fundamental só acontece quando você está totalmente desperto, quando é um buda, quando todo o sono se foi e todo sonho se foi, quando todo o seu ser está cheio de luz, quando não há escuridão dentro de você. Toda a escuridão desapareceu e, com essa escuridão, o ego também se foi. Todas as tensões desapareceram, toda a angústia, toda a ansiedade. Você está em um estado de total contentamento. Você vive no presente; não há passado, não há mais futuro. Você agora está totalmente aqui. Este momento é tudo. Agora é o único tempo e aqui é o único espaço. E então, de repente, todo o céu cai dentro de você.
Isso é o êxtase. Isso é a verdadeira felicidade.

Por que eu transformo montinhos de terra em montanhas?

Porque o ego não se sente bem, confortável, com montinhos de terra – ele quer montanhas. Mesmo que esteja infeliz, o ego não quer ser vulgarmente infeliz – quer ser extraordinariamente infeliz!

Consta que Bernard Shaw disse: "Se não for para eu ser o primeiro no céu, gostaria de ir para o inferno… mas gostaria de ser o primeiro". No cristianismo há apenas um inferno, e Bernard Shaw nunca soube que na Índia temos um conceito de sete infernos. Se ele tivesse ouvido falar sobre os infernos hindus, teria escolhido o sétimo, porque, no quinto, ele se sentiria humilhado, pois outros estariam bem à frente dele, no sétimo – os verdadeiros pecadores, os grandes pecadores, estão no sétimo!

De uma maneira ou de outra, a pessoa quer ser a primeira. Por isso continua transformando montinhos de terra em montanhas.

Uma mulher hipocondríaca morreu. Toda a cidade se sentiu aliviada, todos os profissionais da medicina sentiram-se aliviados, porque ela era um problema constante para a cabeça de muitas pessoas, em toda parte, a toda a sua volta. A família, os médicos… – ela havia perturbado todo mundo e ninguém conseguia ajudá-la. E ela saboreava a ideia de que ninguém sabia nada sobre o tipo de doença que a afligia – era uma doença extraordinária. Na verdade, não havia doença alguma.

Então ela morreu, e houve quase uma comemoração na cidade. Porém, quando abriram seu testamento, ela havia escrito que sua vontade tinha de ser categoricamente cumprida. Sua vontade era que uma lápide entalhada fosse colocada em sua tumba, com as seguintes palavras inscritas: Agora vocês acreditam que eu estava doente?

Dessa maneira ela assombraria novamente a cidade toda.

As pessoas estão sempre criando grandes problemas do nada. Conversei com milhares de pessoas sobre seus problemas e ainda não me deparei com um problema real! Todos os problemas são fictícios – as pessoas os criam. Porque sem problemas elas se sentem vazias: então não há nada a fazer, nada a combater, lugar nenhum para ir. As pessoas vão de um guru a outro, de um mestre a outro, de um psicanalista a outro, de um grupo de ajuda a outro, porque, se não forem, sentem-se vazias, acham que a vida se tornou sem significado. Elas criam problemas para que possam sentir que a vida é um grande trabalho, um crescimento – e você tem de lutar muito.

Lembre-se de que o ego só pode existir quando ele luta, quando briga. Se eu disser a uma pessoa: "Mate três moscas e você ficará iluminado", ela não vai acreditar em mim. Ela dirá: "Três moscas? Isso não me parece muito. Isso me fará iluminado? Não me parece o bastante para isso". Se eu lhe disser para matar 700 leões, é claro que lhe parecerá muito mais crível.

Quanto maior o problema, maior o desafio – e, com o desafio, seu ego aparece, ganha altura. As pessoas criam os problemas. Os problemas não existem.

E agora, se você me permitir, não há sequer montinhos de terra. Isso também é um truque seu. Você diz: "Sim, pode não haver montanhas, mas montinhos de terra?" Não, não há sequer montinhos de terra – eles são criações suas. Primeiro você cria montinhos de terra do nada, depois cria montanhas dos montinhos de terra. E os sacerdotes, os psicanalistas, os gurus, ficam felizes, pois todo o comércio deles só existe por causa de você. Se você não criar montinhos de terra do nada e não transformar seus montinhos de terra em montanhas, qual será o interesse dos gurus em ajudá-lo? Primeiro você tem de estar em uma condição de ser ajudado.

Os verdadeiros mestres dizem outra coisa. Eles dizem: "Por favor, olhe o que você está fazendo, a bobagem que está fazendo. Primeiro você cria um problema, depois sai em busca de uma solução. Observe por que está criando o problema; exatamente no início, quando está criando o problema, está a solução – não o crie". Mas isso não vai atraí-lo, porque então você de repente ficará entediado consigo mesmo. Nada a fazer? Nenhuma iluminação? Nenhum *satori*? Nenhum *samadhi*? E você fica profundamente inquieto, vazio, tentando se preencher com qualquer coisa.

Você não tem nenhum problema – é só isso que tem de ser entendido.

Neste exato momento você pode se livrar de todos os problemas porque eles são criações suas. Olhe de maneira diferente para os seus problemas: quanto mais profundo for o seu olhar, menores eles vão lhe parecer. Continue olhando para eles e, pouco a pouco, eles começarão a desaparecer. Continue olhando e, de repente, verá que há um vazio – um belo vazio cercando você. Nada a fazer, nada a ser, porque você já é.

A iluminação não é algo a ser atingido, é apenas para ser vivido. Quando eu digo que atingi a iluminação, simplesmente quero dizer que decidi vivê-la. Já basta! E desde então eu a tenho vivido. É uma decisão de que agora você não está interessado em criar problemas – isso é tudo. É uma decisão de que agora você pôs fim a toda essa bobagem de criar problemas e encontrar soluções.

Toda essa bobagem é um jogo que você está jogando consigo mesmo. Você mesmo está se escondendo e você mesmo está se procurando, você está nos dois lados. E você sabe disso! Por isso, quando eu digo isso, você sorri, você ri. Não estou falando sobre nada ridículo – você está entendendo. Você está rindo de si mesmo. Observe-se rindo, observe seu próprio sorriso – você está entendendo. Têm de ser assim, porque este é seu próprio jogo: você está se escondendo e esperando que você mesmo seja capaz de procurar por você e se encontrar.

Você pode se encontrar neste exato momento, porque é você que está se escondendo. Por isso os mestres Zen continuam dando suas pancadas. Quando alguém chega até eles e diz: "Eu gostaria de ser um buda", os mestres ficam muito zangados. Porque ele está pedindo uma bobagem, ele *é* um buda. Se um buda vem até mim e me pergunta o que fazer para ser um buda, o que eu devo fazer? Eu baterei na cabeça dele. "A quem você acha que está fazendo de tolo? Você é um buda."

Não crie dificuldades desnecessárias para si mesmo. E o entendimento chegará a você se você observar como torna um problema cada vez maior, como o protela e como ajuda a roda a girar cada vez mais rápido. Então, de repente, você está no alto de sua infelicidade e fica necessitando de toda a consternação do mundo.

Uma *sannyasin*, Marga, me escreveu uma carta, na qual dizia: "Osho, eu me sinto muito triste porque, quando você fala, parece olhar para todo mundo, menos para mim". Neste momento eu não estou olhando especialmente para ninguém, mas eu tenho olhos, e por isso eles devem estar em algum lugar. Isso não quer dizer que eu esteja olhando para alguém; não estou olhando para ninguém. E você pode ver em meus olhos que eles estão vazios, estão vagos. Mas se você está tentando encontrar seu reflexo neles e não o encontra, uma grande tristeza toma conta de você. Então surge um novo problema. Agora o ego se sente ferido – eu estou olhando para todo mundo, menos para você! Observe como você fez de si mesma uma exceção; você se tornou extraordinária. Eu olho para todos, para a massa costumeira, menos para você. Você se tornou única. Se eu olhar para Marga… – e isso eu não vou fazer! Desde que recebi sua carta, não vou olhar para ela. Se eu olhar para ela, então seu ego vai entrar numa outra viagem: que eu olho apenas para ela. Então isso criará outro problema!

As pessoas são grandes criadoras de problemas… Entenda isso e de repente os problemas desaparecem. Você está em perfeita forma; você nasceu perfeito, essa é toda a mensagem. Você nasceu perfeito; a perfeição é sua natureza mais profunda. Você tem apenas de vivê-la. Decida, e viva essa perfeição.

Mas se você ainda não está cheio do jogo, pode continuar, mas não pergunte por quê. Você sabe. O porquê é simples: o ego não pode existir no vazio, ele necessita de algo com o qual brigar. Até com um fantasma da sua imaginação, mas você precisa brigar com alguém. O ego só existe no conflito; o ego não é uma entidade, é uma tensão. Sempre que há um conflito, surge a tensão, e o ego está presente; quando não há conflito, a tensão desaparece e o ego desaparece. O ego não é uma coisa – é apenas uma tensão.

E é claro que ninguém quer tensões pequenas, todos querem tensões grandes. Se seus próprios problemas não são suficientes, você começa a pensar sobre a humanidade, o mundo e o futuro… socialismo, comunismo, e toda essa bobagem. Você começa a pensar sobre isso

como se o mundo todo dependesse de seu conselho. Então, pensa: "O que vai acontecer em Israel? O que vai acontecer na África?" E você continua aconselhando, e criando problemas. As pessoas ficam muito excitadas, elas não conseguem dormir porque há alguma guerra sendo travada. Elas ficam muito excitadas. Sua própria vida é tão comum que elas terão de atingir o extraordinário a partir de outra fonte. A nação está em dificuldade, então elas se tornam identificadas com a nação. A cultura está em dificuldade, a sociedade está em dificuldade – agora há grandes problemas e você se torna identificado com eles. Você é um hindu e a cultura hindu está em dificuldades; você é um cristão e a Igreja está em dificuldades. O mundo todo está em jogo. Agora você se torna grande através de seu problema.

O ego necessita de alguns problemas. Se você entender isso, no próprio entendimento, as montanhas voltam a se tornar montinhos de terra, e então os montinhos de terra também desaparecem. De repente há o vazio, o puro vazio a toda a sua volta. Isto é a iluminação – um entendimento profundo de que o problema não existe.

Então, sem problema para resolver, o que você vai fazer? Imediatamente, começa a viver. Você vai comer, vai dormir, vai amar, vai jogar conversa fora, vai cantar, vai dançar – o que mais há a fazer? Você se tornou um Deus, começou a viver.

Se existe um Deus, uma coisa é certa: ele não tem nenhum problema. Isso é absolutamente certo. Então o que ele fará com todo o seu tempo? Não há problemas, não há psiquiatra para consultar, não há guru para procurar e ao qual se entregar… O que Deus fará? Ele deve estar enlouquecendo, com a mente em um torvelinho. Não, ele está vivendo; sua vida está totalmente repleta de vida. Ele está comendo, dormindo, dançando, tendo um caso de amor – mas sem nenhum problema.

Comece a viver este momento e verá que, quanto mais você viver, menos problemas existirão. Porque, agora que seu vazio está florescendo e vivendo, não há necessidade de problemas. Quando você não vive, a mesma energia se deteriora. A mesma energia que teria se tornado uma flor fica paralisada; não lhe sendo permitido florescer, ela se torna um espinho no coração. É a mesma energia.

Obrigue uma criança a se sentar no canto da sala e diga-lhe para ficar totalmente imóvel, impassível. Observe o que acontece… Apenas alguns minutos antes, ela estava perfeitamente à vontade, fluindo; agora seu rosto vai ficar vermelho, porque ela terá de se tensionar, de se conter. Todo o seu corpo vai se tornar rígido e ela vai tentar se mexer de vez em quando e vai querer saltar para fora de si mesma. Você forçou a energia – agora ela não tem propósito, não tem significado, não tem espaço para se mover, lugar algum para desabrochar e florescer; está paralisada, congelada, rígida. A criança está sofrendo uma morte curta, uma morte temporária. Se você não permitir que a criança volte a correr, mover-se pelo jardim e brincar, ela vai começar a criar problemas, vai fantasiar; em sua mente, vai criar problemas e começar a lutar com esses problemas. Verá um cachorro enorme e ficará com medo, ou verá um fantasma e terá de lutar com ele e escapar dele. Agora ela está criando problemas. A mesma energia que apenas um momento antes estava fluindo por toda parte, em todas as direções, está paralisada e se deteriorando.

Se as pessoas conseguirem dançar um pouco mais, cantar um pouco mais, serem um pouco

mais loucas, sua energia vai fluir mais e seus problemas irão pouco a pouco desaparecendo. Por isso eu insisto tanto na dança. Dance até o orgasmo; deixe toda a energia se transformar em dança, e de repente você vai ver que não tem nenhuma cabeça – a energia paralisada na cabeça está se movendo a toda a sua volta, criando belos padrões, figuras, movimentos. E, quando você dança, chega um momento em que seu corpo não é mais uma coisa rígida, ele se torna flexível, fluido. Quando você dança chega um momento em que seus limites já não são tão claros; você derrete e se funde com o cosmos, os limites estão se misturando.

Observe um dançarino – você verá que ele se tornou um fenômeno de energia, não é mais uma forma fixa, não é mais uma estrutura. Ele está fluindo de sua estrutura, de sua forma, e se tornando mais vivo, cada vez mais vivo. Mas só se você dançar irá saber o que realmente acontece. O interior da cabeça desaparece; você é de novo uma criança. Então não cria nenhum problema.

Viva, dance, coma, durma, faça as coisas da maneira mais total possível. E o tempo todo lembre-se: quando você se perceber criando algum problema, saia dele imediatamente. Uma vez que você entra no problema, torna-se necessária uma solução. E mesmo que encontre uma solução, dessa solução mil e um problemas vão tornar a surgir. Quando você dá o primeiro passo, já está preso na armadilha. Sempre que perceber que está entrando em um problema, fique atento, corra, salte, dance, mas não entre no problema. Faça algo imediatamente para que a energia que estava criando o problema se torne fluida, líquida, derretida, de volta ao cosmos.

As pessoas primitivas não têm muitos problemas. Estive com grupos primitivos na Índia que me disseram que não sonham. Freud não seria capaz de acreditar que isso seja possível. Eles não sonham, mas, se às vezes alguém sonha – e esse é um fenômeno raro –, toda a aldeia jejua, reza para Deus. Algo saiu errado, algo errado aconteceu… um homem sonhou.

Isso nunca acontece na tribo porque, nela, as pessoas vivem de maneira tão total que nada é deixado na cabeça para ser completado no sonho.

Qualquer coisa que você deixe incompleta tem de ser completada em seus sonhos.

Qualquer coisa que não tenha vivido permanece como uma ressaca e se completa na mente – é isso que o sonho é. O dia todo você ficou pensando. O pensamento simplesmente mostra que você tem mais energia do que usa para viver; você tem mais energia do que sua suposta vida necessita.

Você está perdendo a vida real. Use mais energia. Logo energias frescas estarão fluindo. Não seja avarento. Use-as hoje; deixe que elas se completem em você hoje; o amanhã cuidará de si, não fique preocupado com o amanhã.

A preocupação, o problema, a ansiedade, todos simplesmente mostram uma coisa: que você não está vivendo da maneira certa, que sua vida não é ainda uma celebração, uma dança, uma festividade. Por isso existem todos os problemas.

Se você viver, o ego desaparece. A vida não conhece ego, ela só conhece o viver, o viver, o viver. A vida não conhece o eu, não conhece o centro; a vida não conhece a separação. Você inspira, a vida entra em você; você expira, você entra na vida. Não há separação, você come e as árvores entram dentro de você através dos frutos. Então, um dia você morre, é enterrado na

terra e as árvores o sugam para cima e você se torna frutos. Seus filhos vão comê-lo de novo. Você esteve comendo seus ancestrais – as árvores os converteram em frutos. Você acha que é um vegetariano? Não se deixe enganar pelas aparências. Somos todos canibais.

A vida é uma só, ela está em constante movimento. Ela entra em você; ela passa por você. Na verdade, dizer que ela entra em você não é certo, porque fica parecendo que a vida entra em você e depois sai de você. Você não existe – o que existe é esta vida indo e vindo. Você não existe – apenas a vida existe em suas extraordinárias formas, em sua energia, em seus milhões de encantos. Uma vez que você entenda isso, deixe que esse entendimento seja a única lei.

E a partir deste momento comece a viver como os budas. Se decidir o contrário, a decisão é sua – mas, como eu vejo, é uma decisão: "Não vou mais me enganar. Agora vou começar a viver como um buda, no vazio. Não vou tentar encontrar ocupações desnecessárias. Vou me dissolver".

Percebo que no fundo eu quero ser amado, aceito, como a pessoa mais incrível da terra, que eu quero ser a pessoa mais famosa. E fico magoado quando alguém me rejeita. O que fazer com esses sonhos?

Se você entende que são sonhos, então lave o rosto e tome uma xícara de chá. O que há para ser feito a respeito? Sonhos são sonhos – por que se importar com eles?

Mas você não entende que são sonhos. Isso é conhecimento emprestado. Você sabe que eles não são sonhos – por isso fica preocupado. Do contrário, por que ficaria preocupado? Se em um sonho você vê que ficou doente, quando acorda de manhã vai ao médico? "No meu sonho eu estava muito doente e agora preciso de alguma medicação." Você nunca vai. Entende que foi um sonho – pronto! Por que ir ao médico?

Mas você ainda não entendeu que são sonhos. São realidades para você – daí o problema.

Você diz: "Percebo que no fundo quero ser amado". Se quer ser amado – ame! Porque qualquer coisa que você dá volta para você. Se quer ser amado, esqueça-se do desejo de ser amado e de mil maneiras o amor irá até você. A vida reflete, a vida ressoa, a vida ecoa qualquer coisa que você jogue na vida. Então, se quer ser amado, esqueça-se do querer e do ser amado – isso não é de modo algum importante. A regra é simples: ame.

E se quer ser aceito como a pessoa mais importante da terra, então comece aceitando todos como as pessoas mais importantes da terra. Do contrário, como elas vão aceitá-lo como a mais importante? Estão todas na mesma viagem. Elas não vão aceitá-lo como a pessoa mais importante, porque então o que vai acontecer com elas? Se você é a mais importante, então quem elas são? Ninguém quer ser outra coisa senão importante.

Certo dia aconteceu de um amigo de Mulla Nasruddin estar conversando com ele. Eles haviam se encontrado depois de muitos anos. Eram intensos rivais; ambos eram poetas. E eles começaram a se vangloriar dos progressos que fizeram em suas carreiras.

"Você não tem ideia, Nasruddin, de quantas pessoas atualmente leem meus poemas",

jactou-se o amigo. “O número de meus leitores duplicou.”

“Meu Deus, meu Deus!”, gritou Nasruddin. “Eu não sabia que você havia se casado!”

Todos estão na mesma viagem. Se quer que as pessoas o aceitem como a pessoa mais importante da terra, deixe que esta seja a regra: qualquer coisa que queira que os outros façam para você, faça você para eles. Mas esse é o problema. O ego quer que você seja a pessoa mais importante da terra – e mais ninguém. Então você se sente magoado, porque todos estão na mesma viagem. Você consegue entender essa questão simples? Eles também estão esperando que você os aceite como as pessoas mais importantes da terra.

Mulla Nasruddin estava fazendo um discurso político. Ele disse: “É com alguma apreensão que me dirijo a uma audiência de pessoas todas elas mais inteligentes que eu… todas elas reunidas, quero dizer”.

Todos estão tentando estar no topo do mundo – então você está competindo com todo mundo. Lembre-se de que você vai ser derrotado. Um homem lutando contra o mundo todo – essa é a situação.

Se você enxerga a questão, há duas saídas. Primeiro, esqueça-se dessa viagem, seja comum, simples, seja você quem for. Não há necessidade de ser importante, a única necessidade é de ser real. Ser importante é o objetivo errado.

Eu me deparei com um bom slogan: seja realista – planeje um milagre. Sim! É assim que a coisa funciona. Se você for de fato realista, vai começar a viver o milagre. E o milagre é que, se você for real, não vai querer ser incomodado com a competição, com a comparação. Quem vai se importar? Você desfruta de sua comida, desfruta de sua respiração, desfruta da luz do sol, desfruta das estrelas – desfruta da vida, desfruta do fato de estar vivo; você vive em perfeita sintonia, em harmonia com o todo. Qual seria a vantagem de ser uma “pessoa importante”? Os grandes homens, os supostos grandes homens, são quase sempre fraudes – têm de ser. Não podem ser pessoas reais. São de plástico, porque escolheram um objetivo errado. Ser “importante” é um objetivo do ego; ser real é existencial.

Se você quer ser importante, vai estar em um contínuo conflito. E é claro que será magoado por todos. Não que todos estejam tentando magoá-lo; eles estão realizando a própria viagem deles. Você está desnecessariamente entrando no caminho deles. Saia dessa corrida de ratos. Sente-se sob a árvore ao lado da estrada: ela é extraordinariamente bela e silenciosa. Do contrário, prepare-se para ser magoado.

Um político costumava vir até mim. Ele chegou a ser presidente do Congresso Nacional Indiano – um homem importante na Índia. E me disse: “Sou um homem muito simples. Por que as pessoas continuam espalhando coisas desagradáveis a meu respeito? Por que as pessoas querem me magoar?”

Eu lhe disse: “Ninguém quer magoá-lo. Você está desnecessariamente no caminho delas. Elas também querem ser o presidente de grandes partidos – você está no caminho delas. Elas têm de tirá-lo dali”. E lhe disse: “Lembre-se do que você fez ao presidente que o antecedeu. A mesma coisa que elas estão tentando fazer com você”.

Quando uma pessoa está no poder, ela é continuamente puxada e empurrada. Tem de ser assim.

Ramakrishna costumava contar uma bela história:

Um pássaro estava voando com um rato morto na boca, e 20 ou 30 pássaros o estavam perseguindo. O pássaro estava muito preocupado. "Não estou fazendo nada contra eles, por que estão todos atrás de mim?"

Os outros pássaros bateram muito nele e, no conflito, na luta, o pássaro abriu a boca e o rato caiu. Imediatamente todos os outros pássaros voaram na direção do rato; todos se esqueceram dele. Não estavam contra ele; estavam também na mesma viagem – eles queriam o rato.

Se as pessoas o estiverem magoando, abra sua boca. Você deve estar carregando um rato morto! Deixe-o cair! Depois sente-se – se conseguir, sente-se debaixo da árvore e contemple, e de repente verá que elas se esqueceram de você. Não estão interessadas em você. Nunca estiveram. O ego é um rato morto.

A filha mais velha de Jones havia acabado de dar à luz um belo bebê e Jones estava recebendo os cumprimentos.

No entanto, ele parecia cabisbaixo, e um amigo lhe perguntou: "O que está acontecendo, Jones? Você não gosta da ideia de ser avô?"

Jones soltou um enorme suspiro. "Não", disse ele. "Não gosto, mas isso não me incomoda tanto. É que é muito humilhante ter de ir para a cama com uma avó."

Apenas observe sua mente e como ela cria problemas. A mulher permanece a mesma, mas agora ela se tornou uma avó e seu marido se sente humilhado.

É a sua ideia que está humilhando você. Se você está realmente preocupado com seu próprio bem-estar, ninguém o está magoando – somente suas próprias ideias. Livre-se delas. Ou, se você se sente bem com elas, não se preocupe com as mágoas. Continue com as ideias.

Mas você tem de tomar uma decisão interna. Se quer seguir a viagem do ego, se quer ser a pessoa mais importante do mundo, então todos vão tentar provar que você é a pior pessoa do mundo. Portanto, tenha a coragem e o coração preparados para sofrer tudo isso. É inútil, mas, se você escolher esse caminho, a escolha é sua. Se realmente quer seu bem-estar e sua tranquilidade, silêncio e êxtase, então essas mágoas são indicativas: você está carregando algumas ideias erradas dentro de você.

Livre-se dessas ideias.

O que fazer com a sensação de desamparo diante da frustração ao perceber que nada é fundamentalmente satisfatório – nada é suficiente?

Se essa é sua experiência, então a questão não existe – como pode fazer essa pergunta? A pergunta surge de alguma esperança prolongada em algum lugar no inconsciente: "Talvez haja uma maneira de fazê-la calar. Talvez eu não tenha tentado o suficiente. Talvez não tenha colocado minha energia totalmente nela. Por isso ela não é satisfatória". Mas se você mesmo sentiu que nada é fundamentalmente satisfatório, se essa é sua experiência, como pode surgir a

questão? É assim.

Nessa própria experiência, nesse próprio entendimento, você ficará relaxado. Por que perguntar se qualquer coisa deve ser fundamentalmente satisfatória? Por que não se satisfazer com o que quer que a vida lhe proporcione, mesmo que seja apenas por enquanto? Por que ser ganancioso?

Você parece ser muito ganancioso. Parece ser aquele tipo de pessoa espiritual antiga e rançosa – gananciosa. Quer tudo para sempre, para sempre. Se se apaixona por uma mulher, quer que ela permaneça com a mesma idade para sempre, para sempre. Ele próprio vai envelhecer – essa é uma outra coisa. Mas a mulher tem de permanecer jovem.

Foi esse tipo de pessoa gananciosa que criou as ideias do paraíso *firdaus*. Lá, as mulheres nunca envelhecem. Todas as mulheres no paraíso ficam paralisadas nos 16 anos. Devem estar ficando cansadas… por milhões e milhões de anos paralisadas nos 16. Mas o paraíso não diz nada sobre os homens – pode ser porque as Escrituras são escritas por homens. Se as mulheres escrevessem as Escrituras, teriam escrito alguma outra coisa: os homens ficariam paralisados nos 18 anos.

E as mesmas pessoas que continuam condenando todos os tipos de coisas aqui continuam prometendo as mesmas coisas mil vezes, pela eternidade, no paraíso. Que tipo de lógica é essa? O álcool é proibido aqui pelos muçulmanos, mas em seu *firdaus*, em seu paraíso, fluem rios de álcool – rios! A pessoa não necessita ir a um pub; não precisa apenas beber, mas pode nadar, pode mergulhar.

É estranho! – mas não realmente. A mente gananciosa está ali. A mente gananciosa está pronta para sacrificar a alegria momentânea de estar em um pub, de beber um pouquinho, pela alegria fundamental de beber e beber para sempre.

Essas mesmas pessoas religiosas continuam condenando o corpo feminino – todas as religiões cometeram esse crime. Isso mostra apenas uma única coisa: que as pessoas que escreveram essas Escrituras eram profundamente reprimidas sexualmente. Não mostra nada além disso. Não diz nada sobre as mulheres, simplesmente mostra algo a respeito dos autores das Escrituras, que eles eram pessoas profundamente reprimidas – eles tinham medo das mulheres.

Aqui eles têm medo, e aqui continuam dizendo a todos: “Cuidado! A mulher é a porta para o inferno!”. E as mesmas pessoas lhe prometem belas mulheres no céu – as mais belas. Você sabe? No paraíso, as mulheres não transpiram, elas não precisam de desodorantes. O corpo delas tem um perfume de flores – um perfume natural, não fabricado por alguém artificialmente. Mas absolutamente natural, como flores – rosas. O corpo delas é feito de ouro. Que ganância! O que você vai fazer com uma mulher cujo corpo é feito de ouro? Você vai ficar paralisado! Mas a ganância, a mente gananciosa fantasia.

Todas essas Escrituras são pornográficas. Esta é a verdadeira pornografia espiritual: mulheres com corpo de ouro, cravejadas de diamantes, sem transpiração, com perfume natural, e sempre jovens e muito lindas.

Um grande santo morreu e, por coincidência, seu principal discípulo também morreu poucas horas depois dele. O discípulo ficou muito excitado em ver de novo seu mestre. Ele

estava pensando no caminho: "É uma longa jornada da terra para o paraíso. Meu mestre deve ter sido recebido por anjos tocando harpas e por belas mulheres dançando. Ele deve ter recebido as mais belas mulheres, porque foi um grande santo, um ascético. Quando ele estava na terra, nunca tocou em nenhuma mulher. Ele nunca sequer permitiu que qualquer mulher entrasse em sua casa. Nunca viu nenhuma mulher face a face; se tivesse de falar com uma mulher, sempre baixava o olhar ou ficava com os olhos fechados. Viveu dentro de uma enorme austeridade! Agora deve estar sendo recompensado".

E ele chegou ao paraíso e viu seu mestre – e, realmente, ele foi recompensado! Estava sentado sob uma árvore, uma bela árvore, uma árvore dourada, com folhas de esmeralda e flores de diamantes – e Marilyn Monroe, totalmente nua, o abraçava. O discípulo caiu aos pés do mestre e disse: "Meu grande mestre, eu estava esperando por isto. Foi merecido! O senhor foi bem recompensado!"

E o mestre disse: "Você é um tolo estúpido! Mantenha sua grande boca fechada – você não cresceu nada. Não entende nada. Ela não é minha recompensa – eu sou o castigo dela!"

Mas essas pessoas gananciosas…

Se você sabe por experiência própria que tudo é fundamentalmente frustrante, que tudo traz apenas uma alegria fugaz, então por que não ser feliz com o momento? Por que pedir que ele dure para sempre?

Eu lhe ensino a alegria do momento. Viva o momento e, o que quer que o momento lhe torne disponível, desfrute-o, celebre-o. Enquanto ele durar, dance! E quando ele se for, seja grato pelo fato de ele ter existido. Por que dizer "nada é fundamentalmente satisfatório – nada é suficiente"? Nada pode ser feito a respeito disso. Isso é assim. É assim que a realidade é, e a realidade não vai mudar sua lei fundamental por causa de você. Ninguém pode ser exceção.

Mas se isso ainda não se tornou sua própria experiência, então você terá de sofrer um pouco mais. Terá de esperar um pouco mais. Quando o entendimento surge, a esperança desaparece. Isso não significa que a pessoa se torne desesperançada; simplesmente significa que a pessoa aceita a vida como ela é, e o que quer que a vida lhe dê, ela aceita com gratidão e não se queixa.

Para conseguir um emprego na ferrovia, Ângelo tinha de passar em um teste. "Suponhamos que dois trens estejam se encaminhando um na direção do outro, a 160 quilômetros por hora no mesmo trilho. O que você faria?", perguntou o gerente de pessoal.

"Eu hastearia a bandeira vermelha e a acenaria para o outro trem parar", respondeu Ângelo.

"Mas você não tem uma bandeira vermelha", disse o homem.

"Então pego a chave de ferro e mudo de trilho."

"Você também não tem uma chave de ferro."

"Bem, nesse caso", decidiu o italiano, "telefono para minha esposa, Maria."

"E o que sua esposa iria fazer com dois trens andando na direção um do outro a 160 quilômetros por hora?", exclamou o homem encarregado da contratação.

"Eu lhe digo para vir para cá, porque ela vai ver a maior confusão do mundo!"

Você pode fazer qualquer coisa que for possível e, quando nada puder ser feito, é melhor telefonar para sua esposa e ver – e desfrutar! Aprenda a desfrutar não apenas dos prazeres da vida, mas também dos sofrimentos; não apenas dos êxtases, mas também das agonias. E a pessoa que puder desfrutar das agonias estará libertada.

O que eu quero?

Ninguém sabe exatamente, porque ninguém sequer está consciente de quem é. A questão do querer é secundária; a questão básica é: quem é você? A partir daí, as coisas podem ser estabelecidas – quais serão seus desejos, suas vontades, suas ambições.

Se você é um ego, então é claro que vai querer dinheiro, poder, prestígio. Sua vida terá uma estrutura política. Você estará em constante luta com as outras pessoas, você será competitivo – ambição significa competição. Estará continuamente lutando contra os outros e eles estarão continuamente lutando contra você. Então a vida se torna o que diz Charles Darwin: a sobrevivência do mais adaptado. Na verdade, seu uso das palavras *mais adaptado* não é correto. O que ele realmente quer dizer por "mais adaptado" é o mais esperto, o mais animalesco, o mais persistente, o mais estúpido, o mais feio. Charles Darwin não dirá que Buda é o mais adaptado, que Jesus é o mais adaptado ou que Sócrates é o mais adaptado. Essas pessoas foram mortas tão facilmente, e as pessoas que as mataram sobreviveram. Jesus não pôde sobreviver. Certamente, segundo Darwin, Jesus não é a pessoa mais adaptada. Pôncio Pilatos é muito mais adaptado, está muito mais inserido no caminho certo. Sócrates não é o mais adaptado, mas as pessoas que o envenenaram, que o condenaram à morte, o são. O uso, por Darwin, da expressão "mais adaptado" é muito infeliz.

Se você está vivendo no ego, então sua vida será uma luta; ela será violenta, agressiva. Você criará infelicidade para os outros e infelicidade também para você, porque a vida de conflito não pode ser nada além disso.

Assim, tudo depende de você, de quem você é. Se você é o ego, ainda pensa em você em termos do ego, então terá certa qualidade mal cheirosa. Ou, se chegou ao entendimento de que você não é o ego, então sua vida terá uma fragrância.

Se você não se conhece, está vivendo na inconsciência. E uma vida de inconsciência só pode ser uma vida de equívocos. Você pode ouvir Buda, pode me ouvir, pode ouvir Jesus, mas vai interpretar segundo sua própria inconsciência – você vai interpretar erroneamente.

O cristianismo é a má interpretação de Jesus; assim como o budismo é a má interpretação de Buda; e como o jainismo é a má interpretação de Mahavira. Todas essas religiões são más interpretações, distorções, porque as pessoas que seguiram Buda, Mahavira, Krishna são pessoas comuns, sem nenhuma consciência. O que quer que elas façam, vão salvar a escrita e matar o espírito.

Um filósofo caminhava por um parque e observou um homem que estava sentado na postura de lótus, com os olhos abertos, olhando para o chão. O filósofo viu que o homem estava totalmente absorvido olhando para baixo. Depois de observá-lo durante um longo tempo, o

filósofo não conseguiu mais se conter, foi até o estranho e lhe perguntou: "O que você está buscando? O que está fazendo?"

O homem respondeu sem desviar o olhar: "Estou seguindo a tradição zen de ficar sentado em silêncio sem fazer nada, e então a primavera chega e a grama cresce sozinha. Estou observando a grama crescer, e ela definitivamente não está crescendo!"

Não há necessidade de ficar observando a grama crescer – mas é isso que sempre acontece. Jesus diz uma coisa, as pessoas a escutam, mas escutam apenas as palavras e dão a essas palavras seu próprio significado.

Uma mãe levou o filho pequeno a um psiquiatra e durante pelo menos três horas contou a ele toda a história do filho. O psiquiatra estava cansado, farto de ouvir aquilo, mas a mulher estava tão absorvida na sua narrativa que não deu nenhuma oportunidade ao psiquiatra para interrompê-la. Era uma frase atrás da outra, sem nenhuma pausa.

Finalmente, o psiquiatra teve de dizer: "Por favor, agora pare! Deixe-me perguntar algo a seu filho!"

E perguntou ao filho: "Sua mãe está se queixando de que você não escuta nada que ela lhe diz. Você tem alguma dificuldade de audição?"

O filho disse: "Não, não tenho nenhuma dificuldade de audição – meus ouvidos estão em perfeitas condições. Mas, no que se refere a escutar, agora o senhor pode julgar por si mesmo. O senhor consegue ouvir minha mãe? Ouvir eu consigo; eu tenho de ouvir. Mas estive observando o senhor – o senhor estava irritado. A pessoa tem de ouvir, mas escutar… pelo menos eu tenho a liberdade de escutar ou não. Se eu escuto ou não, é problema meu. Se ela está gritando comigo, ouvir é uma coisa natural, mas escutar é uma questão totalmente diferente".

Você tem ouvido, e não escutado, e todos os tipos de distorções se acumularam no entorno. E as pessoas continuam repetindo essas palavras sem nenhuma ideia do que estão repetindo.

Você me pergunta: "O que eu quero?" Eu é que deveria estar lhe perguntando isso, em vez de você me perguntar, porque isso depende de onde você está. Se está identificado com o corpo, seus desejos serão diferentes; então o alimento e o sexo serão suas únicas vontades, seus únicos desejos. Esses dois são desejos animais, os mais básicos. Não os estou condenando por chamá-los de os mais básicos. Não os estou avaliando. Lembre-se, estou apenas estabelecendo um fato: o degrau mais baixo da escada. Mas, se você está identificado com a mente, seus desejos serão diferentes: música, dança, poesia; e, além dessas, há milhares de coisas…

O corpo é muito limitado; ele tem uma polaridade simples: alimento e sexo. Ele se move como um pêndulo entre esses dois, o alimento e o sexo; não tem nada além disso. Mas se você estiver identificado com a mente, então a mente tem muitas dimensões. Você pode estar interessado em filosofia, pode estar interessado em ciência, pode estar interessado em religião – pode estar interessado em quantas coisas puder imaginar.

Mas se estiver interessado com o coração, então seus desejos terão uma natureza ainda mais elevada, mais elevada do que a mente. Você se tornará mais estético, mais sensível, mais alerta, mais amoroso.

A mente é agressiva, o coração é receptivo. A mente é masculina, o coração é feminino. A mente é lógica, o coração é amor.

Assim, depende de onde você está fixado: no corpo, na mente, no coração. Esses são os três lugares mais importantes a partir dos quais uma pessoa pode atuar. Mas há também um quarto espaço dentro de você; no Oriente, ele é chamado de *turiya*. *Turiya* significa simplesmente "o quarto, o transcendental". Se você está consciente de sua transcendentalidade, então todos os desejos desaparecem. Então a pessoa simplesmente não tem nenhum desejo, nenhuma indagação a ser satisfeita. Não há futuro e não há passado. Então a pessoa vive apenas o momento, totalmente satisfeita, preenchida. No *quarto*, você se torna divino.

Você está me perguntando: "O que eu quero?" Isso simplesmente lhe mostra que você nem sabe quem você é, onde está fixado. Você terá de pesquisar dentro de si mesmo – e isso não é muito difícil. Se são o alimento e o sexo que ocupam a maior parte de você, então é com eles que você está identificado; se é algo relacionado com o pensamento, então é com sua mente; se está relacionado com o sentimento, então é com o coração. E, é claro, não pode haver o quarto; do contrário a pergunta não seria sequer cogitada!

Assim, em vez de lhe responder, gostaria de lhe perguntar onde você está. Investigue! Onde você está? Que tipo de identificação você tem? Onde está paralisado? Só então as coisas podem ficar claras – e isso não é difícil. Mas acontece repetidas vezes de as pessoas fazerem belas perguntas – particularmente se os indianos forem os questionadores. Eles podem estar paralisados no centro do sexo, mas vão lhe perguntar sobre *samadhi*. Eles vão perguntar: "O que é o *nirvikalpa samadhi*, onde todos os pensamentos desaparecem, toda essa consciência instintiva? O que é isso? O que é o *nirbeej samadhi*, o que é privado de sementes, onde até as sementes de qualquer futuro foram completamente queimadas? Qual é esse estado final em que ninguém precisa retornar à terra, ao útero, à vida novamente?". Essas são apenas perguntas tolas que eles estão fazendo; não são realmente perguntas deles. Eles não estão de modo algum preocupados com sua real situação. Estão fazendo belas perguntas, metafísicas, esotéricas, para mostrar que são seres da mais alta qualidade; que são eruditos, que conhecem as Escrituras, que são investigadores; que não são pessoas comuns, que são extraordinárias, religiosas. Isso está conduzindo os indianos a uma confusão cada vez maior.

É sempre bom perguntar o que é importante para você, em vez de perguntar algo que não é de modo algum de seu interesse. As pessoas me perguntam se Deus existe ou não, e elas nem sequer sabem se elas existem ou não!

Outro dia, um indiano me perguntou: "Por que eu estou aqui?"

E você está realmente aqui? Pergunte a si mesmo se você está realmente aqui. Eu não acho que você esteja aqui. Fisicamente, é claro que você está aqui, mas espiritualmente, *realmente*, você não está aqui. A menos que se livre da ideia de ser um indiano, de ser um hindu, você não pode estar aqui, não pode ser parte de minha comuna. Você carregou todos os tipos de bobagem que estão dentro de você e ainda está ligado a eles.

É sempre bom fazer perguntas realistas, porque elas podem lhe ser de alguma ajuda. Se está sofrendo de um resfriado comum, você vai ao médico e lhe pergunta sobre câncer, porque

como um homem como você pode ter algo tão comum como um resfriado? Toda pessoa comum sofre de resfriado, por isso ele é chamado de resfriado comum. Mas você é uma pessoa incomum – você não é nenhum João, José ou Pedro. Você é muito especial, você tem de sofrer de algo muito especial, e então faz uma pergunta sobre câncer. E se o médico o ajudar na cura do câncer, você terá mais dificuldades ainda – esse tratamento não será de modo algum adequado para você. Ele irá complicar muito mais coisas em você, porque aquelas medicações podem matá-lo se não houver nada sobre as quais elas atuarem; não há nenhum câncer em você, e elas não poderão ser de nenhuma utilidade para um resfriado comum.

Na verdade, para o resfriado comum não há remédio. Se você tomar um remédio, o resfriado comum vai desaparecer em sete dias; se não tomar, ele irá embora em uma semana! Na verdade, é tão comum, que a ciência médica não tem se importado nem um pouco com ele. Quem se importa com coisas tão pequenas? As pessoas estão interessadas em chegar à lua. Com coisas tão pequenas como um resfriado comum ou uma caneta-tinteiro vazando, quem se importa? A caneta-tinteiro ainda vaza! As pessoas chegaram à lua e ainda não conseguiram fazer uma caneta cem por cento garantida, que não vaze.

Olhe dentro de você. Onde está exatamente o problema?

Um general visitando um hospital de base pergunta a um dos soldados acamados: "O que aconteceu com você?"

"Senhor", respondeu o soldado, "eu tive furúnculos."

"Que tratamento recebeu?"

"Eles esfregaram os locais com iodo, senhor."

"E isso ajudou?", perguntou o general.

"Sim, senhor!", respondeu o soldado.

Então o general vai até o soldado do próximo leito e descobre que ele sofre de hemorroidas. Nele, também, esfregaram o local com iodo; ele diz que isso ajuda e que está tudo bem. Então o general pergunta ao terceiro soldado: "O que há de errado com você?"

"Senhor, eu tive uma amigdalite. E esfregaram o local com iodo, e, sim, isso ajudou."

"Você gostaria de alguma outra coisa?", pergunta o general, preocupado.

"Sim, senhor!", respondeu o soldado. "Eu gostaria de ser o primeiro a receber o tratamento."

Primeiro, você tem de enxergar sua situação, onde você está; só então poderá dizer o que quer. Se estiver sendo esfregado com iodo depois desses dois companheiros – um que tem furúnculos e outro que tem hemorroida –, e você só estiver sofrendo de amigdalite, então o problema é claro!

Investigue, procure o exato lugar onde você está. No que me diz respeito, todo desejo é puro desperdício, todo desejo é errado. Mas se você está identificado com o corpo, não posso dizer isso para você, porque isso estará muito distante de você. Se estiver identificado com o corpo, eu lhe direi: passe a ter desejos mais elevados, os desejos da mente, e depois passe para os desejos mais elevados, os desejos do coração, e destes finalmente para o estado de ausência de desejo. Nenhum desejo pode jamais ser satisfeito. Esta é a diferença entre a

abordagem científica e a abordagem religiosa. A ciência tenta satisfazer seus desejos, e é claro que a ciência conseguiu obter sucesso em muitas coisas, mas o homem continua na mesma infelicidade. A religião tenta despertá-lo para esse grande entendimento a partir do qual você pode enxergar que todos os desejos são intrinsecamente impossíveis de serem satisfeitos.

A pessoa tem de ir além de todos os desejos; só então haverá o contentamento. O contentamento não está no fim de um desejo, o contentamento não vai existir pela satisfação do desejo, porque o desejo não pode ser satisfeito. Quando você conseguir a satisfação de seu desejo, verá que outros mil e um desejos apareceram. Cada desejo se subdivide em muitos novos desejos. E repetidas vezes isso vai acontecer, e toda a sua vida será desperdiçada.

Aqueles que conheceram, aqueles que viram, os budas, os acordados, todos concordaram em um ponto. Não é algo filosófico, é factual: o contentamento só existe quando todos os desejos foram abandonados. É com a ausência dos desejos que o contentamento surge dentro de você – na ausência. Na verdade, a própria ausência dos desejos é o contentamento, sua satisfação, sua fruição, seu florescimento.

Assim, passe dos desejos mais inferiores para os mais elevados, dos desejos mais grosseiros para os mais sutis, e depois para os mais sutis ainda, porque a partir do mais sutil o salto será para a ausência de desejo. A ausência de desejo é o nirvana.

Nirvana é uma das mais belas palavras; qualquer língua pode se orgulhar dessa palavra. Ela tem dois significados, mas esses dois significados são como dois lados da mesma moeda. Um significado é a "cessação do ego", e o outro é a "cessação de todos os desejos". Isso acontece de maneira simultânea. O ego e os desejos estão intrinsecamente juntos, são totalmente inseparáveis. No momento em que o ego morre, o desejo desaparece, ou vice-versa. No momento em que os desejos são transcendidos, o ego é transcendido. E não ter desejo é estar desprovido de ego, é saber que a bem-aventurança fundamental é conhecer o êxtase eterno que começa, mas nunca termina.

5

Extraordinariamente comum

Esta é a sua vida, e ela é responsabilidade sua. E a coisa mais importante que lhe pode ser dita é: seja você mesmo. Não leve consigo nenhuma ideia sobre como você deve ser – livre-se de todos os "comos", livre-se de todas as ideologias, livre-se de todos os conceitos, das imagens de como você deveria ser.
Você já é isso! Comece a desfrutar disso que você é, e então esta vida muito comum, de repente, vai se tornar extraordinária. Então esses dias comuns vão ter uma extraordinária poesia, então esses momentos comuns estarão cheios de dança. Então essas pessoas comuns não serão mais pessoas comuns; elas se transformarão em deuses e deusas.

É realmente possível encontrar felicidade na vida cotidiana? Acho a vida muito tediosa. O que devo fazer?

Ela é assim porque você não fez o suficiente. Você tornou a vida tediosa – que feito! A vida é uma incrível dança de êxtase e você a reduziu ao tédio. Você realizou um milagre! O que mais você quer fazer? Não pode fazer nada maior que isso. Vida e tédio? Você deve ter uma enorme capacidade para ignorar a vida.

Outro dia eu estava dizendo que ignorância significa "a capacidade de ignorar". Você deve estar ignorando os pássaros, as árvores, as flores, as pessoas. Do contrário, a vida é tão fantasticamente bela, tão absurdamente bela, que se você conseguir enxergá-la como ela é jamais parará de rir. Continuará sempre rindo – pelo menos por dentro.

A vida não é tediosa, mas a mente sim. E nós criamos uma mente tão enorme, uma mente tão forte, como uma Muralha da China a nosso redor, que ela não permite que a vida entre dentro de nós. Ela nos desconecta da vida. Nós ficamos isolados, encapsulados, sem janelas. Vivendo atrás de um muro de prisão você não vê o sol da manhã, não vê os pássaros voando, não vê o céu na noite cheia de estrelas. E, é claro, começa a pensar que a vida é tediosa. Sua conclusão está errada. Você está em um espaço errado; você está vivendo em um contexto errado.

Você deve ser uma pessoa religiosa, porque para tornar a vida tediosa uma pessoa tem de ser religiosa; tem de ser muito erudita. Tem de conhecer o cristianismo, o hinduísmo, o islamismo. Tem de aprender muita coisa sobre os Vedas, o Alcorão e a Bíblia. Precisa ser muito bem informada. Um homem muito informado, muito erudito, cria uma parede de palavras extremamente grossa – palavras inúteis, palavras vazias – em torno de si, o que o torna incapaz de enxergar a vida.

O conhecimento é uma barreira para a vida.

Livre-se de seu conhecimento! E então olhe com olhos vazios. E a vida será uma constante surpresa. E eu não estou falando de alguma vida divina – a vida comum é tão extraordinária! Em pequenos incidentes você encontra a presença de Deus – uma criança rindo, um cão latindo, um pavão dançando. Mas você não conseguirá enxergar se seus olhos estiverem vendados pelo conhecimento. O homem mais pobre do mundo é aquele que vive atrás de uma cortina de conhecimento.

Os mais pobres são aqueles que vivem através da mente. Os mais ricos são aqueles que abriram as janelas da não mente e abordam a vida com a não mente.

Esta não é apenas a sua experiência; você não está sozinho nela. Na verdade, a maioria das pessoas vai concordar com você. Elas não encontram nenhuma surpresa em lugar algum. E a cada momento há surpresas e mais surpresas, porque a vida nunca é igual; ela está constantemente mudando e dá viradas muito imprevisíveis. Como você consegue permanecer não afetado pela maravilha da vida? A única maneira de permanecer não afetado é ficar apegado a seu passado, a suas experiências, a seu conhecimento, a suas memórias, à sua mente. Então você não consegue enxergar o que ela é; continua perdendo o presente.

Perca o presente e você vai viver no tédio. ESTEJA no presente e ficará surpreso ao ver que não há nenhum tédio. Comece a olhar à sua volta de uma maneira parecida com a de uma criança. Seja uma criança de novo! É isso que a meditação faz; ela o torna de novo criança – há um renascimento, você se torna de novo inocente, desprovido de conhecimento.

Sim, você deve ter se tornado muito alienado da vida, daí o tédio. Você se esqueceu da intimidade, da proximidade. O conhecimento funciona como uma parede; a inocência funciona como uma ponte.

Comece de novo a olhar como uma criança. Vá até a praia e comece de novo a juntar conchinhas. Veja uma criança juntando conchinhas – como se tivesse encontrado uma mina de diamantes. Ela fica totalmente excitada! Veja uma criança fazendo castelos de areia e observe como ela fica absorvida, totalmente perdida, como se não houvesse nada mais importante do que fazer castelos de areia. Veja uma criança correndo atrás de uma borboleta… e seja uma criança de novo. Comece a correr atrás de borboletas. Faça castelos de areia, junte conchinhas.

Não viva como se soubesse. Você não sabe nada! Tudo o que sabe é a respeito de alguma coisa. No momento em que você realmente sabe algo, o tédio desaparece. O saber é uma tal aventura que ali o tédio não pode existir. Com o conhecimento, é claro que ele pode existir; com o saber ele não pode existir.

E deixe-me lembrar-lhe que não estou falando sobre algum conhecimento divino, algum conhecimento esotérico; estou simplesmente falando sobre esta vida. Apenas olhe em volta com um pouco mais de clareza, com um pouco mais de transparência… e vai ver que a vida é hilária.

Uma loja no centro exibia uma placa em sua janela que dizia: COMPRE AMERICANO. Impresso em letras pequenas embaixo estava escrito: MADE IN CHINA.

Comece a olhar em torno com um pouco mais de atenção.

Molly, de 79 anos de idade, queixava-se ao médico de inchaço e dor abdominal. O médico lhe fez um exame físico completo, pediu-lhe uma série de exames de laboratório e então lhe anunciou os resultados.

"O fato, madame", disse o médico, "é que a senhora está grávida."

"Isso é impossível!", disse Molly. "Eu tenho 79 anos e meu marido, embora ainda trabalhe, tem 86!"

O médico insistiu, e a idosa futura mamãe pegou o telefone da mesa dele e ligou para o escritório do marido. Quando ele atendeu, ela gritou: "Seu bode velho, você me engravidou!"

"Por favor", disse o velho com a voz trêmula, "com quem você disse que queria falar?"

O que é importante?

Isso depende de você. Se você me perguntar, para mim é tudo igual. Você pode dizer que tudo é importante ou pode dizer que nada é importante. Ambos significam a mesma coisa.

Tudo é comum ou tudo é extraordinário. O que quer que você queira escolher, seja qual for a palavra que lhe atraia – tudo é importante, tudo, sem excluir nada; ou nada é importante. Ambos significam a mesma coisa, porque, no momento em que tudo é importante ou tudo não é importante, a própria palavra *importante* perde o significado. O significado só permanece se houver algumas coisas que são importantes e algumas coisas que não são importantes, algumas coisas comuns e algumas coisas extraordinárias. Mas se tudo for exatamente importante ou não importante, então a palavra perde o significado.

Minha sugestão é que você pode escolher uma coisa ou outra, porque o resultado final será o mesmo.

Se você tiver uma mente negativa, então a resposta do budista estará perfeitamente certa. Buda diz: "Nada é importante". Então não há nada que possa incomodar. Quando estiver com fome, coma; quando estiver com sede, beba; quando estiver com sono, durma – nada é importante. E isso vai lhe dar uma espécie de relaxamento, uma calma – nada é importante; então, se você tiver sucesso ou falhar dá no mesmo, se você se tornar famoso ou de má fama dá no mesmo, se qualquer pessoa o conhece ou ninguém o conhece não importa. Isso vai lhe deixar relaxado, calmo, num estado tranquilo de ser – e esse é o propósito!

Ou você pode escolher a resposta de Shankara. Ele diz: "Tudo é importante, porque tudo é Deus, até a poeira é divina". Isso também está perfeitamente certo; você pode escolher isso. Então, do mesmo modo, quando estiver com fome, coma, porque isso é importante; e quando estiver com sede, beba, porque isso é importante; e quando estiver com sono, durma, porque Deus está se sentindo sonolento – o Deus que está dentro de você.

Há as duas respostas, as respostas básicas: positiva e negativa. Apenas observe sua própria mente… e veja qual lhe atrai. Há pessoas que são basicamente atraídas para o positivo e outras para o negativo. Sinta sua própria atração, o que o atrai mais. E o que quer que lhe atraia mais pode se tornar seu caminho: "Não" pode se tornar seu caminho, "sim" pode se tornar seu caminho.

O caminho de Kabir é o do sim. O caminho de Buda é o do não. Mas, na verdade, o "sim" e o "não" não são importantes. O importante é a totalidade. Se você diz sim com seu ser total, é a totalidade que liberta. Se você diz não com totalidade, é a totalidade que liberta. Mas tudo depende de você.

Não há algumas coisas rotuladas como importantes e outras coisas rotuladas como não importantes. Uma rosa pode ser importante para um poeta e ser totalmente desprovida de importância para alguém que só está interessado em dinheiro. Para este último, uma cédula, uma nota de cem dólares, é mais importante. Ele vai perguntar: "Qual é a utilidade da rosa?" Na verdade, estará muito preocupado em saber por que as pessoas continuam cantando canções sobre as rosas: "Por que elas não cantam canções sobre notas de cem dólares?"

Quando eu estava na universidade tive um colega que era realmente maníaco por dinheiro; todo o seu interesse estava no dinheiro. Mesmo que uma nota de cem rúpias pertencente a outra pessoa caísse em suas mãos, ele a tocava com tanto amor que você pode nunca ter tocado sua mulher com todo aquele amor – com tal carinho, com mãos tão ternas, como se a nota tivesse vida. E seus olhos brilhavam, velas ardiam em seus olhos quando ele via uma nota – mesmo que fosse a nota de outra pessoa. Uma nota é uma nota! E tudo em que ele pensava era em dinheiro: como ter mais dinheiro?

E então há aquela história sobre o náufrago inglês. Quando ele sai da água para a praia de uma ilha remota, é saudado por outro homem que está de pé sob a sombra de uma palmeira.

"Prazer em conhecê-lo", diz o homem, e então pergunta: "Eton?"

"Sim", responde o recém-chegado.

"Oxford?"

"Sim."

"Guarda Real?"

"Sim."

"Homossexual?"

"Não."

"Que pena!"

Depende de você o que é importante. Como eu posso dizer o que é importante? Para mim, nada é e tudo é.

Minha experiência de mim mesmo é a experiência mais profunda de minha vida. É também a mais trivial.
Por favor, me esclareça isso.

A questão é realmente importante. A questão surgiu de um insight, quase um mini-satori.

É como a vida é, profunda e trivial ao mesmo tempo, simultaneamente. Não há contradição na profundidade da vida e na sua trivialidade. Foi-lhe ensinado que o sagrado está distante e nunca é o profano. Foi-lhe ensinada uma distinção entre o profano e o sagrado, entre o profundo e o trivial. Na verdade, não há distinção. O trivial é o profundo, o comum é o

extraordinário, e o temporal é o eterno.

Assim, esse é um grande insight. Não perca a visão dele. A maior possibilidade é que você a perca, mas isso irá contra a corrente. Todo o seu treinamento foi tal que você está sempre dividindo: em bom e mau, em puro e impuro, em perfeito e imperfeito, em virtude e pecado, em sagrado e profano. Você sempre fez essas distinções, e por causa das distinções você perdeu a realidade daquilo que existe.

Este pássaro cantando no jardim e Cristo falando para você não são diferentes. Uma folha caindo da árvore e uma palavra saindo dos lábios de Buda não são diferentes. Até a poeira é divina. A distinção é feita pelo homem, é um truque da mente. E por causa dessas distinções, dessas categorias, nunca estamos juntos, nunca podemos estar juntos. Como você pode ficar junto se cria um abismo tão intransponível entre o profundo e o trivial? Assim você vai achar que toda a sua vida é trivial. Comer, beber, dormir, andar, ir para o escritório ou para a fazenda – tudo é trivial.

Então onde você encontrará o profundo? Na igreja, no templo, às vezes rezando e meditando, às vezes me ouvindo? Então o profundo não será muito em sua vida, e o profundo será, de certa maneira, falso. Ele não permeará toda a sua vida. Ele não estará ali sempre com você. Ele não o envolverá como um clima. Às vezes você terá de fazer um esforço para ter essa qualidade de profundidade, e repetidas vezes irá perdê-la. E irá se tornar dividido, esquizofrênico; você se tornará dois, dividido, e começará a se condenar.

Sempre que vir algo trivial irá se condenar, que "eu sou apenas trivial, comum". E sempre que vir algo profundo começará a se sentir mais sagrado do que é; vai começar a se sentir muito egoísta. Ambos são perigosos.

Sentir que você é trivial é uma condenação. Isso cria um complexo de inferioridade. Isso o conduz à tristeza. Obriga-o a permanecer deprimido. E, naturalmente, você não consegue amar a si mesmo. Você é tão trivial, é tão comum; como pode se amar? Você está muito longe do ideal de perfeição. Então surge uma grande condenação em seu ser, e, no momento em que você se condena, está no inferno. Então ninguém consegue tirar você dele. Mesmo que alguém chegue e diga que você é bonito, você não confiará nele. Pensará que ele está tentando enganá-lo, suborná-lo. Está tentando explorá-lo. Como você pode ser bonito? Você se conhece melhor do que ele o conhece. Você não é bonito; você é feio. Você é a pessoa mais feia do mundo.

Por causa dessa condenação, o amor não vai acontecer. Como você pode amar alguém se está se sentindo tão condenado em si mesmo? E como pode permitir que alguém o ame se está se sentindo tão condenado? O amor é impossível. Quando você vive na autocondenação, vive no inferno. O inferno não está em algum outro lugar: está na sua atitude; essa é uma atitude condenatória.

Quando você se aceita e desfruta de si mesmo, você está no céu. O céu é também uma atitude. E você pode sair do céu e do inferno no momento que decidir! E você continua se movendo; oscila entre o céu e o inferno. Entenda que isso é uma criação sua.

Então, se você se sente condenado devido à sua trivialidade, estará no inferno. E às vezes vai começar a se sentir muito sagrado porque fez algo grandioso. Salvou uma vida – alguém estava se afogando no oceano e você o salvou, e uma criança estava presa em uma casa em

chamas e você pulou lá dentro e arriscou sua vida, fez algo grandioso – então se sente muito egoísta. O ego é de novo o inferno.

Sentir-se superior é estar no inferno; sentir-se inferior é estar no inferno. Livrar-se de toda a superioridade, de toda a inferioridade, e simplesmente ser é estar no paraíso.

A ideia de condenação é também orientada pelo ego. As pessoas têm ideais impossíveis. Na outra noite Vishnu veio aqui; ele escreve repetidas vezes que "eu não sou perfeito; o que devo fazer?", que "eu sou imperfeito", que "qualquer coisa que eu faça é imperfeita". Ele está se torturando porque ele é imperfeito. Mas quem não é imperfeito? A própria ideia de que "eu devo ser perfeito" é muito egoística. O próprio esforço é egoístico. Ninguém é perfeito.

Na verdade, por sua própria natureza a perfeição não pode existir. Ser perfeito significa estar morto. Quando você é perfeito não haverá evolução. Então como você pode sobreviver? Para quê? Se Deus é perfeito então Deus está morto. Se Deus é imperfeito, só então ele está vivo e pode ser vivo.

Eu prego o Deus imperfeito e prego a existência imperfeita, e prego a beleza da imperfeição e a vida de imperfeição. A própria ideia de que "eu tenho de ser perfeito", de que "não deve haver falha na minha vida", é egoística. E certamente você vai encontrar mil e uma falhas.

Então, por um lado você está em uma viagem do ego, o que cria problemas, o torna infeliz, porque você não é perfeito; e por outro lado a mesma viagem cria condenação. Você quer ser superior e sabe que é inferior: ambos são dois lados da mesma moeda. Você continua no inferno.

Desfrute de sua imperfeição. Desfrute de como você é.

E livre-se de todas as distinções entre o sagrado e o profano, o pecado e a virtude, o bem e o mal, Deus e o diabo. Destrua todas essas distinções. Essas são as armadilhas em que você fica capturado. Essas são as armadilhas que não lhe permitem viver, não permitem a sua liberdade. Você não consegue dançar. Um pé está preso na inferioridade, o outro pé está preso na superioridade. Você está acorrentado. Como pode dançar? Livre-se de todas essas correntes.

Eis o que as pessoas do Zen dizem: "Uma distinção de um fio de cabelo, e o céu e o inferno ficam separados". É isso que Tilopa diz. Uma pequena distinção, a distinção de um fio de cabelo, e o céu e o inferno ficam separados e você fica preso na dualidade. Se não há distinção, você está livre. Ausência de distinção é liberdade.

O que eu ensino é a profundidade do trivial e a trivialidade do profundo.

Comer é um ato trivial se você olha de fora. Se você olha de dentro é um ato profundo, um milagre – que você possa comer pão e o pão ser transformado em sangue, se tornar sua carne, se tornar seus ossos, se tornar até sua medula. Você come pão e o pão se torna seus pensamentos, seus sonhos. É um milagre. É a coisa mais profunda que está acontecendo. Quando você está comendo, isso não é uma coisa trivial. Deus está em ação. Comer é um ato criativo. Enquanto você mastiga pão, está criando vida, involuntária e inconscientemente. Você está tornando mil e uma coisas possíveis. Amanhã você pode pintar: e esse pão que você comeu se torna pintura. Amanhã você pode cantar, ou neste exato momento você pode fazer

algo que não seria possível se não houvesse o pão.

A prece cristã é bela; ela diz: "Deus, dai-nos o pão nosso de cada dia". Parece muito trivial! O que Jesus quer dizer quando fala: "Reze todos os dias, 'dai-nos o pão nosso de cada dia'"? Ele não poderia pensar em nada mais profundo? Pão? Basta você mudar a palavra *pão* e dizer todos os dias em sua prece, "Senhor, dai-nos o chá nosso de cada dia", e você verá como isso parece tolo. Mas o pão, o chá ou o café… ou a Coca-Cola! Sim, a Coca-Cola também é divina.

Tudo é divino – porque como poderia ser diferente?

A prece diz: "Dai-nos o pão nosso de cada dia". Está elevando o trivial para o profundo. É uma grande declaração. Os hindus dizem *Annam Brahma* – "O alimento é Deus". Elevam o trivial para o profundo. Olham tão profundamente para o trivial que ele se transforma no profundo.

Você está tomando uma ducha. Isso é trivial, uma coisa que se faz todos os dias, mas pode se tornar profundo. Olhe bem no fundo disso. Ficar de pé debaixo do chuveiro e deixar a água fluindo, e o corpo se sentir renovado, jovem e vivo – a água é uma bênção. Porque somos feitos de água – um ser humano é quase 80 por cento de água, e o primeiro vislumbre de vida aconteceu no mar. A primeira coisa que existiu foi o peixe, e mesmo agora, no útero da mãe, a criança flutua na água do mar, com quase os mesmos ingredientes, a mesma salinidade. Isso porque quando uma mulher engravida ela começa a comer mais sal; ela necessita de mais sal porque a criança necessita de água do mar em torno dela. A criança ainda é um peixe no início, no estágio primário. Água é vida, e, quando você está tomando uma ducha, ela está chovendo sobre você – 80 por cento de vida está chovendo sobre você, o elemento mais necessário para a vida. Nenhuma vida é possível sem água. Estas árvores não estarão ali se não existir água. E estes pássaros não cantarão, e estes animais não mais estarão ali, e os homens não existirão. Toda a vida desaparecerá se a água desaparecer.

Há uma profunda experiência quando você é tocado pela água. Você pode torná-la muito profunda! Isso depende de você, de como você vive a experiência. Ela pode se tornar uma meditação, uma prece. Você pode se sentir grato porque Deus é grandioso, porque a água ainda está disponível.

Respirar é tão trivial, por que se incomodar com isso? Mas a respiração é sua vida. Todas as línguas têm palavras para "vida" que realmente significam "respiração". O sânscrito tem *prana* para "vida"; significa "respiração". A palavra *soul*, em inglês, significa "respiração"; a palavra *psique* significa "respiração".

E a Bíblia diz que Deus fez o homem e soprou a vida para dentro dele. A vida começou pela respiração para dentro do homem; do contrário, o homem seria apenas pó. *Adão* significa "pó", "terra". Deus fez Adão do barro. *Adão* é a palavra hebraica para "terra". Então Deus soprou a vida para dentro dele.

E é assim que a vida sempre acontece. Uma criança nasce e a primeira coisa que esperamos ansiosamente é que ela chore. Por quê? Porque só através do choro ela vai começar a respirar. Durante dois ou três segundos até o médico não consegue respirar, a enfermeira não consegue respirar. Quem sabe se a criança vai ou não respirar? Ela pode não

respirar. Se ela não respirar, então não haverá vida. Se ela respirar haverá vida. O mesmo ainda acontece como aconteceu com Adão: Deus respira na criança, em cada criança.

Deus é a força invisível, a energia de vida que o cerca. Ela entra dentro de você através da respiração, e no dia em que você morre vai morrer através da expiração. Você começa a vida com a inspiração e termina a vida com a expiração; então você não vai mais respirar. Novamente Adão é Adão, novamente o pó é pó, pó dentro do pó.

Respiração é vida, mas você olhou dentro dela? De pé sob o sol da manhã, respire. É Deus que você está respirando. E então a respiração se torna profunda. É a sua atitude.

O trivial e o profundo não são duas coisas separadas. Elas são uma só, estão juntas, são dois aspectos de uma energia. Sua vida é trivial se você não olhar no fundo dela. Se começar a olhar no fundo dela, sua vida fica profunda.

Portanto, é um grande insight. Você disse: "Minha experiência de mim mesmo é a experiência mais profunda de minha vida. É também a mais trivial. Por favor, me esclareça isso". Não fique confuso. Não há nada a esclarecer. É como a vida é. O trivial é o profundo.

A questão surge porque a pessoa devia estar pensando que o trivial e o profundo são contradições. Não, eles não são contraditórios; são complementares. O trivial oculta o profundo. O trivial funciona como uma capa, como uma crosta; ele protege o profundo. É quase como uma semente. A semente está protegendo a possibilidade da árvore. Essa possibilidade é muito delicada; a semente é dura. A semente dura, a crosta dura da semente, está protegendo a mais delicada possibilidade das flores, de uma grande árvore. E a semente vai protegê-la até a semente encontrar o solo certo. Então a semente desaparece, então o revestimento desaparece, então a crosta dura se dissolve na terra e a vida delicada surge.

O profundo está oculto no trivial, e por isso parece profundo. Onde há o trivial há o profundo. Não escape do trivial; do contrário, você vai escapar do profundo. E não procure o profundo em oposição ao trivial; do contrário jamais o encontrará.

George Gurdjieff disse: "Você está preso. Se quiser sair da prisão, a primeira coisa que precisa fazer é entender que está na prisão. Se achar que está livre, não conseguirá escapar". Quais são as prisões que eu chamo de "lar"?

George Gurdjieff é um dos mestres mais importantes desta era. Ele é único de muitas maneiras – ninguém disse coisas no mundo contemporâneo da maneira que Gurdjieff as disse. Ele é quase outro Bodhidharma ou Chuang Tzu, algo aparentemente absurdo, mas na verdade dando grandes indicações para a libertação da consciência humana.

Você está perguntando sobre uma de suas declarações importantes. Ele costumava dizer com frequência: "Você está na prisão". Às vezes era ainda mais profundo na realidade, e, em vez de dizer "Você está na prisão", ele dizia "Você é a prisão". Isso é mais verdadeiro.

Se você quer sair da prisão – ou, melhor dizendo, se você não quer ser uma prisão –, a primeira coisa que precisa fazer é entender que você está na prisão… ou que você é a prisão. Isso é algo para ser sempre lembrado como um dos princípios básicos para qualquer buscador

da verdade.

A tendência da mente humana é negar aquelas coisas que são feias, esconder aquelas coisas que ela não quer que os outros saibam – esconder de tal maneira, em tais profundidades do inconsciente, que nem ela mesma se torne consciente delas. Dessa maneira ela mantém sua personalidade superficial.

Gurdjieff tem uma história sobre isso:

Havia um mágico que costumava viver numa floresta profunda e distante, e ele tinha muitos carneiros, porque este era seu único alimento. Naquela floresta profunda, ele mantinha os carneiros para matá-los e comê-los, um por um. Naturalmente, os carneiros tinham muito medo do homem, e costumavam correr para dentro da floresta, temerosos de que qualquer dia fosse seu dia. Seus amigos morreram, não há confiabilidade… Amanhã eles podem morrer. Por medo, eles costumavam ir para bem longe, para as profundezas da floresta. E encontrá-los era uma tediosa tarefa cotidiana.

Finalmente, o mágico fez um truque. Ele hipnotizou todos os carneiros e disse a cada um deles: "Você é uma exceção; todos podem ser mortos, mas você nunca será morto. Você não é um carneiro comum; você tem um privilégio divino".

A alguns ele disse: "Vocês não são carneiros; vocês são leões, vocês são tigres, vocês são lobos. Só os carneiros são mortos. Vocês não precisam se esconder na floresta; isso é muito embaraçoso. Onde já se viu um leão se escondendo na floresta com medo de ser morto? Só os carneiros são mortos".

E assim ele conseguiu hipnotizar todos os carneiros de diferentes maneiras.

Ele até disse a alguns carneiros: "Vocês são homens, seres humanos, e os seres humanos não matam um ao outro. Vocês são iguais a mim. Nunca tenham medo e nunca fujam por medo". Desde esse dia nenhum carneiro fugiu para se esconder na floresta, embora todos eles vissem todos os dias que um carneiro estava sendo morto, abatido. Mas naturalmente todos pensavam: Esse deve ser um carneiro; eu sou um tigre, um leão, um ser humano. Sou especial e excepcional, tenho um privilégio divino… Foram muitas as diferentes histórias que ele colocou na mente dos carneiros.

Gurdjieff diz que, a menos que você entenda esta primeira coisa – que você está na prisão, que você é a prisão –, não há esperança de liberdade. Se você já acredita que é livre, você é um carneiro que acredita ser um leão – excepcional, sem necessidade de ter medo –, ou acredita até que é um ser humano. O carneiro continua vendo outros sendo mortos e ainda permanece em um estado hipnotizado, nunca tomando consciência de sua realidade. Ser livre, se você já sabe que é livre, não é nenhum problema.

Todas as religiões juntas, talvez não intencionalmente, criaram um tremendo estado hipnótico. As pessoas acreditam que têm uma alma imortal. Não estou dizendo que não tenham. Estou simplesmente dizendo que elas não sabem em quê estão acreditando. E pelo fato de acreditarem que têm uma alma imortal, nunca descobrem que já a têm. Foi-lhes dito: "Vocês são o verdadeiro Reino de Deus". E é muito confortável e muito consolador acreditar nisso. Mas então não há como buscar, buscar e descobrir se sua crença hipotética tem em si alguma verdade, ou é apenas um truque hipnótico usado pela sociedade para mantê-lo sem

medo da morte, para mantê-lo sem medo da doença, da velhice, para mantê-lo sem medo de sua solidão.

Seu Deus pode ser apenas uma hipnose psicológica. Não é uma descoberta sua – isso é absolutamente verdade. Foi implantado em sua mente, e, como você continua acreditando nisso, sua crença impede qualquer aventura em busca da verdade.

Em geral tem lhe sido dito continuamente que, a menos que você acredite, não vai encontrar. Mas a verdade é exatamente o contrário. A crença é uma barreira, não é uma ponte. Aqueles que acreditam nunca encontram, porque nunca começam sequer a buscar; não há necessidade. Você está na prisão e acha que está livre. Você está acorrentado, mas acha que as correntes são ornamentos. Você é um escravo, mas lhe disseram que você é humilde, que é simples, que essa é a maneira que uma pessoa religiosa deve ser.

Você está cercado por muitas estratégias hipnóticas desenvolvidas pela sociedade no correr do tempo. E essas estratégias hipnóticas são a causa básica de sua ignorância, de sua infelicidade, de seu estado não iluminado.

Por isso, a primeira coisa a ser entendida é que você está na prisão. No momento em que você reconhece que está na prisão, não consegue tolerar a prisão. Ninguém pode tolerá-la; isso vai contra a dignidade humana. Você vai começar a encontrar maneiras de se livrar dela. Vai começar a encontrar pessoas que já saíram dela. Pode começar a buscar ajuda lá fora, além dos muros, porque há pessoas além dos muros preparadas com todo tipo de ajuda. Mas, se você acredita estar vivendo em absoluta liberdade, elas são totalmente impotentes.

Se você acredita que esta prisão é seu lar, então é claro que é uma absoluta bobagem pensar em se livrar dela. Você acha que o muro que o mantém prisioneiro é uma proteção. Então não há motivo para fazer um buraco no muro e sair, encontrar uma escada ou pedir alguma ajuda do lado de fora. Uma corda pode ser atirada do lado de fora, uma escada pode ser conseguida do lado de fora, mas isso só é possível se a coisa básica, que você está na prisão, for reconhecida. George Gurdjieff estava consistentemente insistindo: "Este é um entendimento básico. Sem ele, não há progresso rumo à iluminação. Se você acha que é livre, não pode escapar".

"Quais são as prisões que eu chamo de 'lar'?" Todos os supostos lares não são nada além de prisões, porque eles não lhe proporcionam liberdade; só lhe dão segurança, proteção, e em troca disso levam embora seu próprio ser, sua liberdade, sua alegria, sua dança. Mas certamente lhe proporcionam segurança, proteção – e naturalmente você tem de pagar por isso.

O preço que se tem de pagar é imensamente grande em comparação com o que você recebe. Você tem de vender sua própria alma. Mas então qual a razão da segurança e da proteção? Você estava buscando segurança e proteção para seu ser, e na própria busca vendeu seu ser. Agora está seguro e protegido, mas qual a razão disso? Para quem é a segurança e a proteção? Ela não serve para você, serve para aqueles que conseguiram convencê-lo de que, "se você entregar sua alma, seu ser, nós vamos tomar conta dele – e então você não precisa ficar preocupado; nós somos responsáveis por sua segurança e proteção".

No momento em que você abre mão de sua responsabilidade, abre mão de tudo.

Então é apenas uma casca vazia, sem nenhum significado e sem nenhuma essência. Seu lar

não é nada além de uma bela prisão feita por você, decorada por você. Você acha que ele o está protegendo, mas o está destruindo. Certamente ele o protege dos ventos e o protege do sol, mas em troca dessas trivialidades ele o destrói completamente. Você perdeu toda a alegria, perdeu toda a liberdade, perdeu todo o sentido de direção.

Você perdeu o próprio propósito para o qual está aqui. Você se perdeu em seu próprio lar. Tornou-se tão preocupado com a mobília e com as decorações que se esqueceu completamente de você. Esse esquecimento é uma espécie de sono psicológico profundo.

Sua esposa, seu marido, seus filhos – ninguém é seu. Todos são relacionamentos arbitrários, construídos pelo homem – nem seus próprios filhos são seus. Eles vieram através de você, mas não lhe pertencem. Você pertence ao passado; eles pertencem ao futuro. Não há conexão, não há relacionamento; por isso, quando o homem se tornou mais inteligente, começou a existir um grande abismo entre as gerações.

Um grande romancista russo, Turgueniev, escreveu um livro – talvez seu melhor livro, sua obra-prima –, *Pais e filhos*. O livro todo é sobre a luta entre os pais e os filhos, porque os pais gostariam que os filhos fossem apenas suas réplicas. Naturalmente, não permitirão aos filhos nenhuma liberdade. Esperam obediência; esperam que seus filhos sejam suas cópias carbono.

Até Deus, o Pai, esperava obediência e nada mais; que dirá então os pais comuns? Ele ficou zangado por causa da desobediência, e sua raiva foi grande demais em comparação com a desobediência. A desobediência foi criada por ele. Ele a provocou; ele criou a curiosidade nos filhos, Adão e Eva, de comer de algumas árvores, proibindo-os – essa é a maneira mais fácil.

Eu morava num lugar; bem perto de mim havia uma casa muito bonita, com um jardim e uma área muito grandes, com um grande muro cercando em volta. E na Índia esses locais são usados como urinol. Um bom muro… E imediatamente você sente vontade de urinar. E o dono da casa ficou muito zangado. Ele era um general reformado. Perguntou-me o que fazer: "É estranho, porque há tantas casas, mas as pessoas continuam urinando em volta da minha".

Eu perguntou: "A razão disso é que você não pôs nenhum aviso".

Ele disse: "Que tipo de aviso?"

Eu lhe disse: "Coloque alguns avisos espalhados por todo o muro, 'Não Urine Aqui'".

Ele disse: "Essa é uma boa ideia!"

Ele chamou um pintor e mandou escrever por todo o muro, com letras grandes: "Não Urine Aqui". E, a partir daí, qualquer um que passasse por ali tinha de urinar! Aquilo era um convite; do contrário, as pessoas não se lembrariam disso. Mas "Não Urine"… e de repente as pessoas achavam que aquele era o lugar certo. E era possível ver muitas marcas onde as pessoas já haviam urinado. E o aviso no muro certamente mostra que o proprietário sabe que as pessoas urinam ali; do contrário, qual a necessidade de colocar o aviso?

Em uma das principais cidades da Índia, Bhopal, fiquei surpreso ao saber que as pessoas têm de colocar pequenos avisos até mesmo em suas salas de estar – "Não Cuspa Aqui" – porque essa é a única cidade na Índia em que as pessoas cospem em qualquer lugar. Mesmo na sua sala de estar, esta é uma prática comum. E esses avisos não impedem ninguém de cuspir.

Quando vi isso, disse ao médico que me hospedava. “Nunca vi lugar nenhum na Índia com essas instruções. E aqui na sua cidade, em toda casa… Como isso começou?”

Ele falou: “Não sei”.

Eu disse: “Alguém deve ter sido o primeiro a colocar um aviso; as cuspidas devem ter vindo depois”. É uma tentação.

No Jardim do Éden, com tantas árvores… e Deus indicou uma determinada árvore. “Esta é a árvore do conhecimento. Ninguém pode comer o fruto dela”. Não havia necessidade de nenhuma serpente para convencer Eva. O próprio Deus a convenceu; ele é a serpente. E então o castigo por isso foi inacreditável. Até hoje estamos sofrendo porque Adão e Eva desobedeceram!

As religiões criaram todos os tipos de crimes na mente do homem, pelo simples fato de proibi-los. Também criaram ideias que impedem o homem de realizar qualquer busca. Elas dizem: “Acreditem”. E a crença é barata. Você não tem de fazer nada.

Gurdjieff teve de ir a tal extremo que começou a dizer às pessoas: “Vocês não têm alma. Essa é uma ideia errada, implantada dentro de vocês pelas religiões – que todo mundo tem uma alma”.

Ele teve de dizer tal coisa simplesmente para você acordar e procurar ver se isso é ou não verdade; do contrário, todos ficariam perfeitamente adormecidos. Qual é a necessidade de buscar? Você já tem a verdade; Deus está em você! Então, faça outras coisas que, se não fizer, não vai conseguir – tornar-se presidente, primeiro-ministro, tornar-se o homem mais rico do mundo, conquistar o mundo… –, porque essas coisas não acontecerão por si sós. No que diz respeito a Deus, você já o tem; ele está dentro de você; portanto, não tem de procurá-lo em lugar nenhum. Qualquer dia, qualquer dia chuvoso em que você não pode ir a lugar nenhum para conquistar o mundo, e não tem nada mais para fazer – lavar seu carro, desmontar seu relógio, seu rádio ou sua televisão, mesmo que eles estejam funcionando perfeitamente bem, mas você não tem mais nada para fazer… –, qualquer dia desses, quando não tem outra coisa para fazer, você pode encontrar Deus. Ele está dentro de você, no seu bolso.

Gurdjieff talvez seja o único homem em toda a história que insistiu, contra todas as religiões, que o homem não tem uma alma – que uma alma tem de ser criada, e então você passa a tê-la. Você não nasce com ela, nasce apenas com a possibilidade. Se fizer um grande esforço, talvez possa consegui-la. Do contrário, a maioria das pessoas nasce e morre; não há alma que sobreviva.

Ele estava dizendo uma mentira misericordiosa. Ele não estava certo, mas não posso dizer que ele estava contando aquela mentira por qualquer outra razão além de compaixão. É verdade que você nasce com a alma, mas ela se torna um fato tão aceito que você nem olha para dentro de si. Alguém precisa abalar sua ideia de que você nasceu com uma alma e lhe dizer que dentro de você há apenas vazio. Talvez isso possa abalá-lo, acordá-lo. Talvez isso possa lhe dar a ideia de olhar para dentro de si pelo menos uma vez, para ver se há uma alma ou se você foi enganado.

E George Gurdjieff ajudou mais gente do que qualquer outra pessoa, porque criou um grande anseio: “Não morra antes de ter criado uma alma; do contrário, nada irá sobreviver à

morte. Consolide seu ser para que a morte não possa destruí-lo. Mas você não nasceu com ela, você tem de criá-la".

A ideia de todas as religiões, embora verdadeira, não foi útil; tornou-se um impedimento. A compaixão de Gurdjieff é grande. Todas as religiões foram contra ele, obviamente, porque este é o único ponto em que todas concordam – que todos nascem com uma alma. A questão de Gurdjieff é mais psicológica e mais eficaz na criação da libertação. Ele diz que você é vazio e permanecerá vazio a menos que se esforce, com uma vontade determinada, para criar um centro dentro de você. Há uma possibilidade, potencial, mas você tem de torná-la uma realidade.

Seu insight foi magnífico.

E depois de Gurdjieff as pessoas se esqueceram completamente disso. Ele estava vivo poucas décadas atrás e, dentro desses poucos anos, as pessoas esqueceram o grande professor que foi compassivo o bastante até para mentir, apenas para abalá-las, apenas para criar uma abertura dentro delas para que elas pudessem começar a buscar se o que todas as religiões dizem tem em si alguma verdade ou não.

A primeira coisa que ele diz é para você entender que está em uma prisão. A primeira coisa que também pode ser dita é que você tem de entender que ainda não existe. Você tem de existir. Você é uma semente, mas tem de encontrar o solo certo, e ninguém pode fazer isso por você. Se continuar dependendo de sacerdotes e de seus supostos santos, perderá essa grande oportunidade que a vida lhe deu. E ninguém sabe se lhe será dada uma segunda chance. Tem de ficar enfaticamente claro para você que há uma possibilidade – uma vez perdida, você a perdeu para sempre.

Gurdjieff criou um grande tumulto em algumas pessoas inteligentes e as colocou no grande trabalho de se encontrar. Não concordo com George Gurdjieff no que se refere a seus métodos, mas no que se refere à sua declaração concordo totalmente. Ela é simplesmente um fato psicológico.

Há pessoas que acreditam ser inteligentes. Na verdade, é muito difícil encontrar alguém que se ache não inteligente. Se você encontrar alguém que não se ache inteligente, há uma possibilidade de ela ser inteligente. Mas a todos aqueles que já acreditam ser inteligentes, você não pode ajudá-los. E certamente toda essa humanidade não é inteligente. Suas ações mostram isso, seu comportamento mostra isso, sua infelicidade mostra isso – mostram nada além de seu retardo mental.

Mas eles acreditam ser gênios – a vida apenas não está lhes dando as oportunidades certas para mostrarem seus talentos; do contrário, poderiam ter sido Picasso, Sartre, Bertrand Russell ou Martin Buber; não há problema. Isso só não aconteceu porque a vida os está impedindo; do contrário, teriam tudo. Não é assim.

Hoje em dia a educação é universal, particularmente nos países avançados, mas nem mesmo a educação universal cria gênios. Todos são educados, mas nem mesmo isso lhes dá o mesmo talento. O homem está vivendo em uma espécie de estado de semidespertar e semissono, e é muito fácil acreditar que você é grande – grande em inteligência, grande em beleza, grande em tudo – em vez de encontrar a grandeza, criar a grandeza, pois isso vai

requerer esforço, um tremendo esforço. E a iluminação é a inteligência suprema. Se você já acredita ser inteligente, você se impediu de crescer.

Observe exatamente onde você está.

Seja muito imparcial ao se julgar.

Veja exatamente, mesmo que o magoe, que você é um escravo – de alguma ideologia política, de alguma teologia religiosa, de alguma estupidez racial. Apenas observe e seja muito imparcial e objetivo a respeito de si mesmo, e encontrará o que Gurdjieff chama de suas prisões. E, uma vez que reconheça suas prisões, não será difícil sair delas, porque elas são suas próprias criações.

Bernstein morreu e foi para o inferno. O recepcionista lhe perguntou: "Para onde você quer ir?"

"Eu posso escolher?", perguntou o surpreso Bernstein.

"É claro! Esta antessala é cercada de portas fechadas. Basta escutar em cada uma e decidir em qual você quer entrar."

Bernstein escutou na primeira porta e ouviu horríveis gritos de agonia. Foi até a segunda, depois até a terceira – sempre ouvindo gritos, choros e berros. Finalmente, na sétima porta, não ouviu nada senão suaves murmúrios.

Ele disse rapidamente: "Vou entrar nesta".

A porta se abriu totalmente e ele foi atirado lá dentro. Viu-se enterrado até o lábio inferior em um vasto mar de merda. Junto com ele havia milhões de outros, na ponta dos pés, murmurando, "Não se mexa! Não faça marolas!"

O que quer que você tenha feito de sua vida foi sua própria escolha. Mesmo no inferno você tem uma escolha – em toda parte você tem uma escolha. Sua vida é sua própria criação. Uma vez que reconheça isso, toda mudança é possível.

O comentário de Churchill sobre o homem foi: "O homem vai ocasionalmente tropeçar na verdade, mas na maioria das vezes ele vai se levantar e continuar na mesma". O homem é um animal muito estranho, o mais estranho de todos os animais que você vê. Ele continua acreditando em coisas que não existem, continua acreditando em coisas que ele não tem. Ele nunca faz nenhum esforço, nem para descobrir uma coisa muito fundamental: quem ele é, de onde ele vem, e qual é seu destino, para onde ele está indo.

As pessoas discutem todos os tipos de coisas e leem sobre todos os tipos de coisas, mas em geral nunca se preocupam consigo mesmas. Parece que elas se aceitam como algo terminado, e é isso que Gurdjieff quer parar: não se tome como algo terminado. Olhe para dentro de si, busque quem você é, e busque se você existe ou se há apenas vazio dentro de você e algo tenha de ser feito para fazer a semente brotar, para cuidar da semente para que um dia ela possa desabrochar.

Afundado pouco à vontade nas profundezas da poltrona do psiquiatra, o paciente suspirou: "Doutor, eu tenho um problema". Afrouxou o colarinho e prosseguiu: "Coloquei um filho em Harvard e outro em Yale. Eu os presenteei com duas Ferraris exatamente iguais. Tenho uma mansão na Quinta Avenida e uma casa de verão em East Hampton, além de uma grande fazenda

na Venezuela".

"Bem", sorriu o psiquiatra, obviamente impressionado, "ou eu deixei escapar algo ou você realmente não tem um problema."

"Doutor", resmungou o sujeito atormentado. "Eu só ganho 75 dólares por semana."

Naturalmente você terá problemas! Você ganha 75 dólares por semana e imagina todas essas coisas: duas Ferraris, dois filhos – um em Harvard e um em Yale –, uma mansão num bairro de classe alta, uma grande fazenda na Venezuela, e 75 dólares por semana! As pessoas criam seus problemas. As pessoas estão totalmente pobres em sua consciência e continuam acreditando que o Reino de Deus já está dentro delas. Com uma consciência deficiente você só pode ter um Deus muito pobre – 75 dólares por semana. Seu Deus é tão rico quanto a sua consciência, porque Deus é outro nome para a sua consciência.

*. Os monges hindus são tradicionalmente chamados de *sannyasin* (saniássin). (N.T.)

* A expressão utilizada em inglês é *brown bags*, termo utilizado para se referir à prática de levar comida ao trabalho ou a reuniões externas em sacos de papel marrom, o mais comum nos EUA. (N. T.)

* Pessoas floridas, em tradução literal. (N.T.)

Epílogo
A mina de seus tesouros está dentro de você

O que você acha da frase "Sem utopias, nada vai melhorar"? Isso é uma bobagem?

Não é.

"Sem utopia, nada vai melhorar" é uma verdade fundamental. Utopia significa simplesmente que não estamos satisfeitos com a sociedade em que vivemos; que estamos totalmente frustrados com a estrutura que nos tem sido imposta; que há um enorme descontentamento com relação a tudo. Utopia é simplesmente um desejo de encontrar uma sociedade melhor, uma humanidade, um sistema educacional melhor, uma união melhor, uma situação de relacionamento melhor entre o homem e a mulher, entre pais e filhos.

Utopia é simplesmente um descontentamento com o *status quo*.

Todos os interesses estabelecidos apoiariam a sentença que diz que a ideia da utopia é uma bobagem, porque gostariam que você ficasse simplesmente satisfeito e contente, como búfalos comendo grama – a mesma grama durante toda a vida, como se tivessem nascido apenas para comer grama e depois morrer.

Você ficará surpreso em saber algumas coisas. Você já viu animais fazendo amor? Então deve ter observado que eles não parecem felizes enquanto estão fazendo amor. Não parecem estar eufóricos. Parecem estar desesperados, tristes, como se isso fosse decorrente de alguma necessidade, de uma força biológica; eles têm de fazer amor. Essa é a razão de, passada a temporada do cio, eles nem sequer olharem para a fêmea, e a fêmea nem sequer olhar para o macho; todas as conexões estão terminadas, não há sequer amizade! O amor deles é algo mecânico, forçado. Não é uma alegria, um prazer. Então, para que eles estão vivendo? Só para comer grama e então um dia morrer…

Os interesses estabelecidos no mundo humano também gostariam que vocês fossem como búfalos. Permaneçam satisfeitos em sua pobreza, continuem satisfeitos em sua doença, continuem satisfeitos em sua morte, continuem satisfeitos em sua infelicidade, em seu sofrimento, em sua angústia. Não deve haver nenhuma dificuldade, nenhuma recompensa, nenhum esforço para fazer as coisas melhorarem, de forma que eles continuem explorando vocês sem nenhum impedimento, sem nenhum sentimento de culpa pelo fato de os estarem explorando.

Há todos os tipos de parasita: os padres estão aí, os políticos estão aí. Todo o interesse deles é que vocês continuem em um estado de coma, que permaneçam em um estado de

sonambulismo… apenas adormecidos e sonolentos, de algum modo fazendo suas tarefas, mas nunca se preocupando se as coisas podem ficar melhores. E há milhares de anos eles têm convencido as pessoas de que a vida é assim, que nada mais é possível. O sofrimento é seu destino; o desespero é seu destino. Tudo isso é a vontade de Deus; você não pode mudá-la. Na Índia dizem que nem sequer uma folha de uma árvore pode se mover sem a vontade de Deus. Então, o que lhe resta fazer?

Não é coincidência que, durante dez mil anos, a Índia nunca tenha visto nenhuma revolução. E a Índia tem o pior sistema social; um quarto dos hindus tem vivido quase como gado. Eles são "intocáveis". Foram reduzidos a viver ainda pior que os animais. Os animais não são intocáveis, mas esses seres humanos são. Não só são seres humanos intocáveis, mas suas sombras são também intocáveis. Se a sombra de uma pessoa intocável cair sobre você, você tem de tomar um banho para se purificar. E eles têm convencido essas pessoas, há milhares de anos, que esse é o destino delas, que nada pode ser feito a respeito. Na Índia, ninguém jamais escreveu um livro como a *Utopia*, de Sir Thomas More. Não que os indianos não tenham escrito nada; eles têm escrito talvez a literatura mais importante e volumosa. Mas não há um único livro que lhes dê algum tipo de esperança, uma possibilidade de mudança, de uma revolução. Não, essas palavras jamais são usadas.

Isso é o que eles querem em todo o mundo. Então, quem quer que tenha dito que a utopia, a simples ideia da utopia, é besteira, ele próprio está dizendo besteira. Ele é sua própria besteira.

A utopia é certamente uma necessidade absoluta.

Uma vez que a humanidade se livre de todos os grilhões e de todas as prisões, uma vez que tenhamos tornado a utopia uma realidade, então talvez a utopia possa não ser necessária. Mas eu acho que não, porque nunca conseguiremos fazer nada perfeito. A perfeição não faz parte da existência; tudo continua imperfeito. Vai continuar se tornando cada vez melhor, cada vez mais próximo da perfeição, mas nunca vai se tornar perfeito. E há uma razão para isso, uma razão muito importante para que as coisas sejam assim: no momento em que alguma coisa se torna perfeita, ela morre.

Perfeição é morte. O contrário não é verdade. Não estou dizendo que a morte seja a perfeição; do contrário, todos que morrem se tornariam perfeitos. A morte não é a perfeição, mas a perfeição certamente é morte, porque, quando você conduz algo à perfeição, então o crescimento cessa. Então não há mais nada, nenhum lugar para ir, nada mais a fazer.

A energia humana necessita de um fluxo constante para permanecer viva. É como um rio, não como um lago. Ela precisa continuar fluindo, mudando, em diferentes planícies e montanhas, até atingir o oceano.

Um lago simplesmente não vai a lugar nenhum. É assim que os interesses estabelecidos querem que a sociedade seja – um lago que não vai a lugar nenhum, que simplesmente evapora e morre, e deixa a lama suja atrás.

As energias vitais são como um rio, e um rio que nunca atinge o oceano, um rio que está sempre buscando, buscando, que está sempre encontrando – mas que há sempre mais a encontrar.

Acabo de me lembrar de uma história dos sufis.

Um lenhador era muito idoso e não tinha família – sua esposa havia morrido e ele não tinha filhos. Para se alimentar em sua velhice – e ele devia estar com cerca de 80 anos –, ele tinha de trabalhar arduamente, ir até a floresta para cortar madeira e vendê-la. No máximo, o que ele conseguia era o suficiente para sobreviver.

Todos os dias na floresta ele costumava passar por um místico *sufi* que estava sempre sentado sob uma árvore. E, assim como acontece na tradição oriental, ele tocava os pés do místico, recebia suas bênçãos e ia em frente para realizar seu trabalho.

O místico começou a se sentir triste pelo homem. Um dia, perguntou-lhe: "Você é um homem estranho, não tem nenhuma curiosidade, porque, se penetrasse apenas um pouco mais na floresta, poderia encontrar uma mina de cobre. E apenas um dia de trabalho seria suficiente para alimentá-lo durante sete dias; atualmente, todos os dias você tem de trabalhar. Até eu comecei a me sentir triste por você. É só você ir um pouquinho mais adiante".

O homem estava relutante porque ele conhecia a floresta… mas quem sabe? Talvez o místico estivesse certo, porque ele também conhecia a floresta. Pelo que conseguia se lembrar, o místico estava sempre debaixo da árvore.

Ele decidiu tentar, sem muita certeza do que ia encontrar… Mas acabou encontrando uma mina de cobre. Reuniu cobre suficiente e isso foi de fato o bastante para ele sobreviver por uma semana.

Ele descansou, e depois de uma semana, quando voltou, parecia um pouco melhor, mais saudável, um pouco mais rejuvenescido. Tocou os pés do místico e disse: "Desta vez estou tocando seus pés não apenas por tradição, mas por estar realmente grato".

O místico disse: "Tão cedo? Você é um tolo! Se for um pouquinho mais adiante, vai encontrar uma mina de prata. O trabalho de um dia será o suficiente para sustentá-lo durante um mês".

O homem não conseguia acreditar naquilo – durante toda a sua vida havia vivido na miséria e no sofrimento. Mas o místico tinha se provado certo da primeira vez; talvez, quem sabe, ele estivesse certo de novo. Ou talvez o místico estivesse apenas brincando com ele ou o fazendo de tolo, mas não haveria problema nenhum em tentar.

Ele foi um pouquinho mais adiante e encontrou uma mina de prata. E disse: "Meu Deus! Desperdicei toda a minha vida cortando madeira. Foi um trabalho duro, e depois vendê-la também foi difícil. Há tantos lenhadores, tanta competição".

Juntou alguma prata e aquilo foi realmente suficiente para um mês. Viveu no luxo e no conforto. Depois de um mês ele chegou, caiu aos pés do místico e disse: "Eu lhe sou realmente grato, e sinto muito que tenha havido momentos em que duvidei".

O místico disse: "Você ainda não me entendeu. Vá um pouquinho mais fundo".

O homem disse: "Para quê? Já estou vivendo no luxo!"

Ele disse: "Você não sabe o que é o luxo. Vá um pouquinho adiante e vai encontrar uma mina de ouro".

Estava além da concepção do lenhador ter uma mina de ouro, mas ele foi. Agora não havia

dúvida. Aquele homem realmente sabia das coisas.

Ele encontrou o ouro, e o místico disse: “Isto será o bastante para um ano; talvez eu não consiga vê-lo daqui a um ano”.

O lenhador disse: “Não, eu virei aqui de vez em quando só para tocar seus pés. Você é um homem milagroso! Por que continua sentado aqui, quando sabe tanto sobre ouro e prata?”

Na vez seguinte em que ele foi até o místico, estava parecendo um homem totalmente diferente – belas roupas, belos sapatos – e estava certamente mais jovem, mais saudável. Havia ganhado peso; antes ele era esquelético.

Demorou algum tempo para o místico reconhecê-lo, para ver que ele era aquele velho lenhador. Ele disse: “Então, as coisas estão indo bem?”

O homem disse: “Estão indo incrivelmente bem, mas eu me lembrei na noite passada… talvez haja mais além disso”.

O místico disse: “Agora, finalmente, consegui atingir seu coração. Agora você tem esperança, agora tem um futuro promissor. Sim, há alguma coisa mais além disso, uma mina de diamantes”.

O lenhador disse: “Meu Deus, por que você não disse isso logo de início? Por que desperdicei meu tempo com cobre, prata e ouro?”

O místico disse: “Você não teria acreditado em mim, não teria confiado em mim. Não teria ido se eu lhe falasse em diamantes. Eu tive de ir conduzindo-o aos poucos, devagar. Agora você chega por si mesmo e me pergunta isso. É um bom sinal. Você não está mais satisfeito, contente, embora esteja vivendo mais luxuosamente do que qualquer outra pessoa”.

O lenhador disse: “Isso é verdade. Vou tentar”. Ele se aprofundou mais na floresta e encontrou os diamantes. Então, na volta – esta era a primeira vez que ele ia ao místico no caminho de volta, para tocar seus pés –, ele disse: “Agora talvez eu possa não vir mais. Esses diamantes são suficientes para toda a minha vida. Por isso vim tocar seus pés”.

O místico falou: “Mas há mais outra coisa além disso”.

O lenhador disse: “Não, não há nada mais valioso que diamantes. O que pode haver além de diamantes? Você está brincando comigo!”

O místico disse: “Acredite em mim. Venha pelo menos mais uma vez. Há algo mais valioso que os diamantes”.

E no dia seguinte o homem apareceu – ele não conseguiu dormir a noite toda. Ele tinha diamantes suficientes para viver a vida toda como um rei, mas no dia seguinte ele apareceu. O místico estava sentado com os olhos fechados – era a primeira vez que isso acontecia. O lenhador tocou os pés dele, mas o místico não se moveu, parecia uma estátua. Ele não se moveu, não recebeu sequer sua gratidão.

O homem sacudiu o místico. E disse: “O que aconteceu? Você ia me mostrar algo que estava além”.

O místico, então, falou: “É isso que estou lhe mostrando. Além dos diamantes, está seu próprio ser… apenas um pouco adiante. A menos que você descubra a mina de seu próprio ser, não terá encontrado nada”.

O lenhador disse: “Agora eu consigo entender por que você está sempre sentado aqui, debaixo desta árvore, nunca indo atrás de nada, sem se importar com diamantes. Agora vou me sentar a seu lado, debaixo desta árvore, até descobrir essa mina sobre a qual você está falando. É muito difícil. As outras foram muito fáceis – foi só andar um pouco mais, um pouco mais. Agora você está mudando toda a direção”.

Enquanto o lenhador ficou sentado em silêncio na floresta na presença do místico – imergindo-se em sua presença, em seu silêncio, em seu ser amoroso –, um dia inteiro se passou. E, quando o sol estava se pondo, o homem ficou impressionado. Ele abriu os olhos. E disse: “Você devia ter me dito isso antes – estive sempre passando por aqui. Você não é um homem compassivo. Durante anos estive cortando madeira, levando a carga em meus próprios ombros, e você estava simplesmente sentado aqui desfrutando deste sentimento interior, desta alegria interior, e não me falou sobre isso”.

O místico disse: “Você não teria me escutado. Primeiro, os diamantes são necessários. Agora você pode ir para casa, porque a mina de seus tesouros está dentro de você. Lembre-se apenas de uma coisa: vá sempre em frente, nunca pare. Não há um ponto-final, porque todo ponto-final é uma morte”.

Podemos ser capazes de criar algo melhor que todos os utópicos do mundo já sonharam, mas a utopia sempre existirá no horizonte, parecendo tão perto e possível de alcançar – neste momento, daqui a uma hora –, lá onde a terra está tocando o céu. Mas, quando você se aproxima do horizonte, o horizonte continua recuando, a distância entre você e o horizonte continua a mesma. E esse é todo o segredo do crescimento e da evolução.

Os milagres são possíveis, mas nenhum milagre será perfeito. A perfeição não é possível, e é bom que ela não seja possível. Ela o mantém indo em frente, o mantém vivo, o mantém fluindo.

Sou totalmente favorável à utopia, e sei que as ideias sobre a utopia vão mudar. O que quer que tenhamos atingido não será parte da utopia, mas de alguma outra coisa que vai se tornar parte dela. Não há outro caminho. A evolução do homem é multidimensional, sua consciência pode crescer até o infinito, e deve crescer até o infinito.

Sobre o autor

Osho desafia qualquer categorização. Suas milhares de palestras abordam tudo, desde a busca individual por sentido até as questões sociais e políticas mais prementes enfrentadas pela sociedade atual. Seus livros não são escritos, mas transcritos de gravações de áudio e vídeo de palestras dadas para ouvintes oriundos das mais diferentes partes do mundo. Como ele diz: "Lembrem-se: o que quer que eu esteja dizendo não é apenas para vocês […] Estou falando também para as futuras gerações". Em Londres, Osho foi descrito pelo jornal *Sunday Times* como um dos "mil realizadores do século XX" e pelo escritor norte-americano Tom Robbins como "o homem mais perigoso desde Jesus Cristo". O *SundayMid-Day* (Índia) selecionou Osho como uma das dez pessoas que mudaram o destino da Índia – juntamente com Gandhi, Nehru e Buda.

Sobre seu próprio trabalho, Osho disse que está ajudando a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Ele em geral caracteriza esse novo ser humano como "Zorba, o Buda", alguém capaz de aproveitar tanto os prazeres terrenos de um Zorba, o Grego, como também a serenidade silenciosa de Gautama, o Buda. A análise de todos os aspectos das palestras e meditações de Osho mostra que estas englobam tanto a sabedoria atemporal de todas as eras passadas como o alto potencial tecnológico e científico de hoje (e de amanhã).

Osho também é conhecido por suas revolucionárias contribuições para a ciência das transformações internas, com uma abordagem da meditação que leva em consideração o passo acelerado da vida contemporânea. Sua técnica única de "meditação ativa" é projetada de forma a aliviar o estresse acumulado no corpo e na mente, tornando possível a vivência do livre-pensamento e do relaxante estado meditativo na vida cotidiana.

Resort de Meditação da Osho Internacional

Localização: situado a aproximadamente 160 quilômetros a sudeste de Mumbai, na próspera cidade de Puna, na Índia, o Resort de Meditação da Osho Internacional é um destino de férias, com uma diferença: ocupa 16 hectares de jardins espetaculares e uma maravilhosa área residencial urbanizada.

Singularidade: todos os anos, o resort de meditação recebe milhares de pessoas de mais de cem países. O *campus* proporciona a oportunidade para uma experiência direta de uma nova maneira de viver – com mais consciência, relaxamento, celebração e criatividade. Ali está disponível uma grande variedade de programas 24 horas por dia, durante o ano todo. Não fazer nada e apenas relaxar é uma delas!

Todos os programas são baseados na visão de Osho de "Zorba, o Buda" – um tipo qualitativamente novo de ser humano, que é capaz *ao mesmo tempo* de participar criativamente da vida cotidiana e de relaxar no silêncio e na meditação.

Meditações: Uma programação de um dia inteiro de meditações para todo tipo de pessoa inclui métodos ativos e passivos, tradicionais e revolucionários, e em particular as *Osho Active Meditations*®. As meditações ocorrem num espaço que deve ser o maior salão de meditação do mundo, o *Osho Auditorium*.

Multiversidade: Sessões individuais, cursos e workshops abordam tudo, desde artes criativas até tratamentos de saúde holística, transformação pessoal, questões de relacionamento e mudanças da vida, trabalho como meditação, ciências esotéricas e abordagem "Zen" para esportes e recreação. O segredo da multiversidade está no fato de que todos os seus programas estão combinados com a meditação, sustentando o entendimento de que, como seres humanos, somos muito mais do que a soma de nossas partes.

Basho Spa: O luxuoso *Basho Spa* proporciona uma natação calma ao ar livre, em um local cercado de árvores e vegetação tropical. As espaçosas *Jacuzzi* singularmente projetadas, as saunas, o ginásio, as quadras de tênis… tudo enfatizado por sua localização fantasticamente bela.

Cozinha: Várias áreas diferentes de alimentação servem deliciosas refeições vegetarianas ocidentais, asiáticas e indianas – e a maioria dos alimentos é plantada especialmente para este resort de meditação. Os pães e bolos são assados na própria padaria do local.

Vida noturna: Há muitos eventos noturnos para escolher – a dança está no topo da lista! Outras atividades incluem meditações durante a lua cheia sob as estrelas, apresentações musicais e meditações para a vida cotidiana. Ou você pode simplesmente desfrutar do encontro com amigos no Plaza Café ou ainda caminhar na calma noturna dos jardins deste ambiente de conto de fadas.

Conveniências: Você pode comprar seus produtos e artigos de higiene básicos na Galeria. Na *Multimedia Gallery* você encontra uma grande quantidade de produtos audiovisuais relacionados a Osho. Há também um banco, uma agência de viagens e um Cyber Café no *campus*. Para aqueles que gostam de fazer compras, Puna proporciona todas as opções desde produtos indianos tradicionais e étnicos até os das mais diferentes marcas internacionais.

Acomodações: Você pode optar por ficar nos elegantes aposentos da *Osho Guesthouse*, ou, para estadias mais prolongadas, optar por um dos pacotes do programa *Living-In*. Além disso, há vários hotéis e *flats* mobiliados nas proximidades.

Acesse www.osho.com/meditationresort para mais informações.

Para mais informações

Para mais informações sobre Osho e seu trabalho, acesse:

www.osho.com

Trata-se de um abrangente site em vários idiomas, que inclui uma revista, livros de Osho, palestras de Osho em formato de áudio e vídeo, uma biblioteca de textos de Osho em inglês e hindi e ampla informação sobre as meditações de Osho. Você também encontrará o programa dos cursos da Osho Multiversity e informações sobre o Resort de Meditação da Osho Internacional.

Acesse os sites:
www.OSHO.com/resort
www.OSHO.com/magazine
www.OSHO.com/shop
www.youtube.com/OSHO
www.oshobytes.blogspot.com
www.Twitter.com/OSHOtimes
www.facebook.com/pages/OSHO.International
www.flickr.com/photos/oshointernational
Para contatar a Osho Internacional, acesse:
www.osho.com/oshointernational
oshointernational@oshointernational.com

“O homem nasce com uma potencialidade desconhecida, misteriosa. Sua face original não está disponível quando ele vem ao mundo. Ele tem de encontrá-la. Ela vai ser uma descoberta, e aí está sua beleza. E essa é a diferença entre um ser e uma coisa. Uma coisa não tem potencial, ela é o que é. Uma mesa é uma mesa, uma cadeira é uma cadeira. A cadeira não vai se tornar qualquer outra coisa, ela não tem potencialidade; só tem atualidade. […] O homem não é uma coisa.”

Este é um dos inspiradores trechos iniciais deste novo livro de Osho, que aborda sobretudo qual é o potencial do ser humano. Ele fala da relação entre o ser humano, as coisas, os animais e o divino e, ao tratar desse assunto, acaba discutindo questões como o sofrimento, a essência *versus* a existência, a agonia, o êxtase, a potencialidade das crianças e o que devemos fazer para encontrar nosso verdadeiro caminho.

Além dessas reflexões, Osho também responde a questões como:

- O que torna uma pessoa infeliz?
- Como ajudar uma criança a crescer sem interferir em sua potencialidade natural?
- Qual deve ser nossa atitude em relação à morte?
- É realmente possível encontrar felicidade na vida cotidiana?

A jornada de ser humano é mais um valioso livro da bem-sucedida série “Questões Essenciais”, baseada em palestras proferidas por Osho ao longo de sua vida.

Conheça os outros títulos da série “Questões Essenciais” lançados pela Editora Planeta:









“Você só pode ser humano se fizer todos os esforços, todos os esforços possíveis, para se tornar divino. Nesses próprios esforços, sua humanidade vai começar a brilhar. Nesses próprios esforços, você vai se tornar vivo.”

Osho

Já faz muitas décadas que Osho serve de inspiração para o ser humano do mundo contemporâneo. Neste quinto livro da excelente série "Questões Essenciais", ele discute inúmeras questões a respeito de um tópico essencial: o que é o homem? Segundo ele, o homem é uma ponte entre o animal e o divino, e é o fato de termos consciência dessa nossa dualidade o que nos torna humanos. Mas é isso também o que nos deixa agitados e cheios de conflito com nossa própria natureza, e é muito comum que nos encontremos diante de encruzilhadas de egoísmo e generosidade, de amor e ódio, de fragilidade e força, esperança e desespero.

Em *A jornada de ser humano*, Osho analisa como podemos aceitar essas aparentes contradições. Segundo ele, essa é a chave para transformar cada problema da jornada de nossa vida em uma nova descoberta sobre qual é nosso verdadeiro destino.

Osho é um dos mais provocativos e inspiradores professores espirituais do século XX. É conhecido por suas revolucionárias contribuições para a ciência das transformações internas, e a influência de seus ensinamentos continua a crescer, atingindo leitores de todas as idades em inúmeros países do mundo.

Academia ESPIRITUALIDADE